

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARLA MÄNNICH

CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA: MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES

CURITIBA

2013

CARLA MÄNNICH

CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA: MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Salete Kozel Teixeira.

CURITIBA

2013

Männich, Carla

Centro histórico de Curitiba: múltiplas percepções / Carla Männich.
– Curitiba, 2013.

142 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Orientadora: Salete Kozel Teixeira

1. Geografia humana 2. Percepção espacial. I. Teixeira, Salete
Kozel. II. Título.

CDD 304.23



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo (a) candidato (a) **CARLA MÄNNICH** intitulada "**CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA: MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES**", para obtenção do grau de Mestre em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Território, Cultura e Representação**.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido o (a) candidato (a), são de parecer pela Aprovada da Dissertação.

Curitiba, 26 de março de 2013.

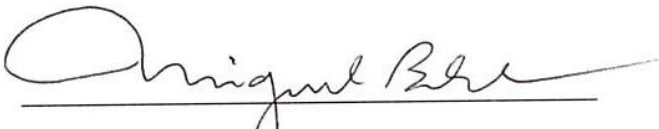
Nome e Assinatura da Banca Examinadora:



Prof. Dra. Salete Kozel Teixeira - Orientadora



Prof. Dra. Letícia Bartoszeck Nitsche - UFPR



Prof. Dr. Miguel Bahl - UFPR

Aos meus pais, Grete e Wolfgang, pelo apoio e carinho que sempre me deram.

AGRADECIMENTOS

À Deus.

Aos meus pais, Grete e Wolfgang, por acreditarem em mim e sempre se dedicarem para me dar o melhor. Ich liebe euch.

Ao meu irmão, Michael, e minha cunhada, Priscila, por sempre me incentivarem e me ajudarem.

À professora Salete, por acreditar em mim e na minha ideia, me orientar e me mostrar sempre a importância de se amar o que se faz.

Aos meus amigos e demais familiares, que me acompanharam durante essa etapa da minha vida, por me incentivarem e ajudarem sempre que possível.

Aos colegas do mestrado e doutorado que estavam sempre dispostos a ajudar e contribuir na minha formação, em especial minha amiga Larissa Souza, com a qual já estudo desde a graduação, e que é minha companheira de ideias, de crises, de realizações, e sempre uma grande incentivadora.

Aos professores do Departamento de Turismo, essenciais na minha formação, e que também sempre me incentivaram a continuar estudando.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, que me ajudaram a entrar no mundo da geografia.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Geografia, que sempre foram muito prestativos e muito companheiros.

Ao Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo, que no primeiro momento me deu flexibilidade para a realização do mestrado, e posteriormente autorizou minha licença para que pudesse me dedicar exclusivamente à dissertação. E a todos os colegas de lá que me incentivaram e me ajudaram com o que eu precisei.

À CAPES/Reuni, pela bolsa concedida na reta final do mestrado, que permitiu que eu me dedicasse exclusivamente à ele.

A todos vocês, meu muito obrigada. Essa jornada não seria possível sem vocês!

RESUMO

A geografia humanista permite que se construa um conhecimento científico que englobe os elementos subjetivos da relação do homem com o espaço. Nesse viés, foi desenvolvida essa pesquisa, nos anos de 2012 e 2013, cujo objetivo principal foi elucidar as diferentes percepções que as pessoas têm do Centro Histórico de Curitiba. Uma análise teórica evidenciou a importância das experiências vividas em determinado espaço na percepção que cada pessoa tem do mesmo. Através de uma pesquisa de campo, cuja metodologia principal foi a aplicação de mapas mentais, foi possível averiguar na prática os conceitos abordados, visto que cada participante expressou de uma maneira diferente sua percepção do Centro Histórico. Tido pelo poder público, pela iniciativa privada e pela mídia como um espaço de muito potencial, especialmente por sua relevância histórica e cultural, o Centro Histórico de Curitiba é lembrado pela maioria dos participantes pelos elementos construídos que compõem seu cenário, especialmente as igrejas e a Fonte da Memória. Mas outros elementos são evidenciados, em sua maioria mostrando apreciação desse espaço, como a diversidade de pessoas que circulam nessa área e manifestações culturais como a Feira do Largo. O Centro Histórico é considerado um espaço de múltiplas percepções, um lugar que guarda memórias de um passado, do desenvolvimento da cidade, e um lugar onde diariamente circulam moradores e turistas, vivendo novas experiências, mantendo vivo esse ambiente impregnado pela história e cultura.

Palavras-chave: geografia humanista, percepção do espaço, mapas mentais, Centro Histórico de Curitiba.

ABSTRACT

The humanistic geography allows us to build a scientific knowledge that embraces the subjective features of human's relationship with the environment. Therefore, was developed the following research, whose main objective was to enlighten the different perceptions people have from Curitiba's Historic District. A theoretical analysis has shown how important are particular experiences lived in a space for each person's perception of that space. Through a field research, whose main methodology was the application of mind maps, it was possible to verify in practice the concepts covered, as each participant expressed differently their perception of the Historic District. Taken by government, the private sector and the media as an area of great potential, especially for its cultural and historical significance, the Historic District of Curitiba is remembered by most participants for the constructed elements that composes its scenario, churches above all and the "Fountain of Memory". But other elements were pointed, mostly showing appreciation to that space, like the diversity of people moving around that area and cultural events such as the Fair of Largo da Ordem. The Historical District is considered an area of multiple perceptions, a place that holds memories of a past, the development of the city, and a place where locals and tourists circulate daily going through new experiences, keeping alive this environment full of history and culture.

Key words: humanistic geography, space perception, mind maps, Historic District of Curitiba.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PLANTA DO SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA.....	47
FIGURA 2 – RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.....	49
FIGURA 3 – MUSEU PARANAENSE	50
FIGURA 4 – SOCIEDADE GARIBALDI.....	51
FIGURA 5 – FONTE DA MEMÓRIA.....	52
FIGURA 6 – IGREJA DO ROSÁRIO	53
FIGURA 7 – RUA CLAUDINO DOS SANTOS	54
FIGURA 8 – MEMORIAL DE CURITIBA	55
FIGURA 9 – IGREJA DA ORDEM.....	56
FIGURA 10 – CASA ROMÁRIO MARTINS	57
FIGURA 11 – RUA MATEUS LEME.....	58
FIGURA 12 – PAINÉIS DO POTY LAZZAROTTO	59
FIGURA 13 – PRAÇA TIRADENTES.....	60
FIGURA 14 – CATEDRAL BASÍLICA MENOR DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS	61
FIGURA 15 – PRAÇA JOSÉ BORGES DE MACEDO	62
FIGURA 16 – FACHADA DO PAÇO DA LIBERDADE	63
FIGURA 17 – SOLAR DO BARÃO.....	64
FIGURA 18 – PRAÇA 19 DE DEZEMBRO	65
FIGURA 19 – PASSEIO PÚBLICO	66
FIGURA 20 – TEATRO GUAÍRA.....	67
FIGURA 21 – PRÉDIO HISTÓRICO DA UFPR.....	68
FIGURA 22 – RUA XV DE NOVEMBRO.....	69
FIGURA 23 – BONDINHO DA LEITURA	70
FIGURA 24 – CÂMARA MUNICIPAL DOS VEREADORES.....	71
FIGURA 25 – PRAÇA ZACARIAS.....	72
FIGURA 26 – EDIFÍCIO DA BPP	73
FIGURA 27 – DIAGRAMA SOBRE <i>PETIT-PAVÉS</i>	74
FIGURA 28 – CALÇADA DE <i>PETIT-PAVÉ</i>	75
FIGURA 29 – FEIRA DO LARGO	77
FIGURA 30 – GALERIA DE LUZ.....	78

FIGURA 31 – VIRADA CULTURAL.....	79
FIGURA 32 – PRÉ-CARNAVAL.....	80
FIGURA 33 – ZOMBIE WALK.....	81
FIGURA 34 – LOGOMARCA REDE EMPRESARIAL DO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA.....	82
FIGURA 35 – MAPA TURÍSTICO DO CENTRO HISTÓRICO	85
FIGURA 36 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 1	90
FIGURA 37 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 2	92
FIGURA 38 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 3	94
FIGURA 39 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 4	95
FIGURA 40 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 5	97
FIGURA 41 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 6	98
FIGURA 42 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 8	99
FIGURA 43 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 9	101
FIGURA 44 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 10	103
FIGURA 45 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 11	104
FIGURA 46 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 12	106
FIGURA 47 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 13	107
FIGURA 48 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 14	109
FIGURA 49 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 15	110
FIGURA 50 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 16	111
FIGURA 51 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 17	113
FIGURA 52 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 18	115
FIGURA 53 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 19	116
FIGURA 54 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 20	118
FIGURA 55 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 21	119
FIGURA 56 – QUADRO SOBRE O MAPEAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO ...	125
FIGURA 57 – MAPEAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO	126

LISTA DE SIGLAS

BPP	- Biblioteca Pública do Paraná
CTUR	- Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo
FCC	- Fundação Cultural de Curitiba
Fecomércio - PR	- Federação do Comércio do Paraná
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPPUC	- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
IPTU	- Imposto Predial Territorial Urbano
MAC	- Museu de Arte Contemporânea
MAS	- Museu de Arte Sacra
MPB	- Música Popular Brasileira
PAC	- Programa de Aceleração do Crescimento
PIT	- Posto de Informações Turísticas
PMC	- Prefeitura Municipal de Curitiba
RMC	- Região Metropolitana de Curitiba
SEBRAE - PR	- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná
SEEC	- Secretaria de Estado da Cultura
TRE	- Tribunal Regional Eleitoral
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UIEP	- Unidade de Interesse Especial de Preservação
UIP	- Unidade de Interesse de Preservação
URBS	- Companhia de Urbanização de Curitiba
USP	- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	15
1.1 UM OLHAR SOBRE A GEOGRAFIA HUMANISTA E SUAS NUANCES	15
1.1.1 A fenomenologia como aporte da geografia humanista	22
1.2 A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO	25
1.3 MAPAS MENTAIS: UMA METODOLOGIA DE PESQUISA	33
2 CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA: UMA PERSPECTIVA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA	39
2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO LUGAR	41
2.2 AS EDIFICAÇÕES QUE FORMAM O CENTRO HISTÓRICO	48
2.3 O DIA-A-DIA CENTRO HISTÓRICO	77
3 DESVENDANDO AS PERCEPÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA	87
3.1 A PESQUISA EMPÍRICA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	87
3.2 O CENTRO HISTÓRICO NA PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS: OS MAPAS MENTAIS	89
3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICE	140

INTRODUÇÃO

As pessoas vivenciam e têm diferentes experiências em um mesmo espaço, o que faz com que elas associem representações e simbologias diferentes a ele. Mas, muitas simbologias, apesar de não terem o contexto de sua formação vivenciado, são associadas à identidade das pessoas enquanto integrantes de um grupo (como ser morador de uma cidade, por exemplo), e o seu desenvolvimento e transformações tornam-se importantes no contexto atual desse espaço, e nas representações que as gerações subsequentes associam a ele.

O ser humano, em sua interação em grupos, transforma o espaço e deixa suas marcas, que são representações da sua cultura e vivência. Os elementos construídos e que sofrem transformações no espaço estão repletos de signos e simbologias que representam os pensamentos, as experiências e as escolhas dos seres humanos que nele vivem.

As representações presentes no espaço são capazes de consolidar uma relação de afetividade entre esse e o homem. Essa afetividade se constrói a partir das vivências e experiências do homem com o meio, e estas são geralmente mais fortes na medida em que o contato entre ambos é maior e dotado de mais informações e conhecimentos. Tais conhecimentos podendo ser relativos a aspectos históricos, culturais e até ambientais, que revelam a construção do espaço em questão, as suas transformações e as suas representações, que podem remeter à identidade enquanto integrantes de um grupo.

O estudo dos espaços e suas representações é abordado na geografia humanista, que tem como tema de estudo as relações entre o homem e o espaço. Uma das principais características dessa vertente da geografia é a pluralidade de temas e metodologias de estudo, e entre as diversas possibilidades, se inclui a percepção do espaço, enquanto simbólico e associado à afetividade.

Os estudos da percepção do espaço procuram desvendar a relação do homem com o espaço através do entendimento das experiências e vivências que ele realiza no mesmo. Tais estudos permitem que se compreendam quais são as representações marcantes para cada pessoa, pois diversos elementos influenciam a percepção, e esses têm um caráter muitas vezes pessoal, o que sugere percepções diferenciadas, variando de indivíduo para indivíduo.

Enquanto para algumas pessoas um espaço pode não ter grande importância e não ter valor simbólico, para outra pessoa esse mesmo espaço pode ser dotado de simbologias e de representações que consolidem uma relação de identidade e afinidade, transformando esse espaço em lugar.

O intuito principal do estudo aqui proposto foi de buscar compreender qual é a percepção que diferentes pessoas tinham do Centro Histórico de Curitiba e quais são as suas representações.

A pesquisa foi desenvolvida nos anos de 2012 e 2013, e o espaço escolhido para a sua realização foi o Centro Histórico de Curitiba, por tratar-se de uma área no centro da capital paranaense, na qual se encontram construções históricas dos séculos XVIII e XIX, bem como modernas construções, oferecendo aos moradores e visitantes diversos tipos de comércio, serviços, bem como atividades culturais e de lazer.

Desde o início do desenvolvimento da cidade de Curitiba, a área onde se situa o Centro Histórico já apresentava a concentração de comércios, serviços públicos, igrejas e variadas atividades, como feiras públicas. Essa área da cidade preserva os elementos mais significativos do desenvolvimento de Curitiba. Existe uma área delimitada no zoneamento de Curitiba como o Setor Histórico da mesma. Esse espaço é delimitado por lei por sua importância histórica, porém optou-se por adotar nesse trabalho o termo Centro Histórico, justamente para evitar que se trabalhasse com um espaço delimitado, permitindo que os próprios participantes desvendassem qual área consideram de importância histórica para a cidade.

Diversos motivos levaram à escolha do Centro Histórico como o recorte espacial dessa pesquisa. Tal espaço é caracterizado por constantes transformações espaciais, nas quais as mesmas edificações já tiveram diversos usos e conseqüentemente diversas representações para os moradores, trata-se ainda de um importante atrativo turístico de Curitiba, e de um espaço no qual tem-se um grande fluxo de pessoas, as quais têm diferentes graus de relação com o mesmo.

A escolha pela realização dessa pesquisa nesse espaço específico da cidade se justificou ainda pelos recentes projetos de revitalização que estão ocorrendo no local, e pela consolidação do mesmo como um espaço para a realização de eventos culturais da cidade. A evidência desse espaço no contexto atual despertou a curiosidade em entender se essas ações têm valorizado esse espaço pela sua importância histórica e cultural, e se os elementos presentes no mesmo, que

refletem diferentes períodos do desenvolvimento de Curitiba, são percebidos por suas representações.

O problema da pesquisa foi o de entender quais são as diferentes percepções que os usuários do Centro Histórico de Curitiba tinham desse espaço, e entender qual o significado do mesmo para eles. O objetivo principal da pesquisa foi o de identificar como o Centro Histórico era percebido pelas pessoas que transitavam nesse espaço por diferentes razões: moradia, trabalho, estudo, compras, passeio, entre outros.

Entre os objetivos específicos da pesquisa, tem-se a realização de um referencial teórico referente à percepção do espaço, dentro do campo da geografia humanista; fazer um levantamento documental e bibliográfico sobre o Centro Histórico; entender como o Centro Histórico era experienciado e percebido pelos participantes da pesquisa; e entender que espaços as pessoas consideravam como integrantes do Centro Histórico, e quais os elementos mais marcantes do mesmo.

Para o alcance dos objetivos propostos, adotou-se como orientação a fenomenologia aplicada aos estudos da geografia humanista. Além da realização da pesquisa documental e bibliográfica, integra o trabalho uma pesquisa de campo com usuários do Centro Histórico de Curitiba, incluindo a aplicação de um questionário, a elaboração de mapas mentais e a marcação da abrangência do Centro Histórico em uma planta da área central da cidade. A análise dos mapas mentais e o cruzamento dos dados obtidos através dos questionários (que auxiliaram no traçado de um perfil básico de cada participante) e da demarcação do Centro Histórico serviram para elucidar o problema proposto pela pesquisa e atingir os objetivos.

O Centro Histórico de Curitiba, assim como de outras cidades, é considerado um espaço de grande valor histórico e cultural, e, por esta razão, supõe-se ser um elemento importante na conformação da identidade da população. A realização dessa pesquisa permitiu evidenciar se as representações associadas ao Centro Histórico de Curitiba valorizavam esse espaço como identidade do curitibano. Ainda considerando esse espaço como relevante histórica e culturalmente, tem-se seu uso pela atividade turística, e nesse sentido a pesquisa permitiu compreender como o turista se relacionava com ele, como apreendeu as simbologias existentes, e se contribuíram para o enriquecimento da experiência vivida na cidade.

Os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para o planejamento e uso do espaço na cidade de Curitiba. Primeiramente em relação à questão de identidade

da população com o Centro Histórico de Curitiba e com o desenvolvimento da cidade. Nesse sentido, os resultados possibilitaram diagnosticar como era a relação da população com esse espaço, evidenciando a identidade da mesma. Esse diagnóstico pode orientar o planejamento da área central da cidade e a elaboração de ações educativas e de valorização.

Os resultados da pesquisa podem ser relevantes também para o planejamento turístico de Curitiba. O Centro Histórico tem recebido investimentos do turismo, como por exemplo, a implantação do roteiro “Curta Curitiba a Pé”, pelo Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo (CTUR) em março de 2012 (FRANCO, 2012), que consiste na distribuição de um material impresso de apoio à visita da região central de Curitiba. Esse projeto procura orientar a visita nessa área da cidade, destacando seu valor histórico e cultural. Os resultados da pesquisa podem apontar qual é a percepção que o turista tem desse espaço, bem como orientar diretrizes para esse projeto, e outros futuramente, buscando otimizar a experiência do turista e sua relação com a identidade local.

Na primeira parte do trabalho, são apresentados conceitos teóricos e metodológicos que embasaram o mesmo, iniciando pela geografia humanista, passando pela fenomenologia, pelos conceitos da percepção do espaço e por fim evidenciando a metodologia adotada na pesquisa, os mapas mentais.

A segunda parte apresenta o recorte espacial da pesquisa, o Centro Histórico de Curitiba, incluindo um breve histórico de seu desenvolvimento, bem como dados acerca dos elementos que o compõem, apresentando ainda um panorama atual de seus usos e dos acontecimentos envolvendo essa área da cidade.

Na terceira parte do trabalho se apresenta a pesquisa empírica, a metodologia desenvolvida, bem como os resultados alcançados e sua análise, elucidando o problema proposto na pesquisa, ou seja, identificar quais as diferentes percepções sobre o Centro Histórico de Curitiba.

1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para compreender melhor o desenvolvimento desse trabalho, inserido no campo de estudos da geografia humanista, com viés fenomenológico, considera-se ser importante discorrer a esse respeito, sendo que tais concepções direcionaram a pesquisa.

A seguir, será apresentado o embasamento teórico metodológico da geografia humanista e da fenomenologia, posteriormente serão enfocados aspectos sobre a percepção do espaço, e a metodologia utilizada no trabalho, os mapas mentais.

1.1 UM OLHAR SOBRE A GEOGRAFIA HUMANISTA E SUAS NUANCES

Ao realizar uma retrospectiva ao desenvolvimento da geografia, diversas são as concepções existentes e, como coloca Moraes (1998, p. 19), “quase todo autor dá uma roupagem própria” ao que seria o seu objeto de estudo, evidenciando a sua pluralidade. Neste trabalho, adotou-se o enfoque humanista, fortalecido a partir da década de 1970, e cujas concepções eram antagônicas às ideias positivistas, dominantes até então, que demandavam um conhecimento científico pautado em dados objetivos, renegando os elementos subjetivos da realidade humana.

O desenvolvimento da Geografia Humanista desponta a partir da renovação dos estudos geográficos, na década de 1970, mas as primeiras contribuições para a sua construção remetem ao final do século XIX, e aos estudos da geografia cultural. É importante destacar que é difícil falar de geografia humanista sem se reportar, em algum momento, a geografia cultural, pois, para Holzer (1993), a geografia humanista é herdeira direta da geografia cultural.

Amorim Filho (1996) coloca que as raízes da geografia humanista são antigas, e define algumas etapas, a partir do final do século XIX, que contribuíram para a formação e evolução desse campo de estudos. A primeira etapa seriam os princípios da escola francesa tradicional, que começou a trabalhar a cultura dentro dos estudos geográficos.

Para entender melhor a escola francesa da geografia, é importante conhecer antes a obra de Ratzel, que era alemão, e contribuiu muito na concepção dos franceses dessa geografia cultural (CLAVAL, 1999). A concepção da geografia elaborada por Ratzel tinha por princípios mapear e descrever as áreas onde vivem os homens, estabelecendo as causas geográficas do estabelecimento desses na superfície da Terra e definir a influência da natureza sobre eles (CLAVAL, 1999). O autor utilizou o termo geografia cultural pela primeira vez em um estudo de 1880; para ele, a cultura engloba os utensílios e o *know-how* que permitem ao homem apropriar-se do espaço, sob um aspecto mais material. A principal obra de Ratzel foi publicada em 1882, com o título de “Antropogeografia: fundamentos da aplicação da Geografia à História”, focando na influência da natureza sobre a humanidade (MORAES, 1998). As ideias de Ratzel, apesar de colocarem o homem nos estudos geográficos, ainda o fazem enquanto uma ciência natural.

Na escola francesa, Vidal de La Blache, partindo das contribuições de Ratzel, interessou-se pelo estudo da relação entre o homem e a natureza, porém com foco voltado às paisagens (MORAES, 1998). O autor propõe o conceito de “gênero de vida”, sendo este entendido como as técnicas, hábitos, usos e costumes que possibilitam a apropriação do espaço pelo ser humano (MORAES, 1998). Jean Brunhes também é relevante nesse contexto da geografia francesa. Brunhes sofreu influências de seu professor, La Blache, bem como da geografia alemã, e seus estudos se voltaram à análise dos fatos da ocupação do espaço, englobando aspectos históricos e etnográficos (CLAVAL, 1999).

Essas ideias são relevantes para o futuro desenvolvimento da geografia, segundo Amorim Filho (1996), assim como as reflexões de Sauer (na década de 20), sobre a geografia como estudo da diferenciação de áreas e as paisagens vividas e percebidas pelos homens como tema de estudo.

Nos Estados Unidos, Carl Sauer fundou a Escola de Berkeley. Cerca de 30 anos após os primeiros estudos alemães, Sauer (1998) afirma que o campo de estudo da geografia está relacionado à relação do homem com o espaço onde habita, que é expressa através da paisagem cultural. A geografia de Sauer e de seus discípulos possuía uma ligação muito forte com a antropologia e a história, e de acordo com Corrêa (1997, p. 261) “através dele [Sauer], a geografia norte-americana libera-se do determinismo ambiental”, expandindo suas possibilidades. As

contribuições de Sauer foram, dessa forma, muito importantes para o desenvolvimento da geografia humana com enfoque cultural.

Amorim Filho (1996) coloca também como importantes as ideias de Wright (na década de 40), que afirmava que após explorar a superfície da Terra, os pesquisadores deveriam voltar-se para uma última “terra incógnita”, para o que propôs o nome de geosofia.

Holzer (1993) discorre a respeito das ideias de Wright, de que os geógrafos não devem utilizar somente sua própria imaginação, mas também a de outros. Para ele, a geografia é composta por dois domínios: os estudos formais e os trabalhos não científicos, que apresentam concepções mais subjetivas do mundo, que seriam o que ele chamava de geosofia.

As propostas de Kirk (na década de 50) também são relevantes por suas contribuições na geografia humanista. Amorim Filho (1996) afirma que tal autor chamou a atenção para a importância dos estudos das percepções e comportamentos do conhecimento do ambiente, e esses estudos também fortaleceram a geografia cultural.

Também na década de 50, teve-se o desenvolvimento dos estudos de Eric Dardel, que escreveu a obra “*L’Homme et La terre: nature de la réalité géographique*” (“O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”) em 1952. Na época em que foi lançada, a obra não foi valorizada e aceita por parte dos demais geógrafos franceses, pois suas ideias iam além dos limites aceitos pelo pensamento positivista adotado na época por eles.

Dardel (2011, p. 7) afirmava que “há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar”. Para ele, antes de existir um estudo formal da geografia, é preciso que os homens se relacionem geograficamente com o espaço. E ele ainda ressalta que é a percepção humana do espaço que importa, segundo ele, “[...] fora de uma presença humana atual ou imaginada, não há nem mesmo geografia física, somente uma ciência vã. O antropocentrismo não é uma imperfeição, mas uma exigência inelutável” (DARDEL, 2011, p. 8).

A obra de Dardel abre uma possibilidade de estudo da geografia que ultrapassa as concepções positivistas da época, por isso, no momento de seu lançamento, a obra foi rejeitada, mas posteriormente resgatada, e tem papel essencial na concepção da geografia humanista.

Para Dardel (2011), a geografia é o meio pelo qual o homem realiza sua existência na Terra. A ciência geográfica pressupõe essa experiência, que vem antes de qualquer conhecimento científico e objetivo. Essa experiência, para o autor, não pode ser objetivada, ela precisa ser trabalhada de forma subjetiva, e essa característica não desmerece esses dados, que seriam então o verdadeiro objeto de estudo da ciência geográfica.

Amorim Filho (1996) destaca ainda Lowenthal, que, na década de 60, propôs a valorização da experiência vivida e da imaginação no pensamento geográfico. Ele retoma o conceito de geosofia de Wright no desenvolvimento de suas propostas (HOLZER, 1993).

Entre as décadas de 1950 e 1970, os estudos de geografia atravessaram um período de crise. Com as mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas ocorrendo no mundo, os temas e conceitos adotados até então não eram mais aplicáveis e suficientes para os pesquisadores. É nesse período de crise que se desenvolve essa vertente da geografia. Esse processo se desenvolve em um contexto de valorização cultural, marcado pelas viradas culturais. Claval (2008) discorre a respeito das três viradas culturais: a virada linguística (valorização das palavras e imagens como fonte de informação), a virada espacial (organização social em lugares e espaços concretos) e virada cultural (identificação da influência de aspectos subjetivos e de representações da cultura nos processos sociais, econômicos e políticos).

Sobre esse processo de transformação do pensamento geográfico, Claval (2001, p. 39) faz uma importante síntese:

A transformação que começa a afetar os estudos culturais conduzidos pelos geógrafos a partir do início da década de 1970 repousa sobre uma mudança completa de atitudes e nasceu da constatação de que as realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de ideias. As relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço tem uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Expressam-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atividade mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são o objeto de discursos e de uma reflexão sistemática.

A geografia se renova nesse contexto em que os geógrafos buscavam novas respostas para os problemas trabalhados. Tais respostas deveriam ultrapassar a ciência positivista a objetiva, e dar vazão aos temas e às pesquisas de caráter mais antropológico, que até então não eram respeitadas no meio acadêmico.

É a partir da década de 1970 que Tuan, Buttimer e Relph desenvolveram suas pesquisas em geografia humanista, sendo considerados os principais nomes que consolidaram esse campo da atividade geográfica. Holzer (2003, p. 115) afirma que: “esses autores foram pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico-existencialista, aporte que mais tarde permitia a identificação de seus trabalhos como humanistas”.

Entre as obras de maior destaque têm-se as obras de Tuan, das quais pode-se citar: “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (TUAN, 1980), que abordava o sentimento de apego dos homens aos espaços, e “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência” (TUAN, 1983), que abordava a questão da experiência do homem em relação ao espaço, inserindo o conceito de lugar, um dos mais importantes dentro dos estudos de geografia humanista.

Amorim Filho (1996) destaca também o trabalho de Buttimer sobre a conceituação e os tipos de valores de maior significado para os homens, além de suas relações com uma geografia que não poderia continuar sob a orientação dos paradigmas neopositivistas e neomarxistas.

Holzer (2010) afirma que Relph foi também muito importante nesse contexto, apontando a fenomenologia como aporte teórico-conceitual alternativo para os geógrafos interessados em estudar a percepção a partir de um ponto de vista distante do positivismo e do comportamentalismo.

Holzer (1993) discorre que a década de 1970 foi marcada por uma rica produção humanista, na qual os autores foram ganhando espaço na mídia especializada. A primeira produção científica que discute as possibilidades da geografia mais humanizada como campo autônomo foi de Tuan, publicada em 1974: “*Space and Place: Humanistic Perspective*” (HOLZER, 2003). Holzer (1993) ainda aponta que 1976 foi o ano no qual a geografia humanista é reconhecida efetivamente pela mídia norte americana como campo autônomo de estudos.

Holzer (1993) ainda coloca que na década 1980 houve uma multiplicação dos temas abordados, que iam desde os mais conservadores até propostas de fusão do humanismo com o marxismo. Também foi um período de debates entre os

humanistas e as outras correntes da geografia, propiciando uma análise mais profunda da epistemologia da geografia humanista. Hoje, este campo da geografia está bem consolidado, e faz parte da história da geografia contemporânea.

Ao traçar um panorama geral da geografia atualmente, é importante destacar que os geógrafos humanistas acreditam que, para compreender o espaço em que se vive, uma análise baseada apenas em dados materiais não é suficiente. Uma vez que o homem se relaciona e transforma o espaço, as suas percepções, experiências e sentimentos não podem ser ignorados, devem ser valorizados enquanto referência na construção de um conhecimento científico acerca do espaço.

Bailly (1990) afirma que a geografia humanista não se contentava em descrever o espaço, ela procura interpretá-lo, abarcando inclusive o não visível e o não dito, evidenciando a importância dos elementos subjetivos dentro dessa área de estudos.

Andre e Bailly (1990) ainda colocam que o imaginário é parte da criação científica, e que o conhecimento geográfico circula em um contexto de representações sociais. Também afirmam que a imaginação e a representação se interpenetram permanentemente para fazer evoluir a geografia. Essas afirmações mostram a importância do reconhecimento dos elementos subjetivos para a evolução do conhecimento geográfico, que estava defasado pela valorização unicamente dos elementos objetivos referentes ao espaço.

A aceitação dos elementos subjetivos como dados importantes para a construção de um conhecimento geográfico representa uma significativa contribuição para a geografia, a qual passou a dar importância à vivência do homem no espaço como fonte de informações para o entendimento do mesmo.

Bailly (1998) enfatiza que o estudo geográfico deve ser compreendido como uma representação do mundo e das práticas humanas. Isso é, ele deve ser capaz de consolidar um conhecimento científico pautado na forma como os homens interagem e veem o mundo.

As representações passam a ser consideradas um sistema referencial que auxilia na captação de sentidos da consciência espacial. A geografia passa a adotar as representações como uma opção para delinear o desenvolvimento da relação do homem com o espaço. Kozel (2002) coloca ainda que:

O mundo das representações é anterior ao nosso nascimento e outros o construíram para nós, porém precisamos, no decorrer da existência individual, criar mundos simbólicos pessoais ou inventar uma linguagem, e deste modo, na relação que estabelecemos com os outros, passamos a construir nosso próprio mundo semiótico (KOZEL, 2002, p. 229).

Essa colocação evidencia que o processo de formação das representações espaciais é contínuo, e está associado ao contexto espacial e temporal vivido. As representações não são estáticas, e se estabelecem conforme um determinado grupo interage entre si e com o espaço, e deixa suas marcas.

As representações que podem ser vistas no espaço são então reflexos da própria cultura do homem que acabam deixando marcas no mesmo. E são essas marcas que dão aos geógrafos atuais a possibilidade de estudar com maior clareza qual é a relação do homem com o meio, e como eles se influenciam mutuamente.

Tratando ainda do tema das representações, Bonnemaïson (2002) afirma que o espaço estudado pelo geógrafo humanista tem três níveis: objetivo (das estruturas), vivido (espaço de familiaridade, subjetivo e existencial) e cultural (geossimbólico, carregado de significações). Esse autor trabalha em sua obra o conceito de geossímbolos, que seriam lugares, itinerários ou elementos que por razões diversas têm um valor simbólico para grupos sociais e dessa forma estão ligados à identificação dos mesmos.

Desvendar as representações ou geossímbolos no espaço se torna possível através da análise da percepção que as pessoas têm desse espaço. Nesse sentido, Oliveira (2002, p.191) afirma que: “percepção é a apreensão de uma qualidade sensível, acrescida de uma significação”.

O estudo das percepções na geografia humanista pode ser baseado em uma filosofia fenomenológica, que permite que se desenvolva pesquisas envolvendo elementos subjetivos como experiências e sentimentos. Esse tema da fenomenologia será tratado á seguir, antes de que haja um aprofundamento no tema da percepção do espaço, muito importante dentro da análise geográfica humanista.

1.1.1 A fenomenologia como aporte da geografia humanista

A afirmação a seguir evidencia a importância da fenomenologia, bem como as ideias que pautam essa filosofia:

Tudo aquilo que eu sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3).

A fenomenologia é uma filosofia do conhecimento que foi desenvolvida a partir do início do século XX, e que obteve forte destaque dentro das ciências humanas. De modo geral, valoriza os fenômenos da consciência, interessando-se não pelo mundo físico existente, e sim pelo conhecimento deste que é apreendido pelos indivíduos. Alguns dos filósofos que se destacaram nos estudos fenomenológicos são: Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty (ROCHA, 2002/2003).

O processo de concepção da geografia humanista está relacionado à busca de novas diretrizes para a evolução dos estudos dentro da geografia, a partir do momento em que as abordagens positivista e cientificista já não eram capazes de abarcar os rumos que os estudos humanistas estavam seguindo dentro da mesma. Nesse sentido, a fenomenologia aparece como uma oportunidade para a renovação dos estudos geográficos.

A fenomenologia se destaca como uma das filosofias do conhecimento que teve maior sustentação no desenvolvimento da geografia humanista a partir da década de 1970. Sua aceitação possibilitou a expansão dos estudos até então realizados, pois, de acordo com Kozel (2006, p.118), a fenomenologia “privilegia novas qualidades como subjetividade, intuição, sentimentos, experiências, simbolismos, acentuando assim o singular e não o geral”.

Alguns geógrafos passaram a utilizar-se da fenomenologia para enriquecer seus estudos e pesquisas, em especial os geógrafos norte-americanos e franceses. Dentre eles, pode-se citar: Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer (GOMES, 1996).

Relph (1970, *apud* HOLZER, 2010, p. 7), um desses primeiros geógrafos a trabalhar com a fenomenologia, afirmou que esse método era:

[...] Procedimento para descrever o mundo cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções: ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo e racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias.

Buscando entender melhor as percepções e vivências do homem no espaço, a geografia precisava de um novo caminho a seguir, uma nova abordagem que permitisse que se estudassem as experiências do homem. Essa colocação de Relph evidencia o avanço que a fenomenologia trouxe para a geografia, permitindo a valorização das experiências dos homens, que por seu caráter subjetivo, não eram valorizadas no conhecimento científico da área até então.

Pereira, Correia e Oliveira (2010, p. 173) apresentam uma importante síntese da contribuição da fenomenologia nos estudos da geografia humanista, apresentada a seguir:

A introdução da fenomenologia na Geografia pressupõe uma abordagem do espaço que considera a percepção do sujeito como integrante e em permanente interação. Assim, o mundo vivido e a subjetividade tornam-se fatores importantes para compreensão do espaço nos estudos geográficos.

Na fenomenologia o espaço é concebido como um espaço presente, é o contexto experienciado (RODRIGUES, 2001). Nesse sentido, destaca-se a fenomenologia como ideal para os estudos da percepção espacial, uma vez que esta é baseada na experiência que os indivíduos vivem nos espaços, além de outros elementos pessoais.

Merleau-Ponty, um dos mais importantes filósofos da fenomenologia, abordando a respeito dessa, afirma que: “a ideia de um espaço homogêneo completamente entregue a uma inteligência sem corpo é substituída pela ideia de um espaço heterogêneo, com direções privilegiadas, que tem relação com nossa situação de seres jogados no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.17).

Essa citação evidencia o espaço como heterogêneo, e coloca o homem como importante dentro desse contexto, sendo que seu corpo atua na percepção do mesmo. A fenomenologia por ele desenvolvida coloca o homem como fonte do

conhecimento e, portanto, aceita suas contribuições enquanto percebedor no conhecimento científico.

Merleau-Ponty (1999, p. 18) também afirma que “o mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de uma nas outras [...]”. Essa frase evidencia a importância das experiências dos homens nas análises, que no caso da geografia, estão voltadas à sua relação com o espaço.

A fenomenologia possibilitou então que os geógrafos humanistas pudessem realizar seus estudos valorizando o componente humano na descrição do espaço, com destaque para o uso do termo descrição, pois para Merleau-Ponty a fenomenologia é um método descritivo, e não explicativo.

Outra colocação importante a respeito da adoção da fenomenologia nos estudos da geografia é que:

Numa perspectiva geográfica, a fenomenologia trás [sic] visão antropocêntrica do mundo e recupera o humanismo ao destacar significados e valores atribuídos ao espaço. O espaço vivido passa a ser construído socialmente através da percepção e da interpretação dos indivíduos, revelando as práticas sociais (PEREIRA, CORREIA e OLIVEIRA, 2010, p. 176).

Nesse contexto, é válido destacar também a já citada obra de Eric Dardel, “O Homem e a Terra”, na qual, já na década de 50, o geógrafo francês apontava para a possibilidade de se adotar uma perspectiva fenomenológica nos estudos geográficos. A obra de Dardel é considerada libertadora, por oferecer resistência ao cientificismo racionalista, mas mesmo assim seu resgate só ocorreu efetivamente quando da concepção da geografia humanista como campo autônomo nos estudos geográficos.

Ainda tratando sobre a fenomenologia e os estudos de percepção, Pereira, Correia e Oliveira (2010, p. 174) argumentam que “a geografia fenomenológica está pautada na percepção, considerando o mundo vivido e a subjetividade, que é de suma importância para a compreensão do espaço”. A fenomenologia valorizou e expandiu os estudos de percepção, ao possibilitar que se agregassem as vivências e experiências do homem nos mesmos.

Após essas colocações, tornam-se evidentes as contribuições da fenomenologia aos estudos geográficos, valorizando a subjetividade referente às experiências dos indivíduos no espaço e resignificando a percepção espacial. Dessa forma, é possível identificar a relação do homem com o espaço, considerando simbologias, sentimentos e sensações.

Essa pesquisa, buscando identificar as percepções que diferentes pessoas têm do Centro Histórico de Curitiba, se baseia na visão fenomenológica, tendo como aporte teórico a geografia humanista. O aporte teórico-metodológico torna possível a utilização de dados subjetivos tendo em vista desvendar os significados do lugar. A seguir, será apresentado o aporte a respeito da percepção, evidenciando seus principais aspectos.

1.2 A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO

A pesquisa aborda as diferentes percepções que os usuários tinham do Centro Histórico de Curitiba. O viés adotado na pesquisa é de cunho fenomenológico, dentro do campo da geografia humanista, conforme abordado anteriormente.

Amorim Filho (1996) afirma que os estudos de percepção ambiental sempre nortearam a atividade geográfica, e a partir da década de 1970 tornam-se muito significativos no âmbito da geografia humanista. O autor aponta que a maior parte dos trabalhos geográficos realizados na década de 1960 e início dos anos 1970, seja de geógrafos ou não geógrafos, seguia duas orientações epistemológicas: o neopositivismo (com características como a quantificação, a racionalização e a sistematização) e o neomarxismo (cujas características principais eram o materialismo e o economismo). Essas correntes apresentavam um excesso de abstração e teorização, deixando de lado os elementos subjetivos da percepção. É por isso, segundo o autor, que os estudos de percepção ambiental foram incluídos nas análises geográficas humanistas, que abriam espaço para as percepções, representações e valores dos homens dentro do conhecimento acadêmico.

A importância desses estudos relativos à percepção do espaço é ressaltada por Claval (2001), que afirma que não existe uma maneira universal de se

compreender as leituras simbólicas do espaço, pois as pessoas e grupos de pessoas possuem diferentes perspectivas.

Essa vertente geográfica possibilitou que se estudasse a relação do homem com o espaço a partir do ponto de vista do próprio homem, ou seja, de suas percepções, que são reflexo dos seus pensamentos, sentimentos, e das experiências vividas.

Para Del Rio (1996), a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o espaço, que ocorre através de mecanismos perceptivos propriamente ditos (estímulos externos captados pelos sentidos) e mecanismos cognitivos (incluindo motivações, humores, necessidades, conhecimento prévio, valores, julgamentos e expectativas). Sobre esse mesmo assunto, Rodrigues (2001) coloca de maneira semelhante que a percepção do homem é resultado das apreensões dos sentidos (visão, audição, tato, temperatura, sinestesia, dor, gosto, olfato, sentido vestibular e sentido químico comum) acrescidas de sua experiência individual, construída pela sua bagagem cultural, história de vida, seus pensamentos e sentimentos.

Cada pessoa apreende o espaço de uma forma diferente, e, portanto, tem diferentes percepções em relação a ele, resultado das experiências que vive. Tuan (1983, p. 9) coloca que “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”, e afirma ainda que ela é constituída por sentimentos e pensamentos. A experiência vivida por uma pessoa em relação a um espaço influencia na sua percepção, tornando-a única.

Ainda sobre a percepção do homem em relação ao espaço, Sarmiento (2004, p. 73) afirma que: “a imagem que um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos sobre um lugar ou paisagem é assim construída através de soma de crenças, ideias e impressões que ele ou ela tem acerca de um lugar ou paisagem em particular”.

Del Rio (1996) elaborou um esquema teórico do processo perceptivo, sintetizando essas ideias, no qual a realidade é apreendida primeiramente pelas sensações, e posteriormente por diversos filtros culturais e individuais: motivação (interesses e necessidades), cognição (memória e organização de imagens), avaliação (julgamento, seleção e expectativas) e conduta (opinião, ação e comportamento), e posteriormente segue um processo de realimentação. Destaca-se nesse esquema desenvolvido por Del Rio que as sensações, esses estímulos captados pelos sentidos, passam por todo um processo na mente do indivíduo até

que este concretize sua percepção. Ou seja, as sensações estão sujeitas a influência das motivações, dos interesses, das lembranças passadas, das expectativas do indivíduo, e vão gerar um comportamento, que acaba então gerando uma nova interação com o espaço, e conseqüentemente uma nova percepção.

Nota-se, nas referências anteriores, que é enfatizada a percepção do espaço como um resultado das experiências de cada pessoa, bem como de suas particularidades (como preferências, histórias de vida, sentimentos, entre outros). Isso quer dizer que um espaço pode ter a mesma materialidade para todas as pessoas ou grupos de pessoas, mas isso não quer dizer que a imagem que essas pessoas tenham desse espaço seja igual. Na visão positivista, o espaço seria apenas descrito tendo em vista a sua aparência, enquanto nessa análise voltada para a percepção das pessoas, é valorizada a vivência de cada ser humano.

Lynch (1997) foi um dos precursores da percepção espacial, especialmente em espaços urbanos, afirmando que:

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes (LYNCH, 1997, p. 2).

Com essa afirmação, Lynch destaca o processo de transformação do espaço urbano, mostrando que o homem, além de sujeito passível, que percebe o espaço, é também um sujeito ativo, que coloca suas marcas no espaço. Tais marcas são percebidas de maneiras diferentes por outros indivíduos, o que segue o pensamento de Del Rio, nessa relação de retroalimentação, de o homem perceber, agir, modificar e formar uma nova percepção.

Através da percepção que os homens têm do espaço, passam a associar a ele diferentes representações, que para Andre (1989) não devem ser entendidas como um simples reflexo da realidade, mas como uma atividade intelectual complexa, que se alimenta do real e do imaginário de cada pessoa.

As representações são a percepção simbólica que o homem tem do espaço. Andre (1989) afirma que, sobre um mesmo objeto ou espaço, existem diferentes representações, todas pertinentes aos grupos sociais que as produzem. As

representações são resultado da interação dos homens entre si e com o espaço, são dinâmicas, e têm uma relação de retroalimentação com as atitudes dos homens.

Cada pessoa tem suas próprias representações dos espaços e lugares que vivencia, e essas representações são importantes para a construção do saber geográfico. Andre (1989) afirma inclusive que elas têm papel didático no ensino dessa disciplina, quando ressalta que as representações tornam os alunos ativos na análise do espaço.

Essas colocações evidenciam que o espaço urbano é construído por diversas gerações de pessoas, que agregam representações diferentes a ele, e alteram sua estrutura. Essas alterações muitas vezes contribuem para as variadas percepções que as pessoas têm de um mesmo lugar.

Por trás da construção do espaço há simbologias que remetem ao desenvolvimento de um grupo social. Ao ser dotado de representações, o espaço se transforma em um meio de comunicação entre as gerações. Souza (2006, p.168) relata que:

O ser humano se comunica com seu semelhante sob varias formas de linguagem. Entre as varias formas de comunicação, os estudiosos buscam cada vez com mais freqüência a linguagem não verbal, constituída de gestos, símbolos, sinais, como recurso de leitura e análise de fatos históricos, sociais, políticos, culturais, econômicos de uma cidade, uma paisagem, de um lugar.

Os símbolos e sinais são incorporados no espaço de uma maneira gradual e cumulativa, e os estágios desse desenvolvimento têm significados no passado e atualmente (WAGNER; MIKESELL, 2007). Porém, como nem todas as pessoas participam do processo de transformação do espaço e atribuição de significados a ele, além das próprias questões pessoais (experiências, sentimentos, expectativas, entre outros) esse fator também influencia na percepção das representações do espaço.

Tuan (1983, p. 176) afirma que:

Uma pátria tem seus referenciais, que podem ser marcos de grande visibilidade e importância pública, como monumentos, templos, campos de batalha sagrados e cemitérios. Esses sinais visíveis servem para aumentar o sentimento de identidade das pessoas; incentivam a consciência e a lealdade para com o lugar.

Essas colocações de Tuan procedem também em uma análise de menor escala, como no caso de uma cidade, por exemplo. Alguns elementos de uma cidade remetem à sua história e desenvolvimento, portanto são assumidos como representações da identidade das pessoas enquanto cidadãs moradoras de tais cidades.

O geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), em sua obra “Espaço & Lugar”, faz importantes colocações acerca da percepção do espaço pelo homem. Ele coloca que o espaço construído aguça a percepção humana, e que sem as construções os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos. Esse espaço construído tem uma simbologia para a sociedade. O autor destaca ainda que “em algumas sociedades, o prédio é o primeiro texto para transmitir uma tradição, para explicar uma visão da realidade” (TUAN, 1983, p. 125), enfatizando o papel dos elementos construídos do espaço como detentores de significados.

Kozel (2006, p. 117) enfatiza que o espaço “não é somente percebido, sentido ou representado, mas, também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências”. Essa afirmação reforça o que já estava sendo comentado, com ênfase na questão da vivência, que influencia fortemente a percepção espacial.

Nesse sentido, Tuan (1983, p. 6) faz a diferenciação entre espaço e lugar, colocando que: “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Ou seja, a partir do momento que a pessoa conhece um espaço, o vivencia, e compreende ou participa de seu processo de significação, para ela esse passa a ser um lugar, com o qual ela tem um elo mais forte. Essa relação cultural da pessoa com o espaço cria um laço afetivo, que recai ao conceito de Tuan de topofilia.

Tuan (1980) criou o termo “topofilia”, ao qual dedicou a obra com o mesmo nome, descrevendo tal conceito como a associação de sentimento com espaço, o elo de uma pessoa com o lugar ou ambiente físico. Esse elo se dá justamente por esse envolvimento cultural que o homem tem com o espaço, e está relacionado à sua percepção e suas vivências no mesmo.

Aprofundando a discussão na questão da diferenciação espaço e lugar, Rodrigues (2001) faz a seguinte colocação:

O lugar, como categoria filosófica, não trata de uma construção objetiva, mas de algo que só existe do ponto de vista do sujeito que o experiencia. [...] Assim, o lugar é o referencial da experiência vivida, pleno de significado; enquanto o espaço global é algo distante, de que se tem notícia, correspondendo a uma abstração (RODRIGUES, 2001, p. 32).

Rodrigues adota a experiência vivida no espaço pela pessoa como critério de definição de seu significado para a mesma: espaço ou lugar. A experiência, segundo Tuan (1983), é a maneira como uma pessoa vivencia e constrói a realidade. Nesse caso, quanto maior a relação da pessoa com o espaço, sua vivência e seu entendimento, maior será seu laço afetivo com o mesmo, e assim esse representará para ela um lugar, e não um simples espaço livre de simbolismo.

Abordando a diferenciação entre a relação que moradores e turistas têm com um mesmo espaço, Tuan (1980, p. 72) afirma que “o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente”. Como ambos têm um diferente nível de relação com um mesmo espaço, enquanto para o morador ele é um lugar, com o qual há um elo, para o visitante os significados não transparecem, e dessa forma geralmente não se cria um vínculo entre eles.

De forma geral e resumida, o turismo é o “deslocamento de pessoas de seu local de residência habitual por períodos determinados e não motivados por razões de exercício profissional constante” (IGNARRA, 2003, p.14). Essa colocação evidencia os principais aspectos da atividade turística, o deslocamento de pessoas, que deve ser por período determinado, e no qual não deve haver o exercício de uma atividade profissional contínua. Tais deslocamentos tem como fim suprir a necessidade que os turistas possuem de viver uma experiência diferente e prazerosa (PIRES, 2001).

Na experiência turística, as expectativas que os turistas possuem antes da viagem se mesclam com toda a vivência no espaço visitado, os passeios, os serviços utilizados, o intercâmbio cultural, entre outros. Todos esses elementos são então captados pelos turistas e passam pelo processo perceptivo descrito anteriormente.

Um dos elementos da experiência dos turistas envolve a questão cultural. Sessa (1968, apud BENI, 2007) afirma que o turismo impacta positivamente na cultura pela experiência cultural que enriquece a população visitada e visitante, com aquisição de valores que ambas possuem. Nesse sentido, fica evidente a troca cultural existente entre ambas as partes, e podemos destacar a percepção do turista

em relação à cultura local, que pode ser percebida através dos elementos presentes no espaço. A intensidade desse intercâmbio cultural varia muito de turista para turista, pois cada um tem propósitos e expectativas diferentes com relação à viagem realizada.

De maneira geral, parte-se da ideia de que o turista tem uma apreciação mais estética de um espaço, pois desconhece mais informações a respeito do mesmo. É isso que afirma Tuan (1980), quando discorre que a avaliação que o visitante faz do ambiente é a visão de um estranho, sendo então essencialmente estética. Para ele, como já comentado, o morador e o visitante focalizam aspectos diferentes do espaço em suas percepções, sendo a atitude do morador mais complexa, e a do visitante mais simples e superficial.

Essa ideia parte do princípio de que nas experiências de viagem dos turistas, eles têm contato com espaços cujas simbologias e representações não fazem parte de seus conhecimentos. Mas isso não quer dizer não haja esse interesse, e a para que ele seja despertado, é preciso algum incentivo por parte do espaço receptor. Para Tuan (1980), é necessário um esforço especial para provocar empatia em relação aos aspectos relativos à vida e aos valores dos habitantes.

É o esforço em interagir com o turista que vai possibilitar que ele tenha uma experiência diferenciada e enriquecida por um entendimento das representações por trás do espaço e seu patrimônio. Nem todos os turistas têm esse interesse, mas outros têm justamente esse objetivo, de conhecer uma cultura diferenciada, e outros ainda têm esse interesse, e só necessitam de um incentivo para conhecerem mais.

Sobre esse possível interesse em entender melhor os aspectos culturais do espaço visitado, Meneses (2006, p. 13) coloca que:

O turista, ao viajar e fugir de seu cotidiano, quando opta por conhecer determinada cultura e entender uma certa identidade cultural, está, de antemão, sensível a atribuir sentidos, entender simbologias, apreender significados, desde que sinta aderência ao produto da interpretação do planejamento turístico e da história a uma vivência real e em construção.

Essa colocação mostra que o turista tem interesse de conhecer verdadeiramente um lugar, e não um espaço sem qualquer significado. A experiência do turista é enriquecida quando ele entende as simbologias e representações do patrimônio cultural, e não tem apenas uma apreciação estética. Atribuir significados passa a ser um diferencial no âmbito da atividade turística. Tuan

(1980) coloca que o turismo tem utilidade econômica e social, mas não necessariamente une o homem à natureza, e nesse sentido considera que a apreciação do turista pode ser mais duradora quando é mesclada com a curiosidade científica.

Melhorar a experiência de viagem de um turista aguçando sua curiosidade e aproximando-o do patrimônio cultural ou representações presentes no espaço, é então uma possibilidade muito importante para o desenvolvimento de um destino turístico. Investir nesse âmbito torna-se um diferencial para o mesmo, e é nesse sentido que as ferramentas de interpretação patrimonial podem ser uma chave para o sucesso.

O conceito de interpretação do patrimônio foi desenvolvido a partir do fim da década de 50, nos Estados Unidos. Murta e Goodey (2002, p. 13) descrevem essa ferramenta como “o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar”.

O uso da expressão lugar na colocação anterior já evidencia um dos principais objetivos da interpretação do patrimônio, de dar sentido ao espaço e aos elementos presentes nele.

O conceito de interpretação do patrimônio foi estabelecido pelo Serviço Nacional de Parques dos Estados Unidos, com intuito de preservar seus parques. Na década de 60, na Grã-Bretanha, esse conceito foi se expandindo também para aplicação em áreas rurais. A partir dos anos 70, passou-se a aplicar essa técnica também em espaços urbanos, pensando então no patrimônio cultural como recurso para a atividade turística (MURTA; GOODEY, 2002).

A utilização das técnicas de interpretação do patrimônio vem então como uma oportunidade de enriquecer a experiência do visitante em relação ao espaço, a partir do momento que serve como veículo de comunicação entre ambos. A utilização de técnicas que vão desde teatro, literatura, fotografias, mapas, painéis e guias, permitem uma maior interação do homem com o espaço, e revelam significados que muitas vezes acabam perdidos por não serem explícitos no patrimônio cultural.

A interpretação do patrimônio permite que o espaço seja para o visitante um lugar, algo com significado e importância. É uma maneira de valorizar o patrimônio cultural existente no espaço e garantir uma experiência turística diferenciada e real, que aproxime visitante e morador, a partir do momento em que ambos têm um

entendimento comum em relação ao lugar que estão partilhando, contribuindo para o respeito mútuo. É uma forma de otimizar a relação do homem enquanto visitante com o espaço visitado. Permite que este compreenda as representações e o valor do espaço visitado e que assim se desenvolva um elo de afeição e afetividade com o mesmo. Urry (1996) afirma que o turismo tem se aproximado da educação e instrução, argumentando que cada vez mais o turista tem se interessado em conhecer e apreender sobre o destino que visita, o que evidencia a necessidade da utilização das técnicas de interpretação para otimizar a experiência turística.

Murta e Albano (2002) ainda relatam que a interpretação do patrimônio é essencial para a conformação a consolidação de um destino turístico. Além de possibilitar aos visitantes conhecer e apreciar mais os lugares, pode contribuir no prolongamento do tempo de permanência em um destino e ainda estimular novas visitas.

O intuito desse projeto foi identificar as diferentes percepções que os indivíduos tinham do Centro Histórico de Curitiba, e, para tanto, abordou-se moradores e também turistas, por entender que são as percepções de todos os usuários que constroem o que o Centro Histórico representa para a cidade de Curitiba, inclusive das pessoas que estão apenas de passagem pela mesma. O procedimento metodológico adotado consta da aplicação dos mapas mentais e a delimitação da área compreendida como Centro Histórico numa planta da cidade previamente selecionada.

1.3 OS MAPAS MENTAIS COMO APORTE METODOLÓGICO

As percepções e representações que os homens têm em relação ao espaço são aspectos evidenciados pela abordagem humanista da geografia. A pluralidade de temas nesse campo de estudos demanda a utilização de metodologias que sejam compatíveis com a proposta, em busca dos significados atribuídos ao espaço.

Os mapas mentais são uma metodologia importante para desvendar e diagnosticar os significados atribuídos ao espaço. Tais representações que advêm da percepção e vivência com o espaço proporcionam maior conhecimento a respeito do espaço numa pesquisa empírica.

A utilização dos mapas mentais como metodologia nas pesquisas geográficas tem sido cada vez mais frequente, por possibilitar ir além no desvendar da percepção que as pessoas têm de um espaço, e as representações e significados que elas atribuem a ele.

Usualmente, quando se utiliza o termo mapa, logo se pensa em uma representação cartográfica com escalas e coordenadas, mas os mapas mentais não têm essas características, são baseados em uma visão ampla e humanista do conceito de mapa como representação sensível, e não baseado em normas cartográficas. A esse respeito, Seemann (2003, p. 3), aponta que um mapa mental tem por objetivo “tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos tanto sobre a realidade (percebida) quanto sobre o mundo da imaginação”. O mapa pode ser concebido não como produto, mas como meio de comunicação e processo, que torna experiências ambientais compartilháveis (SEEMANN, 2003).

Os mapas mentais então não têm o formato dos mapas que se acostuma ver nos atlas e livros de geografia. São representações construídas pelas pessoas com ícones que expressam seus pensamentos e sentimentos.

A percepção do espaço é uma questão particular a cada indivíduo. Como já comentado, ela está ligada às experiências vividas por cada um, o que evidencia o caráter subjetivo da mesma.

De acordo com Amorim Filho e Abreu (2002), os mapas mentais são uma das metodologias mais bem sucedidas no âmbito da abordagem de dados subjetivos pelos geógrafos, sendo desenvolvida principalmente a partir das obras de Gould e White e seus seguidores, a partir de 1974.

Oliveira (2002, p. 192) afirma que “a percepção é essencialmente egocêntrica e ligada a uma certa posição do sujeito percebido em relação ao objeto, ao percepto, sendo estritamente individual e incomunicável (senão através da linguagem e do desenho)”. Nesse sentido, essa metodologia pode ser uma alternativa para desvendar a relação que as pessoas estabelecem com o lugar, na qual os ícones podem revelar as percepções das pessoas. De acordo com Kozel (2006, p. 121), “o vivido simbólico se revela nas imagens elaboradas pelos indivíduos em suas representações ou mapas mentais”.

Archela, Gratão e Trostdorf (2004) discorrem que:

Os mapas mentais são representações do vivido, são mapas que trocamos ao longo da nossa história com os lugares experienciados. No mapa mental, representação do saber percebido, o lugar se apresenta tal como ele é, com sua forma, histórias concretas e simbólicas, cujo imaginário é reconhecido como uma forma de apreensão do lugar (ARCHELA; GRATÃO; TROSTDORF, 2004, p. 127).

Dessa forma, os mapas mentais permitem que os participantes de uma pesquisa expressem suas percepções de determinado espaço através de ícones, formando imagens que são consideradas um texto muito particular.

Essa metodologia possibilita que as pessoas tenham liberdade de expressar suas percepções obtidas por suas experiências particulares. Os mapas mentais consistem em “uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais” (KOZEL, 2006, p. 115).

Resgatando pesquisas pioneiras na utilização dos mapas mentais, Kozel (2006) destaca as pesquisas de Gould na década de 1970, que utilizou os mapas mentais para identificar como a distância entre pessoas e lugares influi na construção da imagem deste. A autora também relata a importância dos estudos de Lynch, na década de 80, que utilizou a metodologia para abordar a percepção das pessoas em relação ao lugar.

Em seus estudos, Lynch (1997) afirma que a formação da imagem de uma cidade tem mais coesão à medida que os observadores sejam agrupados em classes o mais homogêneas possíveis, em relação à idade, sexo, cultura, profissão, temperamento ou grau de familiaridade. Para o autor, cada indivíduo constrói uma imagem diferente dos locais, o que já foi relatado anteriormente, e o agrupamento dessas imagens de acordo com o perfil de cada indivíduo pode ser importante para fins de planejamento, apesar de considerar que as imagens individuais também sejam interessantes do ponto de vista psicológico.

Andre e Bailly também desenvolveram pesquisas com a utilização dos mapas mentais. Andre (1989) atesta a importância dessa metodologia, visto que os demais métodos (entrevistas, questionários) podem ocultar parte das representações dos indivíduos.

Os mapas mentais são importantes nesse processo de pesquisa, pois, segundo Bailly (1985), são capazes de revelar o conteúdo das representações espaciais, permitindo evocar elementos simbólicos e geográficos.

Para Andre (1989), a principal contribuição dos mapas mentais era que eles ajudam a revelar espaços de vida, tornando visíveis estruturas espaciais muitas vezes ignoradas. Os mapas permitem que se identifiquem representações que às vezes as próprias pessoas que as têm não conseguem expressar. Nos mapas mentais é possível “ler as entrelinhas” das representações espaciais, sendo possível elucidar com maior precisão a relação do homem com um espaço ou fenômeno espacial.

Archela, Gratão e Trostdorf (2004, p. 131) afirmam que “o mapa mental pode ser o instrumento ideal a ser utilizado pelos profissionais da geografia, para compreensão dos lugares, uma vez que, através dessas representações, pode-se compreender o lugar das experiências e das vivências”, evidenciando o papel do indivíduo no entendimento de um espaço.

As representações são uma forma de linguagem, às quais refletem as experiências vividas pelos homens. Quando expressas através de ícones, essas representações são passíveis de serem interpretadas e permitem que os mapas mentais sejam entendidos como enunciados (BAKHTIN, 1986). Tais enunciados apresentam um caráter dialógico, que evidencia a relação entre os sujeitos, o eu e o outro, e a interação entre eles, resultando em um processo representativo em constante recriação.

Para Bakhtin (1986), os elementos simbólicos, como os presentes nos mapas mentais, são reflexos de uma vivência coletiva, e enunciam além da experiência individual, devido ao dialogismo característico da vivência entre os indivíduos. As representações podem ser lidas e compreendidas enquanto um enunciado que evidencia as construções sociais no contexto vivido.

Com o fim de realizar a análise dos mapas mentais, Salette Kozel elaborou a Metodologia Kozel em 2001, utilizada naquele momento para reflexões sobre a imagem da cidade de Curitiba em sua tese de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP) (KOZEL, 2001). O objetivo da metodologia é decodificar os textos expressos nos mapas mentais em sua construção sógnica (KOZEL, 2006), baseando-se em Bakhtin.

A análise dos mapas mentais através da Metodologia Kozel baseia-se na análise dos seguintes quesitos (KOZEL, 2006):

a) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da imagem (ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras, entre outros);

b) Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem (horizontalmente, de forma isolada, dispersos, em perspectiva, entre outros);

c) Interpretação quanto à especificidade dos ícones (elementos da paisagem natural, da paisagem construída, elementos móveis e elementos humanos);

d) Apresentação de outros aspectos ou particularidades (codificação das mensagens veiculadas).

A partir da análise desses elementos, torna-se possível desvendar as representações e percepções que os indivíduos expressam em seus mapas mentais.

A metodologia Kozel (KOZEL, 2006) tem sido utilizada atualmente em vários estudos geográficos, por se constituir num importante auxílio à interpretação dos dados e decodificação das mensagens. Esse aporte metodológico foi utilizado em várias pesquisas como:

a) Em Kashiwagi (2004), a autora fez uso da metodologia de mapas mentais buscando evidenciar como a favela do Parolin, em Curitiba, foi percebida e representada por três grupos de pessoas: moradores da favela, não moradores da favela e planejadores da cidade. Em Kashiwagi (2011), a autora também utilizou a metodologia de mapas mentais em sua tese de doutorado, com o objetivo de identificar homônimas sógnicas da paisagem que subsidiem as políticas públicas de planejamento do Parque Nacional do Superagüi, no Paraná.

b) Galvão (2007) fez uso da metodologia em sua dissertação de mestrado, aplicando à educação, estudando as representações de geografia dos alunos da 6ª série do ensino fundamental de uma escola pública.

c) Nitsche (2007), em sua dissertação de mestrado, utilizou os mapas mentais para compreender qual é o significado do turismo para os integrantes do roteiro Caminhos de Guajuvira, em Araucária, no Paraná, alcançando resultados muito relevantes para o planejamento turístico da região.

d) Torres (2009) utilizou os mapas mentais para desvendar a paisagem sonora da Ilha dos Valadares, localizada no município de Paranaguá, no Paraná.

e) Correia (2009) utilizou em sua dissertação a metodologia para desvendar a percepção dos alunos sobre a música nas aulas de geografia do ensino médio em União da Vitória, no Paraná.

f) Sousa (2012) utilizou a metodologia dos mapas mentais em sua tese de doutorado, explorando a espacialidade dos barqueiros no Rio Madeira, em Rondônia.

Esses são alguns exemplos em que são utilizados os mapas mentais em pesquisas geográficas. Além desses exemplos, muitas outras pesquisas já utilizam essa metodologia. Assim, é possível evidenciar os mapas mentais como importante aporte utilizado em pesquisas com os mais variados temas, ligados à percepção do espaço e ao desvendar das representações espaciais.

O resgate histórico do uso dos mapas mentais aplicados à geografia, e a visualização de alguns trabalhos que utilizaram a metodologia recentemente, evidenciam como os mapas mentais permitem captar as subjetividades do conhecimento humano e podem ser utilizados associados a outras metodologias, como entrevistas e questionários. O importante é que, através dos símbolos que compõem as imagens, é possível identificar elementos da percepção que as pessoas têm do espaço e que não revelariam em uma entrevista.

A metodologia Kozel (KOZEL, 2006) permite que se analisem os elementos nos mapas mentais, decodificando os signos e símbolos, e conseqüentemente, as representações que as pessoas têm de um espaço.

2 CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA: UMA PERSPECTIVA DOCUMENTAL E BIBLIOGRÁFICA

O recorte espacial escolhido para desenvolver a pesquisa é o Centro Histórico de Curitiba, capital do estado do Paraná. Curitiba é uma das principais cidades do sul do Brasil, e foi fundada em 1693 (HLADCZUK *et al.*, 2000). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ocupa uma área de 435,274 km², e sua população totalizava, em 2010, 1.751.907 habitantes (IBGE, 2012). No Centro Histórico da cidade encontram-se monumentos e edificações que possuem uma expressividade na história e desenvolvimento da mesma, na formação do povo curitibano, sua identidade e sua cultura.

Descrever o Centro Histórico de Curitiba é algo complexo, tendo em vista que trata-se de um espaço vivo, cenário de constantes mudanças desde o início do desenvolvimento da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que deu origem a cidade de Curitiba. O Centro Histórico foi e ainda é palco de manifestações sociais, políticas, econômicas e culturais, que marcaram e continuam marcando a história da cidade.

Esse espaço agrega construções e transformações associadas a diferentes períodos da história de Curitiba, e tem uma forte ligação com o presente a partir do momento que evolui junto com a história da cidade. Construções antigas são utilizadas de forma a rememorar o passado, assim como para suprir as necessidades atuais da população. O Centro Histórico, apesar de concentrar diversas edificações antigas, é também um espaço onde se visualiza a vida atual da população, sua evolução social, econômica, cultural e tecnológica.

Calvino (2003, p. 16) afirma que:

[...] a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

Nesse sentido, os centros históricos das cidades são a área com mais potencial dentro das mesmas quando se tem interesse em compreender melhor seu

desenvolvimento. Eles fazem a ligação entre passado e presente, revelando muito sobre a história da cidade e da população.

Sobre isso, Borges (2011) ainda afirma que:

A cidade nasce, cresce e se desenvolve no espaço geográfico e na duração temporal. Cada geração acrescenta, retira ou transforma algo, formando camadas que vão se sobrepondo ao longo do tempo, atendendo às múltiplas demandas humanas incidentes sobre o tecido urbano.

Dessa forma, as áreas históricas de uma cidade são ressaltadas por possuírem “camadas” de diferentes momentos da história da mesma. Observar essas “camadas” permite compreender a história e se identificar como parte dela.

Ciffoni, Sutil e Baracho (2006, p. V) argumentam sobre isso no caso do Centro Histórico de Curitiba, inclusive indicando o que consideram como o recorte do mesmo.

Nada traduz melhor a ideia do escritor [Calvino] do que a observação da paisagem, das edificações, dos monumentos, do traçado das praças, largos e ruas dos centros históricos. Neles, são perceptíveis as diferentes temporalidades de sua história, inscritas em cada marco, esquina e edificação. Assim também se configura o centro histórico de Curitiba, que compreende toda a região que, da Praça Tiradentes, desce em direção à Rua 15 de Novembro e à antiga estação ferroviária e sobe as ladeiras do Alto São Francisco. Região que hoje contém os espaços de preservação do Setor Histórico, do eixo de ruas Barão do Rio Branco e Riachuelo e a paisagem tombada da Rua 15.

O Centro Histórico de Curitiba considerado pelos autores então engloba uma área entre os bairros Centro e São Francisco, na qual iniciou-se o povoamento da cidade de Curitiba. E o destaque vai para a importância de se observar esse espaço, e as possibilidades de se identificar as diferentes temporalidades em cada detalhe do mesmo.

Destacam ainda que:

Nessa diversidade que vem do antigo e do moderno, reside a riqueza do centro histórico. Obras autorais ou não, com diferentes graus de importância na paisagem, elas calcificam a passagem do tempo e põem a mostra uma cidade talhada nos seus contrastes entre espaços de ontem e de hoje. Um passado de muitas leituras e histórias, no qual o construído se coloca como uma das possibilidades de leitura da cidade (CIFFONI; SUTIL; BARACHO, 2006, p. 39).

Essas colocações justificam o estudo desse espaço, visivelmente valorizado pela sua riqueza histórica e cultural. Riqueza essa que é percebida de diferentes formas pelos moradores, pelo poder público, pela mídia, pela iniciativa privada, entre outros.

Para entender um pouco melhor de como se deu a calcificação da passagem do tempo, indicada acima por Ciffoni, Sutil e Baracho (2006), é válido entender o processo de surgimento e desenvolvimento da cidade de Curitiba, cujos primeiros relatos apontam para o século XVII.

2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO LUGAR

Até o século XVII, a área em que atualmente se situa o Estado do Paraná era habitada por povos indígenas (HLADCZUK *et al.*, 2000; FENIANOS, 2002). Segundo os mesmos autores, a ocupação pelos colonizadores dos campos de Curitiba começou em 1649, quando Eleodoro Ébano Pereira organizou, a pedido do Governador do Rio de Janeiro, uma expedição aos “Campos de Queretiba”. Partindo de Paranaguá, a expedição em direção ao planalto curitibano tinha por objetivo encontrar novas minas de ouro, já que as minas existentes no litoral apresentavam-se escassas. Em 1650, tem-se o registro do surgimento de uma pequena povoação às margens da antiga Vilinha, no Atuba (HLADCZUK *et al.*, 2000; FENIANOS, 2002).

De acordo com Fenianos (2002, p. 36), discorrendo à respeito dos primeiros exploradores, “a comida escassa, a falta de ouro e o frio intenso os teriam levado a procurar um outro local para levantar uma nova povoação”, o que os teria levado para a região da Praça Tiradentes. Porém, em Leahy (2008, p. 6), tem-se uma outra versão para a mudança do povoamento:

Conta a lenda que após o estabelecimento da Vilinha, foi construída uma capela em homenagem à Nossa Senhora da Luz, cuja imagem olhava constantemente em outra direção, como que querendo indicar onde queria que fosse erguida sua igreja definitiva.

Para a escolha do novo local, pediu-se ao Cacique Tindiqüera que indicasse um local mais apropriado, respeitando a direção indicada pelo olhar de Nossa Senhora da Luz. Ele, jogando uma vara de aroeira ao solo, teria dito: “AQUI!”, na encosta do morro de São Francisco, entre os rios Ivo e Belém. Da vara nasceu uma frondosa árvore.

Foi então por volta de 1654 que a população começou a se instalar nas proximidades da Praça Tiradentes, onde foi erguida uma capela (BORGES, 2011). Foi nesse local que o Capitão-Povoador Matheus Martins Leme promoveu a eleição da Câmara de Vereadores e a instalação da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (FENIANOS, 1996). Ao redor desse pequeno povoado central cresceu Curitiba.

A elevação à condição de Vila ocorreu em 29 de março de 1693, tendo sido criada a Câmara e instalado o Pelourinho (DESTEFANI, 1979). Borges (2011) argumenta que os três atos de fundação da vila foram então: a ereção da capela, o levantamento do pelourinho (1668) e o estabelecimento das autoridades municipais (1693).

Sobre o desenvolvimento e crescimento da Vila, Trevisan (1996, p. 77) afirma que:

A sobrevivência e a consolidação da vila resultaram do concurso de dois elementos, de ordem diversa mas não necessariamente separáveis, um de natureza espiritual, a matriz, outro material, a praça central da povoação. Talvez houvessem ambos nascido de um só movimento da população, sob o sopro incentivante das autoridades da coroa.

Tal afirmação evidencia o forte caráter religioso no desenvolvimento da Vila, e a importância de um espaço de sociabilização em torno do qual se instalou a população. Abordando sobre essa área, onde atualmente se localiza a Praça Tiradentes, Trevisan (1996, p. 84) discorre que: “durante muitos anos, esse pequeno centro de irradiação abrigou o governo, a igreja, a morada dominical, se não a residência, dos principais povoadores, além do comércio incipiente”.

Em 1721 chegou à vila o ouvidor Rafael Pires Pardino, que tratou da ocupação ordenada do solo urbano, determinando que a vila deveria comportar apenas atividades comerciais, artesanais e religiosas, e que as atividades agrícolas deveriam ocorrer nas áreas do rocio (HLADCZUK *et al.*, 2000).

Em 1731, com a abertura da estrada do Viamão, houve o início do tropeirismo. A utilização dessa via para o transporte de tropas de gado e mulas vindas do Sul, passando pelos campos de Curitiba, gerou grandes transformações para a localidade (HLADCZUK *et al.*, 2000).

Nesse período em que os tropeiros e suas boiadas passavam pela Vila, essa não possuía ainda duzentas casas (FENIANOS, 1998). No início do século XVIII, ainda de acordo com Fenianos, o Coronel Manoel Rodrigues de Mossa e sua mulher

Dona Helena Rodrigues Coutinho doaram meia légua de terra para que fosse edificada ali uma igreja. Em 1737, era inaugurada a Igreja de Nossa Senhora do Terço. Anos mais tarde a igreja era repassada à Ordem Terceira de São Francisco de Chagas, surgindo dessa mudança o nome Igreja da Ordem.

Sobre a expansão da cidade, Borges (2011, p. 8) evidencia que:

Imagens datadas do século XIX – época em que ainda preservava muitas construções do século XVIII – mostram que o núcleo urbano da vila de Curitiba se reunia num quadrilátero em torno do que hoje são as praças Tiradentes e José Borges de Macedo, começando já a se ramificar pelo entorno, especialmente na direção do Largo da Ordem, onde hoje se encontram as únicas construções remanescentes dos setecentos: a Igreja da Ordem e a Casa Romário Martins.

Quanto ao crescimento da Vila, “[...] impulsionado pelo tropeirismo e pela economia da erva mate sua importância política e econômica só fez crescer ao longo da primeira metade do oitocentos” (BORGES, 2011, p. 17). Hladczuk *et al.* (2000) afirma que em 1812, a cidade se tornou sede da recém-criada comarca de Paranaguá e Curitiba. De acordo com ele, cinco anos depois, a população do distrito somava aproximadamente 10.500 habitantes, e em fevereiro de 1842, Curitiba é elevada à categoria de cidade. Ao longo do século XIX, chegaram grandes grupos de imigrantes europeus, e a cidade passou então, no final do século, por um período de rápido desenvolvimento (HLADCZUK *et al.*, 2000).

Sobre os imigrantes, Fenianos (1998, p.19) descreve que:

Italianos criaram a Colônia Santa Felicidade, poloneses estabeleceram-se na região oeste. Os imigrantes alemães continuavam a instalar-se no São Francisco, ou “Cidade Velha”, como chamava David Carneiro. A arquitetura e a cultura alemãs já se expressavam nas casas, no comércio e nos monumentos.

Com isso, a partir dos anos 1850, as construções da área central, até então de características espanholas e portuguesas, começam a tomar uma forma diferente devido aos novos imigrantes, principalmente alemães.

O autor ainda apresenta uma planta de 1857, na qual é possível ver o delineamento de ruas da época, na qual constam as seguintes ruas: Rua do Comércio (atual Rua Marechal Deodoro), Rua da Entrada (atual Rua Emiliano Pernet), Rua das Flores (atual Rua XV de Novembro), Rua da Assembleia (atual Alameda Doutor Muricy), Rua do Rosário, Rua Fechada (atual Rua José Bonifácio),

Rua do Fogo (atual Rua São Francisco), Rua do Nogueira (atual Rua Barão do Cerro Azul), Rua Direita (atual Rua 13 de Maio), Rua do Saldanha (atual Rua Presidente Carlos Cavalcanti), Rua do Carioca (atual Rua Riachuelo), Estrada da Marinha (atual Avenida João Gualberto) e Caminho do Campo Novo (localizado próximo a onde hoje se encontram as Ruínas de São Francisco) (FENIANOS, 1998).

A construção da estrada de ferro ligando Curitiba ao litoral do Paraná favoreceu o crescimento da cidade em direção à estação ferroviária, a partir da década de 1880 (BORGES, 2011). Mas, de acordo com o mesmo autor, já nesse período e no início do século seguinte (século XX), o crescimento passou a apontar em todas as direções, impulsionado pela chegada dos milhares de imigrantes europeus, bem como pela implantação das linhas de bonde urbano (BORGES, 2011).

Seguindo para o século XX, Fenianos (1998, p. 25) retrata um cenário típico da época na região central da cidade:

Nos anos 30, o bairro já era palco de uma das imagens mais típicas e tradicionais de Curitiba: a imagem das colunas italianas e polonesas que vinham da "roça" para vender ovos, legumes, verduras, galinhas, queijos, salames e frutas nas portas das casas. Um dos seus pontos de encontro era o Largo da Ordem, onde os cavalos que puxavam as carroças ficavam próximos ao famoso bebedouro, construído em 1932, aproveitando a mesma fonte que antes abastecia a população.

Fenianos (1996) relata que na década de 1940 Curitiba estava com aproximadamente 127 mil habitantes. Ele afirma que, com o intuito de disciplinar a ocupação do solo, foi elaborado um plano urbanístico para a cidade, conhecido como Plano Agache. Na década seguinte as transformações continuaram, gradativamente os velhos bondes davam lugar aos ônibus na Praça Tiradentes, e, na Rua XV de Novembro, vários casarões, que já vinham sendo demolidos desde o fim dos anos 40, transformaram-se em edifícios (FENIANOS, 1996).

Hladczuk *et al.* (2000) discorre que, já no início da década de 1960, era demandada a elaboração de um novo Plano Diretor, que considerasse os conceitos mais recentes do urbanismo moderno. Os autores relatam ainda que nessa mesma época foram criados a Companhia de Urbanização de Curitiba (URBS) e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC).

Na década de 80 foram fechados para o tráfego trechos das ruas Mateus Leme, Claudino dos Santos e São Francisco, que convergem no Largo da Ordem

(FENIANOS, 1998). Fenianos afirma que a região concentrava diversas opções de comércio e serviços.

Hoje essa área em torno da qual se desenvolveu a cidade de Curitiba continua como referência central da mesma para seus moradores. Como já descrito, é um espaço bastante peculiar, que guarda resquícios de diversos momentos da cidade, onde convergem passado e presente, e no qual diariamente muitas pessoas circulam.

Para compreender melhor como esse espaço conseguiu e continua conseguindo manter traços de diferentes passados, e mesclá-los com necessidades atuais da população, é importante entender como nasceu e como se desenvolveu a preocupação curitibana com esses aspectos históricos e culturais de sua cidade.

O primeiro esboço de preocupação com a preservação dos elementos importantes na construção da história e cultura de Curitiba se dá em 1948, quando o então Paço Municipal é considerado como Patrimônio Histórico do Município de Curitiba, pela Lei nº 81 (NAVOLAR, 2011). Navolar ainda discorre que em 1953, em mais um sinal dessa preocupação, é estabelecido o Código de Posturas, pela Lei ordinária nº 699, instituindo a preservação de construções de caráter típico, histórico, artístico ou tradicional do município.

Em 1966 o Plano Diretor da cidade, estabelecido pela Lei nº 2828, propôs mudanças nas propostas de organização e desenvolvimento da cidade, elencando premissas mais abrangentes sobre preservação e revitalização de setores histórico-tradicionais (NAVOLAR, 2011).

Mas é apenas em 1971 que se tem um grande avanço da preocupação com a preservação, quando é criado o Setor Histórico, pelo Decreto Municipal nº 1160 (CURITIBA, 1971). A intenção da proposta era de preservar as antigas construções do núcleo central de Curitiba. Incluíam-se nesse Setor Histórico a Praça João Candido, a Avenida Jaime Reis, a Rua Doutor Kellers, a Praça Garibaldi, a Alameda Doutor Muricy, a Rua do Rosário, a Rua Claudino dos Santos, o Largo Coronel Enéas, a Rua Mateus Leme, a Rua São Francisco, a Travessa Júlio de Campos, a Praça José Borges De Macedo, a Praça Generoso Marques e a Rua Riachuelo (CURITIBA, 1971).

Em 1973 foi criada a Fundação Cultural de Curitiba (FCC), através da Lei nº 4545 (NAVOLAR, 2011). A criação dessa entidade, de acordo com o mesmo autor,

foi um importante avanço para a cultura curitibana, inclusive para a preservação da história da cidade.

Em 1979 ocorreu a criação do Setor Especial das Unidades de Interesse de Preservação (UIP), através do Decreto nº 1547 (CURITIBA, 1979). De acordo com tal decreto, as UIP's eram edificações as quais de alguma forma marcavam as tradições e memória da cidade. Foram estabelecidos no decreto 586 imóveis com esse perfil na época, que então não deveriam sofrer alteração física ou de uso sem autorização de uma comissão especial. Houve divergências a respeito do estabelecido, pois alegou-se que não havia justificativa técnica na escolha dos imóveis. O decreto sofreu então alterações, e posteriormente foi anulado (NAVOLAR, 2011).

Em 1993 surge uma nova denominação para esses imóveis significativos para a memória da cidade, que seria Unidade de Interesse Especial de Preservação (UIEP), através do Decreto nº 380 (NAVOLAR, 2011). As primeiras decretadas são no próprio Centro Histórico: Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Sociedade Garibaldi, e Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Hoje tem-se outras UIEP's, a maioria no Centro Histórico, que é a área de ocupação mais antiga da cidade (NAVOLAR, 2011).

No ano 2000 foi elaborada a Lei nº 9800 que dispõe sobre o zoneamento, uso e ocupação do solo em Curitiba. Nessa lei é descrito o Setor Especial Histórico de Curitiba, conforme apresentado a seguir:

Art. 23 – O Setor Especial Histórico – SH, parte da área central, engloba um grande número de edificações originárias do processo de ocupação da cidade do fim do século XIX e início do século XX, caracterizando o núcleo urbano com maior expressão histórica e cultural (CURITIBA, 2000).

A nova lei ainda restringiu os usos das edificações nessa área e introduziu incentivos construtivos para estimular o restauro e a conservação de imóveis de valor histórico e arquitetônico. O Setor Histórico também foi expandido, passando a incluir também a Praça Tiradentes e suas imediações (CURITIBA, 2000). Além disso, as UIEP's, em questão de legislação de zoneamento, foram incluídas como semelhantes ao Setor Especial Histórico (NAVOLAR, 2011).

A seguir (FIGURA 1) é possível visualizar na planta a área de abrangência do Setor Especial Histórico, incluindo as alterações do ano 2000, vigentes até agora.

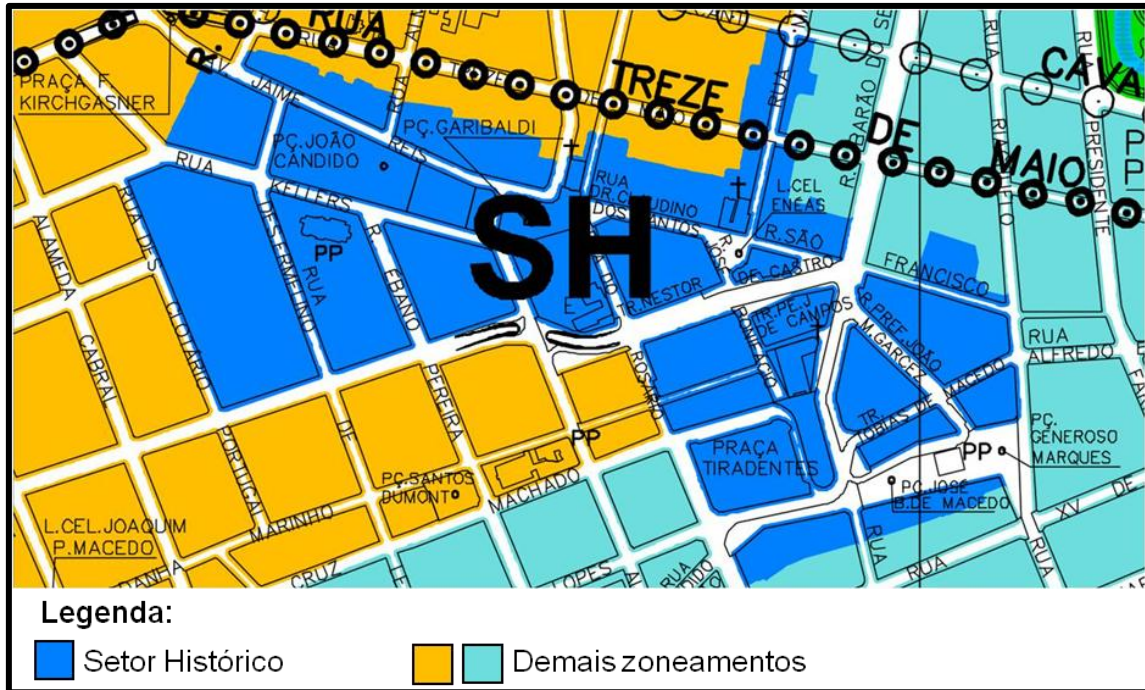


FIGURA 1 – PLANTA DO SETOR HISTÓRICO DE CURITIBA
 FONTE: IPPUC (2007), adaptado pela autora

Um dos principais incentivos atualmente para que proprietários preservem essas edificações de interesse e realizem o restauro das mesmas, inclusive o poder público, que geralmente transforma essas edificações em espaços públicos voltados para a cultura, são os incentivos construtivos e fiscais disponíveis na lei (CIFFONI; SUTIL; BARACHO, 2006). Os autores descrevem o incentivo construtivo como uma forma de autorização para construir acima dos limites previstos pela legislação (no próprio local ou com transferência para outro), através da venda de cotas de restauro adquiridas para acréscimos construtivos; o incentivo fiscal se dá através de descontos no Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU). A Lei Municipal de Incentivo à Cultura também é uma possibilidade para levantar recursos para restauros (CIFFONI; SUTIL; BARACHO, 2006).

Em nível estadual, a principal ferramenta para a preservação dos espaços relevantes histórico e culturalmente é o tombamento como Patrimônio Cultural. Diversos espaços em Curitiba são tombados pela Secretaria de Estado da Cultura (SEEC). Os tombamentos ocorreram a partir da década de 60, e algumas das edificações do Centro Histórico que passaram por esse processo foram: Solar do Barão, Palacete Wolf, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, Casa Romário Martins, paisagem urbana da Rua XV de Novembro, Palácio Garibaldi,

Palácio São Francisco, Passeio Público e seu portal, Praça João Cândido, Paço da Liberdade, entre outros (SEEC, 2012).

Em nível federal, o órgão responsável pela preservação histórica e cultural é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e em Curitiba, a única edificação tombada por esse órgão é o Paço da Liberdade (FENIANOS, 1993).

2.2 AS EDIFICAÇÕES QUE FORMAM O CENTRO HISTÓRICO

Os principais elementos que compõem esse espaço, identificados pela sua relevância histórica e cultural para a cidade e sua população, são descritos a seguir, com base na coleção Trilhas da Cidade da Gente, da FCC (2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007e), no material Linha Pinhão, de Fenianos (1993) e no *folder* Curta Curitiba a pé, do CTUR, FCC e Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC) (2012).

Os elementos que compõem o Setor Histórico de Curitiba, área regulamentada pelo seu valor histórico e cultural para a cidade, tem início no Alto São Francisco.

A atual Praça João Cândido no passado já se chamou Praça do Observatório, por ter sido ponto de observação da passagem das tropas da Revolução Federalista de 1893 (FENIANOS, 1993). De acordo com o mesmo autor, também chamou-se Praça Emílio de Menezes, lembrando o eclético poeta curitibano e atualmente é Praça João Cândido, em memória do médico e ex-presidente do Estado João Cândido Ferreira. A praça abriga três atrações: o Belvedere, as Ruínas de São Francisco e as Arcadas de São Francisco.

O Belvedere é um mirante construído em 1915 em estilo *art-nouveau* e já teve diversas funções com o passar dos anos (FENIANOS, 1993). A partir de 1922 abrigou a primeira emissora de rádio do Paraná, no ano de 1931 tornou-se observatório astronômico e meteorológico, a partir de 1962 alojou a União Cívica Feminina (FENIANOS, 1993), e atualmente é um Posto da Polícia Militar, mantido pelo Governo do Paraná. Apesar de ter sido revitalizado recentemente, sua fachada está bastante deteriorada por causa de vandalismos.

As Ruínas de São Francisco (FIGURA 2) são remanescentes de uma construção inacabada que seria a Igreja de São Francisco de Paula (CTUR; FCC;

PMC, 2012). De acordo com a mesma publicação, parte da construção foi concluída, porém, em 1860, as pedras que finalizariam as obras teriam sido usadas para erguer a torre da igreja matriz. Pode ser visitada, mas é protegida por uma grade, devido aos vandalismos sofridos no passado.



FIGURA 2 – RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO
FONTE: MÄNNICH (2013)

As Arcadas de São Francisco foram construídas em 1995 junto às ruínas, e consistem em uma passarela coberta, em forma de arcos, que abriga pontos comerciais e culturais, além de ser um anfiteatro a céu aberto, onde ocorrem diversas apresentações culturais (CTUR; FCC; PMC, 2012).

Localizado em uma das ruas que contornam a Praça João Candido, a Rua Doutor Kellers, o Palácio São Francisco foi construído nos anos de 1928 e 1929, para servir de moradia para a família Garmatter (FCC,2007a). Posteriormente, segundo a mesma publicação, tornou-se sede do governo do Paraná, abrigou o Tribunal Regional Eleitoral (TRE), após restauração foi ocupado pelo Museu de Arte do Paraná, e desde 2002 tem sido sede do Museu Paranaense (FIGURA 3). O Museu Paranaense foi idealizado por Agostinho Ermelino de Leão e José Candido

Murici e foi inaugurado em 1876, no Largo da Fonte, hoje Praça Zacarias (MUSEU Paranaense, 2013). A mesma fonte descreve que no ano de 1882 transformou-se em órgão oficial de governo, e a partir daí, passou a receber contínuas doações. Já ocupou seis sedes, até fixar-se na atual, onde possui tanto exposições permanentes quanto exposições temporárias, dentre as quais é destaque o Pavilhão da História do Paraná (MUSEU Paranaense, 2013).



FIGURA 3 – MUSEU PARANAENSE
FONTE: MÄNNICH (2013)

A Sociedade Garibaldi (FIGURA 4) faz fundos com as Arcadas de São Francisco. A sociedade, que proporcionou aos imigrantes italianos melhor integração na nova terra, existe desde 1883, e desde 1900 ocupa esta edificação (FENIANOS, 1993). Fenianos também afirma que o espaço teve uso como Palácio da Justiça e sede do TRE, e retornou à sociedade italiana em 1965.

Em frente à sociedade Garibaldi está a Praça Garibaldi, que anteriormente já havia sido nomeada como Largo do Rosário (século XVIII) e Largo Faria Sobrinho (final do século XIX), e atualmente é Praça Garibaldi em homenagem ao italiano Giuseppe Garibaldi (FENIANOS, 1993). O autor afirma que a praça foi revitalizada

em 1995, e abriga o Relógio das Flores e a Fonte da Memória. Além disso, em seu entorno estão o Palacete Wolf e a Igreja do Rosário.

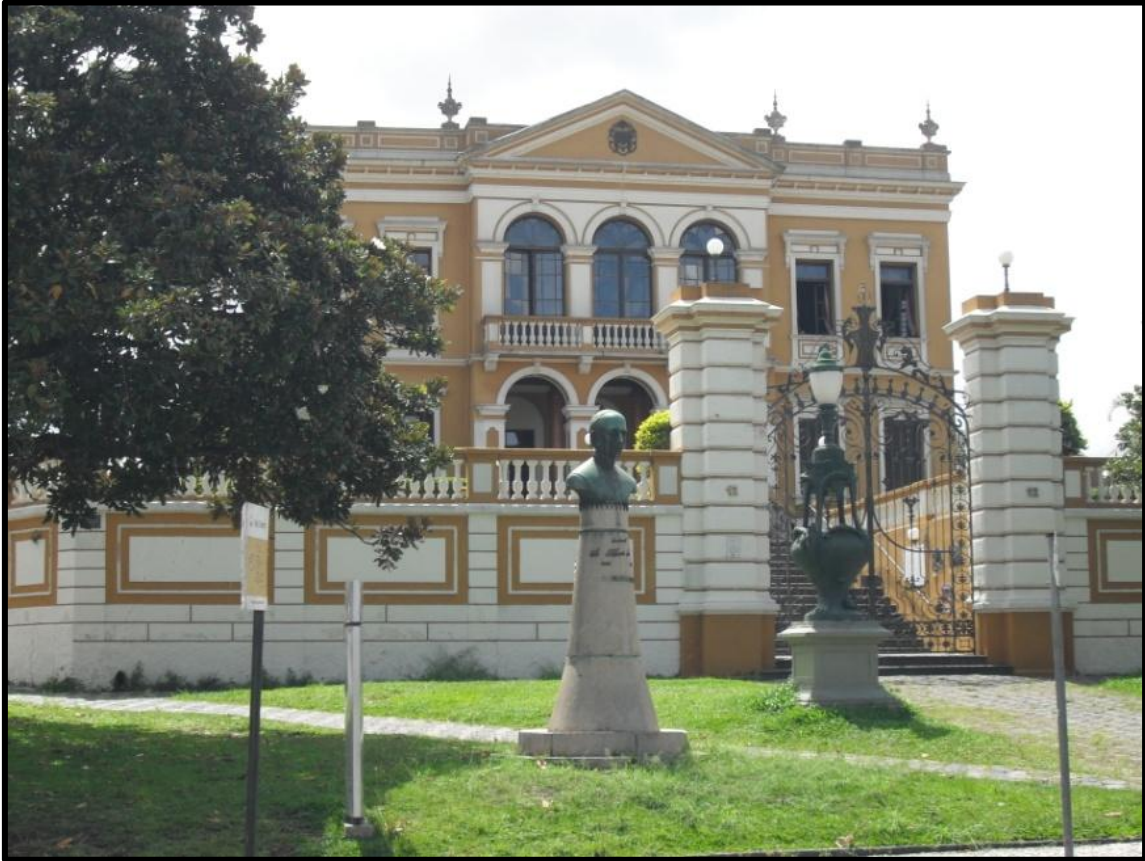


FIGURA 4 – SOCIEDADE GARIBALDI
FONTE: MÄNNICH (2013)

O Relógio das Flores é um presente que Curitiba ganhou de joalheiros, no ano de 1972 (FENIANOS, 1993). Ao longo do ano, em cada mudança de estação, flores diferentes são plantadas em seu entorno. Localizado na Praça Garibaldi, ele funciona à base de emissão vibrátil de quartzo e é acionado com impulsos eletrônicos de um relógio-comando instalado na Igreja do Rosário (FENIANOS, 1993). Já a Fonte da Memória (FIGURA 5), de 1995, é uma fonte cujo centro é uma cabeça de cavalo de bronze, a qual retrata as antigas feiras de colonos realizadas pelos tropeiros e também pelos imigrantes, que necessitavam de um bebedouro para seus animais (CTUR; FCC; PMC, 2012).

O Palacete Wolf é uma construção dos anos de 1866 e 1867, encomendada pela família austríaca Wolf (FCC, 2007a). Na mesma publicação, consta que este já foi residência, loja maçônica, escola, Quartel do Corpo da Polícia, sede do Quartel General, sede da Prefeitura e Câmara Municipal e até livraria. Foi então adquirido

pelos municípios, restaurado e passou a sediar a FCC em 1975, sendo atualmente utilizado pelo setor de literatura da mesma, possuindo biblioteca e livraria, e seu anexo pertence ao CTUR, que mantém um Posto de Informações Turísticas (PIT) (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 5 – FONTE DA MEMÓRIA
FONTE: MÄNNICH (2013)

Em frente ao Palacete, do outro lado da Praça Garibaldi, está a Igreja do Rosário (FIGURA 6). A construção é do século XVIII, e nessa época era a igreja dos escravos, Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito (FENIANOS, 1993). Fenianos relata que a construção original foi demolida em 1931 e a atual foi construída em 1946.



FIGURA 6 – IGREJA DO ROSÁRIO
FONTE: MÄNNICH (2013)

A Rua Doutor Claudino dos Santos (FIGURA 7) se inicia a partir da Praça Garibaldi, e faz a ligação entre ela e o Largo da Ordem. Já foi Rua Nova de São Francisco e Rua São Francisco de Paula, tendo o nome atual desde 1918, em homenagem ao médico curitibano (FENIANOS, 1993). Possui casarões ecléticos, de inspiração alemã. Nessa rua estão localizados o Solar do Rosário, a Igreja Presbiteriana Independente, a Casa Hoffman e o Memorial de Curitiba (FCC, 2007a).

O Solar do Rosário é um espaço cultural particular, inaugurado em 1992, e que ocupa um imóvel do final do século XIX (CTUR; FCC; PMC, 2012). Ainda de acordo com essa mesma publicação, o espaço possui: galeria de artes, livraria, molduraria, antiquário, restaurante, casa de chá e jardim de esculturas, além de promover diversas atividades culturais.

A Igreja Presbiteriana Independente é uma construção de 1934 e é o primeiro templo da Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba, que teve origem na divisão da Igreja Presbiteriana Tradicional, ocorrida no Brasil em 1903 (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 7 – RUA CLAUDINO DOS SANTOS
FONTE: MÄNNICH (2013)

Já a Casa Hoffmann é administrada pela FCC e é a sede do Centro de Estudos do Movimento, que se destina ao estudo e à exploração de novas estéticas do movimento, sendo um local de referência para artistas e outros profissionais com atuação nas áreas de dança, teatro, artes plásticas e educação (FCC, 2007a). Na mesma publicação consta que ela foi construída em 1890, funcionou até 1974 como comércio de tecidos e armarinhos, depois o imóvel foi alugado para o Colégio Dezenove de Dezembro e em 1993 foi desapropriada pela PMC para a sua preservação como unidade histórica. O imóvel sofreu um incêndio que poupou apenas a fachada e as paredes externas, tendo sido recuperado pela PMC. Os trabalhos de restauro encerraram em 2002 e a Casa foi inaugurada em março de 2003 (FCC, 2007a).

O Memorial de Curitiba (FIGURA 8) é uma construção recente, que contrasta com as outras edificações da área, com projeto dos arquitetos Fernando Popp e Valéria Bechara (FCC, 2007a). Foi inaugurado em 1996 e é um espaço cultural

múltiplo, dedicado à memória, às artes e à cultura de Curitiba (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 8 – MEMORIAL DE CURITIBA
 FONTE: MÄNNICH (2013)

A Rua Claudino dos Santos desemboca no Largo da Ordem, cujo nome oficial é Largo Coronel Enéas, mas já foi Pátio de Nossa Senhora do Terço, Pátio da Capela e Pátio de São Francisco das Chagas (FENIANOS, 1993). Fenianos relata que em seu centro existiu um chafariz, demolido quando houve a instalação da rede de água e esgoto, mas ainda conserva o antigo bebedouro para animais (FIGURA 10). Lá eram realizados os pregões dos colonos, vendendo seus produtos, trazidos da periferia para o centro (FENIANOS, 1993). Em seus arredores estão a Igreja da Ordem, o Museu de Arte Sacra, a Casa Vermelha e a Casa Romário Martins.

A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas, conhecida por Igreja da Ordem (FIGURA 9), foi construída em 1737 e restaurada duas vezes: em 1880, para a visita do Imperador Pedro II e em 1978, dando origem a I Festa de São Francisco da Ordem (FENIANOS, 1993). O autor afirma que se trata da mais antiga edificação católica da capital. O Museu de Arte Sacra existe desde 1981, no anexo

da Igreja da Ordem, e teve seu acervo originado da Arquidiocese de Curitiba, sintetizando as quatro igrejas do Setor Histórico (CTUR; FCC; PMC, 2012).

A Casa Vermelha foi construída em 1891, e abrigou a firma Burmester, foi depósito e sede da União Comercial e posteriormente Benjamin Zilli comprou a casa (em 1929) e ali instalou seu comércio atacadista (FENIANOS, 1993). Segundo o autor, a Casa Vermelha, com este nome, começou em 1916. Foi, durante décadas, casa tradicional no ramo das ferragens e desde 1993, é um espaço administrado pela FCC (FENIANOS, 1993).



FIGURA 9 – IGREJA DA ORDEM
FONTE: MÄNNICH (2013)

A Casa Romário Martins (FIGURA 10) é o último exemplar da arquitetura colonial portuguesa no centro de Curitiba (CTUR; FCC; PMC, 2012). Na mesma publicação consta que ela foi construída no século XVIII e já foi moradia, açougue e armazém de secos & molhados, e desde 1973, restaurada, é o armazém da memória coletiva dos curitibanos, sendo seu nome uma homenagem ao cronista e historiador Alfredo Romário Martins.



FIGURA 10 – CASA ROMÁRIO MARTINS
FONTE: MÄNNICH (2013)

Do Largo da Ordem se ramificam, além da Rua Claudino dos Santos, a Rua Mateus Leme, a Rua São Francisco e a Galeria Júlio Moreira, que faz ligação com a Rua José Bonifácio.

Na primeira quadra da Rua São Francisco, que é um calçadão, está localizada a Casa da Memória. Sua origem remonta à 1973, quando foi criada a Casa Romário Martins, e foi alocada em vários endereços no Centro Histórico; abriga a diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural da FCC (FCC, 2013a).

Nas primeiras quadras da Rua Mateus Leme (FIGURA 11), as únicas que integram o Setor Histórico, estão a Casa do Artesanato, a Casa João Turin e o Conservatório de Música Popular Brasileira (MBP) de Curitiba. A Casa do Artesanato está em um casarão antigo reformado em 2010, e é administrada pelo CTUR, com o intuito de ser referência do artesanato curitibano (CTUR; FCC; CTUR, 2012). A publicação ainda relata que o conceito já existe desde 1980 e que a atual sede é a quarta.



FIGURA 11 – RUA MATEUS LEME
 FONTE: MÄNNICH (2013)

A Casa João Turin foi criada em 1989 para expor e preservar a memória do artista, e deveria ter sido criada no atelier do artista, mas esse foi demolido na década de 1950 (CTUR; FCC; PMC, 2012). O espaço foi fechado em 2012.

O Conservatório de MBP de Curitiba é administrado pela FCC, e é voltado para a música (CTUR; FCC; PMC, 2012). Consta na publicação ainda que o sobrado onde está sediado foi residência da família Guimarães, construído em 1897, e que, ao longo dos anos, esse abrigou diversos comércios, sendo espaço cultural desde 1992.

Seguindo do Largo da Ordem pela Galeria Júlio Moreira, construída em 1976, é possível chegar à Praça Tiradentes (FENIANOS, 1993). Na Travessa Nestor de Castro, que está sobre a galeria, há um espaço chamado de Museu na Rua (FIGURA 12), onde as paredes cegas de antigas edificações desse logradouro servem de suporte para o conjunto de painéis do artista curitibano Poty Lazzarotto (FENIANOS, 1993). Fenianos afirma que tais painéis costuram a paisagem do Setor Histórico com a identidade do povo.



FIGURA 12 – PAINÉIS DO POTY LAZZAROTTO
FONTE: MÄNNICH (2013)

Através da Rua José Bonifácio tem-se então acesso à Praça Tiradentes (FIGURA 13), que é o marco zero da cidade de Curitiba (FENIANOS, 1993). O autor afirma que a praça já se chamou Largo da Matriz e também Largo Dom Pedro II, tendo o atual nome desde 1889. Em 2008 foram encontrados calçamentos de cunho arqueológico, datados da metade do século XIX e após uma grande reforma, a praça foi reinaugurada, com um projeto de revitalização para dar visibilidade aos achados (O ESTADO do Paraná, 2008).



FIGURA 13 – PRAÇA TIRADENTES
FONTE: MÄNNICH (2013)

Na Praça Tiradentes está a Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (FIGURA 14). Esta é a terceira morada da Padroeira de Curitiba, Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (FENIANOS, 1993). De acordo com Fenianos, a construção é de 1893, na região onde existiram a Matriz do século XVII e sua substituta de 1720; a construção atual é em estilo neo-gótico, e é conhecida como Catedral Basílica Menor desde 1993.



FIGURA 14 – CATEDRAL BASÍLICA MENOR DE NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS
FONTE: MÄNNICH (2013)

No entorno da Praça Tiradentes existem diversas edificações mais antigas, com destaque à da antiga Farmácia Stellfeld, que foi fundada em 1857 pelo imigrante alemão Augusto Stellfeld (CTUR; FCC; PMC, 2012). A fachada da edificação continua conservada, com destaque ao relógio de sol existente na mesma.

Próxima a essa edificação está a Praça José Borges de Macedo (FIGURA 15). Ela foi criada em 1963 e tem a marca do Pelourinho, levantado em 1668 (FCC, 2007a). Na mesma publicação consta que em 1994 o logradouro ganhou as Arcadas do Pelourinho, que abrigam bancas de revistas e flores e um café, e em 1996, foi instalada a Fonte Maria Lata D'Água, que homenageia o artista paranaense Erbo Stenzel, autor da escultura Água pro Morro, destaque da fonte.



FIGURA 15 – PRAÇA JOSÉ BORGES DE MACEDO
Fonte: MÄNNICH (2012)

Nessa praça está o fundo do Paço da Liberdade (FIGURA 16). Essa edificação *art-nouveau* é de 1916, e já foi o Paço Municipal e o Museu Paranaense (FCC, 2007a; CTUR; FCC; CTUR, 2012). Segundo as publicações, trata-se do único bem tombado como patrimônio histórico e artístico em nível nacional, e foi revitalizado em 2009, abrigando atualmente um centro cultural, através de uma parceria da PMC com a Federação do Comércio do Paraná (Fecomércio-PR).



FIGURA 16 – FACHADA DO PAÇO DA LIBERDADE
FONTE: MÄNNICH (2013)

A frente do Paço da Liberdade é na Praça Generoso Marques. Essa foi a Praça Municipal e abrigou o primeiro mercado público da cidade; abriga um expressivo conjunto arquitetônico e tem esse nome desde 1928 em homenagem ao presidente do Estado (FENIANOS, 1993).

Esses são os elementos integrantes do Setor Histórico propriamente dito. Porém, quando se pensa em Centro Histórico, alguns materiais descritivos trazem uma área um pouco mais abrangente, que avança um pouco mais no bairro São Francisco, também em direção ao Passeio Público, à antiga Estação Ferroviária e à Rua XV de Novembro. Por isso, a seguir, serão apresentadas as descrições de mais alguns elementos e edificações importantes no contexto histórico da cidade de Curitiba.

Na Rua Trajano Reis, que dá acesso à Praça Garibaldi, está a primeira Igreja Luterana, inaugurada em 1876, em madeira e estilo enxaimel, por famílias de imigrantes alemães luteranos (CTUR; FCC; PMC, 2012). A mesma publicação relata que a atual igreja, de estilo gótico e com sino, foi edificada em 1894. A igreja foi

muito importante no contexto da imigração alemã, cujos imigrantes se instalaram naquela região.

Na Rua Presidente Carlos Cavalcanti pode ser encontrado o Solar do Barão (FIGURA 17), que é um conjunto de quatro construções, sendo a central, que serviu de residência para o Barão do Serro Azul, de 1880 (CTUR; FCC; PMC, 2012; FCC, 2007e). As mesmas publicações expressam que o solar já foi ocupado pela maçonaria, foi quartel do exército, e hoje é um espaço cultural administrado pela FCC, abrigando o Museu da Gravura, o Museu da Fotografia, o Museu do Cartaz e a Gibiteca de Curitiba.



FIGURA 17 – SOLAR DO BARÃO
Fonte: MÄNNICH (2013)

No São Francisco está localizada a Praça do Redentor, de 1953, hoje conhecida como Praça do Skate, devido à pista de *skate* construída no local (FCC, 2007b). Ao lado da praça está o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, cujas obras foram concluídas em 1866, e no qual estão túmulos de pessoas importantes no contexto histórico de Curitiba (FCC, 2007b).

Próximo à essa praça está o Shopping Muller, primeiro shopping Center de Curitiba. Ele foi instalado em um barracão industrial do fim do século XIX, que funcionou como ferraria e serralheria, e onde foram produzidos postes, lampeiros e bueiros que até hoje podem ser encontrados na cidade (CTUR; FCC; PMC, 2012).

A Praça 19 de dezembro (FIGURA 18) é muito próxima ao Shopping Muller, e é de 1879 (CTUR; FCC; PMC, 2012). De acordo com a mesma publicação, nela está localizado o Memorial do Centenário da Emancipação Política do Paraná, que ocorreu em 1853; integram o memorial um obelisco e um painel, o qual de um lado possui a história do Paraná retratada pelo artista Erbo Stenzel, e do outro lado desenhos em azulejo de Poty Lazzarotto. Existe ainda duas esculturas de pedra gigantes, uma de um homem, de autoria de Erbo Stenzel e Umberto Cozzo, que fez com que a praça ficasse conhecida como Praça do Homem Nu, e outra de uma mulher, que foi instalada na praça posteriormente, e é de autoria de Umberto Cozzo apenas (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 18 – PRAÇA 19 DE DEZEMBRO
Fonte: MÄNNICH (2013)

O Passeio Público (FIGURA 19) foi inaugurado em 1886, e foi por quase um século o único parque de Curitiba (FCC, 2007e). Na mesma publicação é descrito que ele foi construído para resolver problemas de inundação do rio Belém, que seu portão em *art-nouveau* é inspirado no Cemitério de Cães de Paris, e que em 1932 se tornou uma espécie de zoológico, até 1982 quando os animais foram transferidos. Atualmente ainda abriga alguns animais de pequeno porte.



FIGURA 19 – PASSEIO PÚBLICO
FONTE: MÄNNICH (2013)

O Colégio Estadual do Paraná atualmente ladeia o Passeio Público. Ele foi inaugurado em 1846 como Liceu Paranaense, mas funcionava em outro lugar, na Rua Ébano Pereira; o prédio atual é de 1950 (FCC, 2007b).

Seguindo pela Rua Conselheiro Laurindo chega-se ao Teatro Guaíra (FIGURA 20). Sua construção foi iniciada em 1952, para as comemorações do Centenário da Emancipação do Paraná (FCC, 2007f). Segundo a FCC, ele demorou 20 anos para ser inaugurado, inclusive passando por um incêndio em 1970; sua inauguração ocorreu somente em 1974.



FIGURA 20 – TEATRO GUAÍRA
 FONTE: MÄNNICH (2013)

Em frente ao Teatro Guaíra está a Praça Santos Andrade. Em 1890 o local era conhecido como Largo Thereza Cristina, e era espaço usual das companhias de espetáculos circenses e de inusitadas touradas que ali se instalavam (FCC, 2007f). Ainda de acordo com a FCC, o nome atual é do início do século XX, e na década de 1910 recebeu obras de melhoramento e em 1922 obras de ajardinamento.

Na praça está o Prédio Histórico da UFPR (FIGURA 21). A universidade foi criada em 1912, e completou recentemente seu centenário (FCC, 2007f). O Prédio Histórico, de acordo com a FCC, foi construído em 1916, e desde então abriga a universidade, sendo hoje um dos muitos campi da mesma; ele sofreu alterações e ampliações em 1923 e 1955. Em 2012 sua fachada foi restaurada para as comemorações do centenário da universidade (DRECHSEL, 2012).

Ao lado do Prédio Histórico, na última quadra antes da Rua XV de Novembro se transformar em um calçadão, está o antigo edifício dos Correios, que é de 1934 (FCC, 2007f). Atualmente o prédio está interditado para reforma.



FIGURA 21 – PRÉDIO HISTÓRICO DA UFPR
FONTE: MÄNNICH (2013)

A Rua XV de Novembro (FIGURA 22) em meados de 1880 era conhecida como Rua da Imperatriz, e flores pendiam das casas e construções, razão pela qual hoje também é conhecida como Rua das Flores (FCC, 2007c). Atualmente a rua é fechada para o tráfego de automóveis entre as ruas Presidente Faria e Ébano Pereira. Diversas são as atrações e peculiaridades desse calçadão. Entre a Avenida Marechal Floriano e a Rua Monsenhor Celso podem ser vistas as galerias do Plano Agache, de 1943, que decretou a obrigatoriedade de recuo de cinco metros para novas construções (FCC, 2007c).

Na Rua XV de Novembro também está localizado o Palácio Avenida. A edificação é de 1929, e foi abrigo dos primeiros cinemas de Curitiba (CTUR; FCC; PMC, 2012). A mesma publicação indica que ele foi restaurado em 1991, e pertence ao Banco HSBC. Nele ocorre um tradicional espetáculo natalino, no qual crianças carentes cantam nas janelas da edificação (APRESENTAÇÕES de Natal, 2012).



FIGURA 22 – RUA XV DE NOVENBRO
FONTE: MÄNNICH (2013)

De acordo com a FCC (2007c), em 1973 foi instalado um bondinho próximo à esquina com a Rua Ébano Pereira; tal bonde veio de Santos e foi restaurado, tendo funcionado por muitos anos como um “estacionamento” para crianças da FCC, enquanto seus pais circulavam pelo calçadão. Desde 2010 funciona como uma biblioteca, o Bondinho da Leitura (CTUR; FCC; PMC, 2012) (FIGURA 23).

Com o fim da Rua XV de Novembro, inicia-se a Avenida Luiz Xavier, menor avenida do mundo (FENIANOS, 1993). Esse local é conhecido como Boca Maldita, uma espécie de tribuna livre para homens, que surgiu em 1957 sob o lema “nada vejo, nada ouço, nada falo” (CTUR; FCC; PMC, 2012). Na esquina da Avenida Luiz Xavier está o primeiro arranha-céu de Curitiba, o Edifício Moreira Garcez, construído no auge do movimento paranista em 1927, em *art-déco* (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 23 – BONDINHO DA LEITURA
FONTE: MÄNNICH (2013)

Cruzando o calçadão da Rua XV de Novembro tem-se a Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade (FCC, 2007c). De acordo com a mesma fonte, a rua simbolizava um novo tempo para a capital no século XX, e tinha comércio variado, hotéis, residências e prédios do governo. Foi também Rua do Poder, e na década de 70 foi via do ônibus expresso, sendo revitalizada nos anos 80, e em 95 voltou a ser para tráfego de carros (FCC, 2007c). Entre os destaques dessa rua tem-se o Hotel Johnscher, inaugurado em 1917, e a atual Câmara Municipal dos Vereadores (FIGURA 24), em edificação cuja obra foi iniciada em 1891, o Palácio Rio Branco (FCC, 2007c). A Praça Eufrásio Correia, antigo Largo da Estação, é uma praça localizada ao final da Rua Barão do Rio Branco, onde ficava a antiga Estação Ferroviária, de 1885 (FCC, 2007c). Esse local hoje é o Shopping Estação e nele existe o Museu Ferroviário (CTUR; PMC, [2012?]).



FIGURA 24 – CÂMARA MUNICIPAL DOS VEREADORES
FONTE: MÄNNICH (2013)

Outra praça antiga de Curitiba é a Praça Zacarias (FIGURA 25), localizada próximo ao calçadão da Rua XV de Novembro. Ela já se chamou Largo do Mercado, e seu chafariz é de 1871 (CTUR; FCC; PMC, 2012). A publicação ainda apresenta que em frente à praça está a edificação do Museu de Arte Contemporânea (MAC), cujo edifício é de 1928, e pertence ao Governo do Paraná; ele já abrigou diversas repartições públicas, foi restaurado em 1973 e reaberto como o MAC em 1974.

Ao final do calçadão da Rua XV de Novembro está a Praça General Osório, que era um pântano formado pelo rio Ivo até meados do século XIX (FCC, 2007c). Ainda conforme a FCC, o charco foi aterrado, e em 1879 foi designada a praça, e manobras militares e espetáculos circenses eram ali realizados. Os melhoramentos na praça começaram em 1903, e ela foi revitalizada em 2001 (FCC, 2007c).



FIGURA 25 – PRAÇA ZACARIAS
FONTE: MÄNNICH (2013)

Na Rua Candido Lopes está localizado o edifício da Biblioteca Pública do Paraná (BPP) (FIGURA 26). A edificação é de 1953, inaugurada em comemoração ao centenário da Emancipação de Paraná, ela abrigou o Teatro São Theodoro, antecessor do Teatro Guaíra (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 26 – EDIFÍCIO DA BPP
FONTE: MÄNNICH (2013)

Ao apontar as principais edificações do Centro Histórico, é importante destacar também os calçamentos em *petit-pavé*, que são muito comuns por toda a área. Muitas ruas já perderam esse tipo de calçamento devido a alegação de que o mesmo não é acessível à deficientes físicos, e a manutenção de outros trechos também não facilita para os pedestres em geral. Porém, alguns trechos da calçada em Curitiba são tombados, e portanto não podem ser alterados (TAVARES, 2012). Recente reportagem do jornal Gazeta do Povo abordou sobre os *petit-pavés*, apresentando inclusive um diagrama com a presença desse tipo de calçamento em Curitiba, bem como o significado das representações contidas nos desenhos dos mesmos (FIGURA 27). Os calçamentos são dos séculos XIX e XX, e seguem os seguintes estilos: *art-déco* (século XX), *art-nouveau* (séculos XIX e XX), movimento paranista (século XX), motivos indígenas e étnicos (século XX), e as calçadas estilo matacão, do período colonial (séculos XIX e XX) (TAVARES, 2012).





FIGURA 28 – CALÇADA DE *PETIT-PAVÉ*
FONTE: MÄNNICH (2013)

A importância associada às edificações do Centro Histórico garante que frequentemente tenha-se iniciativas para revitalizar esses espaços. No decorrer do tempo, desde o despertar dessa consciência de valorização, diversos foram os projetos de revitalização. Alguns voltados especificamente para um espaço, outros de âmbito mais abrangente, mas todos focados na revitalização dos espaços, e em muitos casos, na readequação de seus usos.

As iniciativas mais recentes por parte do poder público foram o programa Marco Zero, e o projeto Novo Centro. O programa Marco Zero foi criado pela PMC em 2005, em um processo de resgate do centro da cidade, através da interferência em pontos considerados problemáticos (SIMÕES, 2012). De acordo com o IPPUC:

O Programa Marco Zero tem como missão a revitalização do centro tradicional. Por meio da promoção de uso e ocupação democrática dos espaços urbanos pretende incentivar a permanência da população residente e atrair a população não residente por meio de ações integradas, que promovam a reabilitação urbana e funcional, a diversidade social, a identidade cultural e a vitalidade econômica da área central (IPPUC, [200-]).

Evidenciando a existência de problemas na área central da cidade, podendo-se citar o abandono de edificações e espaços públicos, a violência, o vandalismo, as drogas, entre outros. A ideia seria tentar solucionar esses problemas para garantir a

permanência dos moradores, e ao mesmo tempo trazer o restante da população para essa área histórica, gerando maior movimentação na mesma.

Entre os projetos de maior destaque associados ao Programa Marco Zero, tem-se a revitalização da Praça Tiradentes, em 2008, e as obras na Praça Generoso Marques, incluindo a revitalização do Paço da Liberdade, através de parceria com a Fecomércio - PR (URBS, 2007).

A partir de 2009 têm-se registros do projeto Novo Centro, que dá continuidade às obras de revitalização no centro de Curitiba. Nos contratos de gestão da PMC, realizados na última gestão, entre 2009 e 2012, o IPPUC listou todos os anos o projeto Novo Centro entre suas metas, determinando o objetivo do mesmo como: “Criar novos atrativos, em parceria com a sociedade, fomentando os setores econômico e turístico e proporcionando o incremento da função moradia” (IPPUC, 2009, p.16). O mesmo projeto é citado nos planos de gestão seguintes (IPPUC 2010; IPPUC, 2011; IPPUC 2012), sob coordenação de Mauro José Magnabosco.

Uma das obras de destaque nesse projeto foi a revitalização da Rua Riachuelo, concluída em 2010, com a instalação de câmeras de segurança, nova iluminação e reformas de calçada e fachadas (SIMÕES, 2012). Essa obra é associada por diferentes fontes à diferentes projetos, porém, de acordo com o IPPUC ([2011?]), já faz parte do projeto Novo Centro, assim como as obras na Rua São Francisco, que contaram com o alargamento das calçadas, e foram entregues no final de 2012 (PMC, 2012a).

Foram anunciadas em 2011 diversas obras no Centro Histórico de Curitiba com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) das Cidades Históricas (PMC, 2011). Entre as obras anunciadas, estão: a transformação do antigo quartel da Rua Riachuelo em cinema, a revitalização do entorno da Igreja do Guadalupe, o bonde turístico no eixo Barão do Rio Branco - Riachuelo, a recuperação do Solar do Barão, a revitalização e restauro da Praça Carlos Gomes e da Praça 19 de dezembro e a recuperação de calçadas nas ruas Emiliano Pernetá, Monsenhor Celso e Praça Zacarias. Porém, até o momento, nenhuma dessas obras foi iniciada.

2.3 O DIA-A-DIA CENTRO HISTÓRICO

Diversas manifestações culturais curitibanas têm como palco o Centro Histórico da cidade. A mais conhecida é realizada todos os domingos, a Feira do Largo da Ordem (FIGURA 29); chamada popularmente de “feirinha”; ela ocorre sempre das 9 às 14 horas, e nela é possível encontrar muitas opções de trabalhos manuais e gastronomia (CTUR; FCC; PMC, 2012).



FIGURA 29 – FEIRA DO LARGO
FONTE: MÄNNICH (2013)

A feira já é muito tradicional na cidade, ocorrendo desde a década de 70 (NAVOLAR, 2011). Esse autor afirma que inicialmente ela ocorria na Praça Zacarias, mas há vários anos já ocupa as imediações da Praça Garibaldi e do Largo da Ordem. É válido ressaltar que a feira ocorre no mesmo lugar onde, há muitos anos, os imigrantes que vieram à Curitiba e se instalaram nos arredores da cidade comercializavam sua produção agrícola.

Cada ano a feira tem aumentado e ganhado mais destaque em nível nacional. De acordo com pesquisa realizada pelo CTUR (UEMURA; OLIVEIRA, 2011a), todos os domingos mais de 20 mil pessoas visitam a feira. Segundo a mesma pesquisa, em 2011 foi um total de 853 mil visitantes, dos quais 213 mil eram de fora da cidade.

A programação natalina da cidade, que cada vez tem aumentado e se destacado, também tem como palco alguns locais do Centro Histórico. O mais tradicional espetáculo ocorre no Palácio Avenida, no calçadão da Rua XV (APRESENTAÇÕES de Natal, 2012). Também, de acordo com a mesma publicação, tem sido instalada há dois anos a Galeria da Luz na Rua XV de Novembro (FIGURA 30), que também conta com um espetáculo; o Paço da Liberdade também possui programação natalina, e em 2012 o Largo da Ordem passou também a ser palco de espetáculos; na Praça Santos Andrade também ocorrem espetáculos, e inclusive uma feira de temática natalina, que acontece também na Praça General Osório (APRESENTAÇÕES de Natal, 2012).



FIGURA 30 – GALERIA DE LUZ
FONTE: MÄNNICH (2011)

No Festival de Curitiba, que ocorre desde 1992 na cidade, sempre no mês de março, são em torno de 400 espetáculos sendo apresentados pela cidade, e vários deles no Centro Histórico (FCC, 2013d). Na publicação consta que os espetáculos acontecem em espaços culturais e na rua, então as praças do Centro Histórico tornam-se palco das mais diversas atrações, e o Memorial de Curitiba torna-se um ponto de encontro.

A Corrente Cultural e a Virada Cultural, que são realizadas na cidade no mês de novembro, desde 2009, também tem como palco o Centro Histórico, além de outros locais da cidade (FCC, 2013b). O objetivo é promover a diversidade cultural na cidade, e isso é feito através de uma programação artística extensa, que termina com a Virada Cultural, com 24 horas de atrações em alguns palcos, sendo os principais no Centro Histórico, um na Rua Riachuelo (FIGURA 31), e outro nas Ruínas de São Francisco (FCC, 2013b).



FIGURA 31 – VIRADA CULTURAL
FONTE: VIDAL (2012)

Outra manifestação importante é o Pré-Carnaval da cidade (FIGURA 32), realizado pelo Bloco Garibaldi e Sacis, formado por artistas curitibanos que desde 1999 realizam o evento (GARIBALDIS e Sacis vem aí: Lançamento do Pré Carnaval de Curitiba no próximo sábado, 2013). De acordo com essa publicação, o pré-carnaval começou como uma brincadeira de amigos, mas em 2012 teve um público

de mais de 10 mil pessoas. O Pré-Carnaval ocorre sempre nos quatro domingos que antecedem o Carnaval.



FIGURA 32 – PRÉ-CARNAVAL
FONTE: MÄNNICH (2013)

Ainda na época do carnaval, o Centro Histórico é palco do Psycho Carnival, evento em sua 14ª edição em 2013, que conta com apresentações musicais de bandas de *rock* e *psychobilly* (NUNES, 2012). Além disso, o evento conta com a *Zombie Walk* (FIGURA 33), uma “caminhada de zumbis”, que em 2011 reuniu mais de 3 mil pessoas em seu trajeto entre as praças do Centro Histórico, culminando nas Ruínas de São Francisco, local que constantemente é palco de *shows* musicais (NUNES, 2012).



FIGURA 33 – ZOMBIE WALK
FONTE: FORONE (2011)

De cunho religioso, a Festa da Luz é um evento em homenagem a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, padroeira de Curitiba (FRAGA, 2012). Em sua 4ª edição em 2012, o evento ocorre sempre no Largo da Ordem. Fraga também afirma que, com uma programação variada, o evento atraiu aproximadamente 200 mil pessoas durante os quatro dias de festejo. A festa contou ainda com uma Procissão Luminosa de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que saiu da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe às 17h em direção à Catedral, da qual participaram aproximadamente 1.500 pessoas (FRAGA, 2012).

Assim elencou-se algumas das manifestações culturais que ocorrem no Centro Histórico. Além dessas, muitas outras são realizadas, inclusive manifestações de caráter cívico, político e de protesto. Isso mostra como o Centro Histórico é um espaço dinâmico, e como a história e a cultura curitibana se enraízam no mesmo.

Para quem tem interesse em conhecer mais sobre o Centro Histórico de Curitiba, a FCC realiza visitas monitoradas pela área e pelo Memorial de Curitiba, mediante agendamento através de contato telefônico. As visitas ocorrem de terça à sexta-feira, das 9 às 12 horas e das 13 às 18 horas, e nos sábados, domingos e feriados das 9 às 15 horas (FCC, 2013c).

A preocupação dos empresários com a região e sua necessidade de maximizar e expandir seus empreendimentos incentivou que fosse criada, em 2012, a Rede Empresarial do Centro Histórico, através de uma parceria entre os empresários dessa área e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná (SEBRAE-PR, 2012). O objetivo do grupo é valorizar e melhorar a área, focando nos aspectos culturais e gastronômicos, e assim atrair mais moradores e turistas para a mesma (FAVRETTO, 2012; PANORAMA DO TURISMO, 2012a; SEBRAE-PR, 2012). Abaixo segue a logomarca criada para representar a rede (FIGURA 34).



FIGURA 34 – LOGOMARCA REDE EMPRESARIAL DO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA
FONTE: REDE Empresarial do Centro Histórico de Curitiba, 2013

De acordo com a página na Internet da rede, hospedada na rede de relacionamentos Facebook, entre as empresas que fazem parte da Rede Empresarial do Centro Histórico têm-se restaurantes, bares, lojas, centros de arte e cultura, artesanato e serviços. São elas: Armazém do Artesanato, Bar Brasileirinho, Bar do Alemão, Bicletaria Cultural, EGBE Produções e Eventos, Estrela da Terra Restaurante, Fidel Bar, Fire Fox Bar, Gepetto, Jeito Mineiro, Jockers Pub Café, Lolitas Coiffure, No Café Fest, Oriente Árabe, Padaria América, Papelaria e Informática João Haupt, Restaurante Celeiro, Restaurante Nonna Giovanna, Solar

do Rosário, Suiane Maria, The Farm, Tuba's Bar e União dos Escoteiros do Brasil (REDE Empresarial do Centro Histórico de Curitiba, 2013).

Um das propostas do grupo é a realização de eventos na área, e em 2012 isso já se concretizou, através da realização do Centro Histórico Divertido, evento realizado para o Dia das Crianças, e o Natal do Centro Histórico, que integrou a programação natalina de Curitiba (PANORAMA DO TURISMO, 2012b; BORTOLIN, 2012).

Entrando no mérito da atividade turística, em 2011, Curitiba recebeu 3,7 milhões de visitantes, ainda não havendo dados referentes à 2012, mas a estimativa era de que se alcançasse a marca dos 4 milhões de turistas (PMC, 2012c). A mesma publicação discorre que o Centro Histórico de Curitiba é um dos espaços visitados pelos turistas na cidade, principalmente depois das recentes revitalizações.

Em 2011, foram 604.656 embarques na Linha Turismo (UEMURA; OLIVEIRA, 2011b). A Linha Turismo é o ônibus que faz o percurso pelos principais pontos turísticos de Curitiba, seu principal ponto de embarque é na Praça Tiradentes, de onde os ônibus saem a partir das 9 horas, de 30 em 30 minutos e o percurso conta com 25 atrações (CTUR; PMC, [2012?]). Dentre os pontos de desembarque do roteiro, os mais visitados são o Jardim Botânico, a Ópera de Arame e a própria Praça Tiradentes. Porém há outras paradas no Centro Histórico e arredores, como Museu Ferroviário, Teatro Guaíra / Universidade Federal do Paraná (UFPR), Passeio Público / Memorial Árabe, Setor Histórico e Paço da Liberdade, que também recebem visitantes (UEMURA; OLIVEIRA, 2011b). Como há proximidade entre todas essas paradas, os usuários acabam visitando a pé diversas das atrações.

Entre os materiais disponibilizados aos turistas em Curitiba, existe um mapa turístico da cidade e o material Curta Curitiba a pé. Tais materiais são distribuídos nos PIT's, que atualmente totalizam 10, sendo um deles no Centro Histórico, a Sala de Pedra, anexa ao Palacete Wolf, na Praça Garibaldi (PMC, 2012b).

O projeto Curta Curitiba a pé busca levar o turista ao centro da cidade e movimentar o comércio local. Foram resgatados roteiros mais antigos, como o Linha Vermelha, de 1991 e Linha Pinhão, de 1993, com reedição em 1996, e a partir de uma parceria entre a Casa da Memória, a FCC, o CTUR e o IPPUC foi elaborado um novo material. Esse consiste em um roteiro principal de visitação, com 39 prédios e pontos históricos, um roteiro alternativo com diversidade cultural e étnica da cidade e um roteiro gastron mico, com bares, restaurantes e confeitarias mais tradicionais da

cidade, além de apresentar a feirinha que ocorre nos domingos nessa área (CTUR, 2012).

O Mapa Turístico destaca os principais pontos turísticos de Curitiba, explicando inclusive o funcionamento da Linha Turismo. O material faz menção ao Setor Histórico, que abrange mais especificamente a região entre a Praça João Candido e Largo da Ordem. Segue abaixo a descrição apresentada desta atração:

Um passeio imperdível por locais que revelam o passado da antiga Vila Nossa Senhora da Luz e preservam a memória de Curitiba. Na rua com calçamento de pedras irregulares estão os casarios preservados, as igrejas da Ordem e do Rosário, o velho bebedouro, o Memorial de Curitiba, o Palacete Wolf, a Sociedade Garibaldi, as Ruínas de São Francisco e o Museu Paranaense. É ponto de encontro dos curitibanos à noite, em seus diversos bares, e aos domingos pela manhã, quando acontece a tradicional feira de artesanato com mais de mil artesãos, das 9 às 14 h (CTUR; PMC, [2012?]).

Na parte interna do material, cujo conteúdo é o mapa propriamente dito, há destaque para o Centro Histórico (FIGURA 35), sendo então demarcado de maneira mais abrangente (CTUR; PMC, [2012?]).

Em julho de 2012 foi realizada uma caminhada referente à proposta do Curta Curitiba a pé, em parceria com a Federação Internacional de Esportes Populares (Internationaler Volkssport Verband – IVV). A ideia foi aliar a prática de atividades físicas ao conhecimento da história e cultura da cidade, tendo o trajeto passado por diversos espaços históricos e culturais na região central da cidade (BEM PARANÁ, 2012).

refletem ainda o desenvolvimento atual da cidade. Trata-se de um espaço dinâmico, que tem sido valorizado pelo poder público, que desenvolve diversos projetos de revitalização no local. A mídia tem destacado esses projetos, bem como as diversas manifestações culturais que tem o Centro Histórico como palco, e o esforço dos comerciantes em divulgar melhor essa área. Em relação ao turismo, o Centro Histórico tem sido trabalhado como um atrativo da cidade, sendo inclusive o ponto de partida da Linha Turismo.

3 DESVENDANDO AS PERCEPÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA

A pesquisa empírica desenvolvida teve característica exploratória, e visou desvendar as diferentes percepções sobre o Centro Histórico de Curitiba. O panorama documental e bibliográfico do espaço que foi apresentado teve como objetivo propiciar a compreensão das múltiplas percepções que o mesmo desencadeia.

Com o intuito de desvendar a percepção sobre o Centro Histórico de Curitiba, como já mencionado anteriormente, foram aplicados os mapas mentais como procedimento metodológico associado à delimitação da área em uma planta da cidade.

3.1 A PESQUISA EMPÍRICA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como foi anteriormente evidenciado, a pesquisa empírica aconteceu em três etapas. A primeira etapa consistiu na aplicação de um questionário, para traçar o perfil do participante, bem como sua relação com o Centro Histórico. A segunda etapa foi a realização dos mapas mentais e a terceira etapa a demarcação do Centro Histórico em uma planta da área central de Curitiba (APÊNDICE 1).

Na primeira etapa, a fim de determinar um perfil básico dos participantes da pesquisa, foi adotado então um questionário com questões fechadas ou semi-fechadas. Dentre os dados que se pretendeu obter por meio da aplicação do questionário, têm-se: idade do entrevistado; grau de escolaridade; sexo; profissão; local de residência; relação com o Centro Histórico de Curitiba (moradia, trabalho, estudo, busca por serviços, passeio, lazer); frequência com a qual utilizava o espaço; conhecimento à respeito dos aspectos históricos e culturais desse espaço, e fonte (identificar se o entrevistado tinha conhecimento mais aprofundado à respeito do Centro Histórico de Curitiba, e se sim, como obteve essa informação); e por fim, questionamento à respeito do interesse em obter maiores informações sobre o mesmo.

Buscando entender as diferentes percepções que os usuários tinham sobre o Centro Histórico de Curitiba foi aplicada a segunda etapa da pesquisa, os mapas mentais, que permitiram um maior entendimento das representações percebidas pelos participantes. Nessa etapa os participantes elaboraram seus mapas mentais, e tiveram a oportunidade de comentar à respeito dos mesmos, caso sentissem necessidade de esclarecer seus desenhos, o que foi muito importante para a análise do material.

Na terceira etapa da pesquisa foi apresentada uma planta da região central para os participantes, cuja abrangência ultrapassa o que geralmente é considerado como o Centro Histórico da cidade. Nessa planta, os participantes foram solicitados a demarcar o que consideravam como Centro Histórico. O intuito dessa etapa foi entender que área os participantes entendiam como Centro Histórico, e quais elementos lhe eram mais marcantes nesse contexto.

Desenvolveram-se todas essas etapas da pesquisa com um grupo variado de pessoas, que tinham diferentes relações com o espaço abordado, e ao qual atribuíam diferente importância e significados. A seleção dos indivíduos justifica-se pelo interesse em captar as diferentes percepções do espaço, e identificar as semelhanças e diferenças entre essas percepções permitindo a realização de um diagnóstico sobre o Centro Histórico de Curitiba, e o que esse representa para os curitibanos e para os turistas.

O desenvolvimento da pesquisa empírica ocorreu no período de dezembro de 2012 e janeiro de 2013, sendo abordadas 21 pessoas, das quais 20 foram selecionadas para análise. Os participantes foram abordados em diferentes locais e horários no Centro Histórico de Curitiba. Ocorreram diversas rejeições à realização da pesquisa, principalmente devido à necessidade de elaboração do “desenho” ou mapa mental.

A seguir são apresentados os resultados alcançados com a pesquisa. Primeiramente os dados são apresentados por participante, ou seja, será mostrada uma análise individual do material coletado de cada participante, e posteriormente são apresentadas análises mais gerais dos resultados obtidos, refletindo as percepções a respeito do Centro Histórico de Curitiba.

3.2 O CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA NA VISÃO DOS ENTREVISTADOS: OS MAPAS MENTAIS

Devido à riqueza de detalhes e peculiaridades da pesquisa, optou-se por apresentar os 20 entrevistados individualmente, o que será elencado a seguir:

Participante nº 1

Curitibana e moradora de Curitiba com idade de vinte e dois anos, residente no bairro Uberaba. Era estudante de graduação do curso de turismo, e frequentava o Centro Histórico a trabalho (é estagiária em um PIT) e por lazer, todos os finais de semana. Tinha conhecimento da área, aprendido na escola/faculdade, e se interessava pela história e cultura da mesma para conhecimento próprio.

Decodificando o mapa mental do participante (FIGURA 36) em relação à forma de representação dos elementos na imagem, é possível identificar a predominância de ícones, como as igrejas, as fontes e os canecos; o uso de linhas para unificar os ícones e montar um cenário, bem como linhas pontilhadas, indicando um trajeto; figuras geométricas, para representação de barracas; e letras.

Em relação à distribuição dos elementos na imagem, observa-se que a imagem é organizada como uma vista aérea, embora os ícones estejam dispostos de maneira horizontal. O caráter aéreo dá unidade aos ícones apresentados.

Quanto à especificidade dos ícones apresentados, tratam-se de elementos da paisagem construída, como as igrejas, a Fonte da Memória e o Bebedouro. A feirinha é representada de maneira mais simples, assim como o bar e o cursinho. A rua, típica do cenário urbano, aparece como forma de expressar mobilidade e localização, destacando o trajeto cursinho – bar. Há dois elementos humanos inseridos dentro do ícone que representa o bar, indicando o aspecto da interação social.

Um ícone de aspecto mais particular no desenho são as canecas de *chopp*, indicando se tratar de um bar, e simbolizando um hábito da participante em relação ao Centro Histórico.

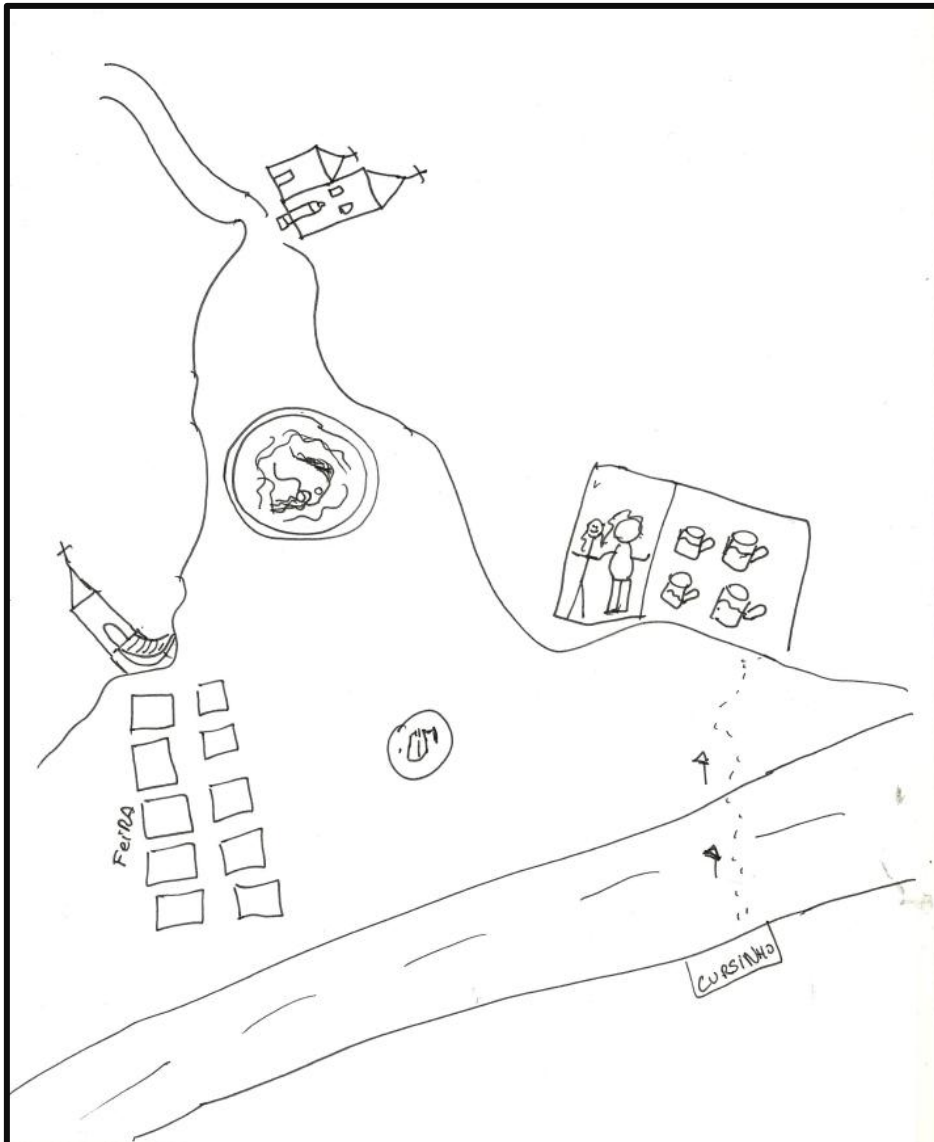


FIGURA 36 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 1

No mapeamento do que seria o Centro Histórico, circulouse a área relativa ao Setor Histórico, abarcando ainda o Solar do Barão, à Rua Carlos Cavalcanti, o Shopping Muller, a Praça 19 de Dezembro, as ruas São Francisco e Riachuelo, o calçadão da Rua XV de Novembro, a BPP, incluindo ainda o Prédio Histórico da UFPR e a Praça Santos Andrade.

É possível perceber que a Participante nº 1 tem uma relação significativa com Centro Histórico, e o mapa mental expressa diferentes momentos nos quais ela interage com ele. Ela representou a região entre a Praça Garibaldi e o Largo da Ordem, evidenciando as duas igrejas dessa área e outros dois elementos, a Fonte da Memória e o Bebedouro, tratando-os então como componentes desse cenário. A Feira do Largo da Ordem é representada, evidenciando a sua importância pessoal.

Uma das particularidades apresentadas é a representação de um hábito passado muito marcante para a participante, de ir do cursinho para os bares localizados na área. O bar aparece como um local para beber, representado pelas canecas de *chopp*, e para interação social, representado pelos elementos humanos.

É pertinente destacar ainda a unidade dada a todos os elementos na imagem, evidenciando que todos esses elementos juntos compõem o que seria o Centro Histórico. A mesma unidade apareceu no mapeamento da área, demarcando o Centro Histórico como um todo, e não como elementos dispersos. O fato de sempre ter morado em Curitiba, de ter aprendido sobre o Centro Histórico na escola/faculdade e especialmente de trabalhar na área, repassando informações turísticas sobre a mesma, pode ser um dos fatores que contribuiu para que tenha essa visão mais unificada da área, assim como seu interesse pessoal e profissional em conhecer sempre mais a respeito.

Participante nº 2

O Participante nº 2 estava na faixa etária de 30 anos, cursava terceiro grau e era músico. Ele morava há 5 anos em Curitiba, naquele momento no bairro Centro. Frequentava o Centro Histórico todos os dias por ser morador da área. Afirmou ter conhecimento sobre a história e cultura da área pois estudou na escola/faculdade, realizou visita guiada, pela mídia, por painéis informáticos e por *folders* turísticos. Não se interessava mais pelo tema por falta de divulgação ou exposição.

Seu mapa mental (FIGURA 37), apresentado abaixo, possui alguns ícones, dispostos de maneira linear. Entre os ícones, há elementos da paisagem construída, como os prédios e a calçada, e elementos da paisagem natural, as árvores. A forma como os ícones estão dispostos destaca a presença de muitos prédios, a verticalização.



FIGURA 37 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 2

Ao demarcar o Centro Histórico na planta, demarcou apenas a Praça Garibaldi, a Rua Claudino dos Santos, o Largo da Ordem e a Rua São Francisco, porém, no mapa mental, desenhou a Rua XV de Novembro.

Apesar de representar a Rua XV de Novembro como inserida no Centro Histórico, e não demarcá-la no mapeamento como integrante do Centro Histórico, a pesquisa com esse participante levantou um aspecto muito relevante. O participante afirmou conhecer sobre o Centro Histórico, mas não ter interesse em conhecer mais por achar que é pouco divulgado, e o mapa mental fortalece essa alegação. Os prédios “engolem” o Centro Histórico. A árvore é insignificante em relação aos prédios, mostrando que essa área foi tão circundada por prédios, que parece perdida em meio à cidade. Quando o autor disse que o espaço não é divulgado e

exposto, pode-se supor que é porque ele considera essa área esquecida em meio ao crescimento da cidade. Ele afirmou ter nascido em uma cidade histórica em Minas Gerais, o que pode ser um indicador de sua percepção.

Participante nº 3

Um funcionário público com 3º grau completo e faixa etária de 36 anos. Era morador de Ponta Grossa – PR e estava em Curitiba há uma semana. Frequentava o Centro Histórico por lazer. Ele tinha conhecimento da história e cultura da área pela mídia e por painéis informativos e se interessava nos temas pelos novos conhecimentos culturais.

A seguir segue o mapa mental elaborado por ele (FIGURA 38). O conteúdo desse mapa mental tem um aspecto muito particular, uma lâmpada, além do uso de letras. A lâmpada possui um ponto de interrogação em seu centro, e abaixo, o autor explica sua ideia: o Centro Histórico desperta o conhecimento.

Na 3ª etapa da pesquisa, destacou a Rua Claudino dos Santos, o Largo da Ordem e a Rua São Francisco.

Essa perspectiva apresentada no mapa mental é muito relevante. Nota-se que se tratava de um turista, que frequentava a área e tinha um certo conhecimento da mesma. O Centro Histórico, suas construções e características são tidos como uma inspiração para buscar novos conhecimentos, é uma fonte de ideias, um despertar para toda a história e desenvolvimento da cidade.

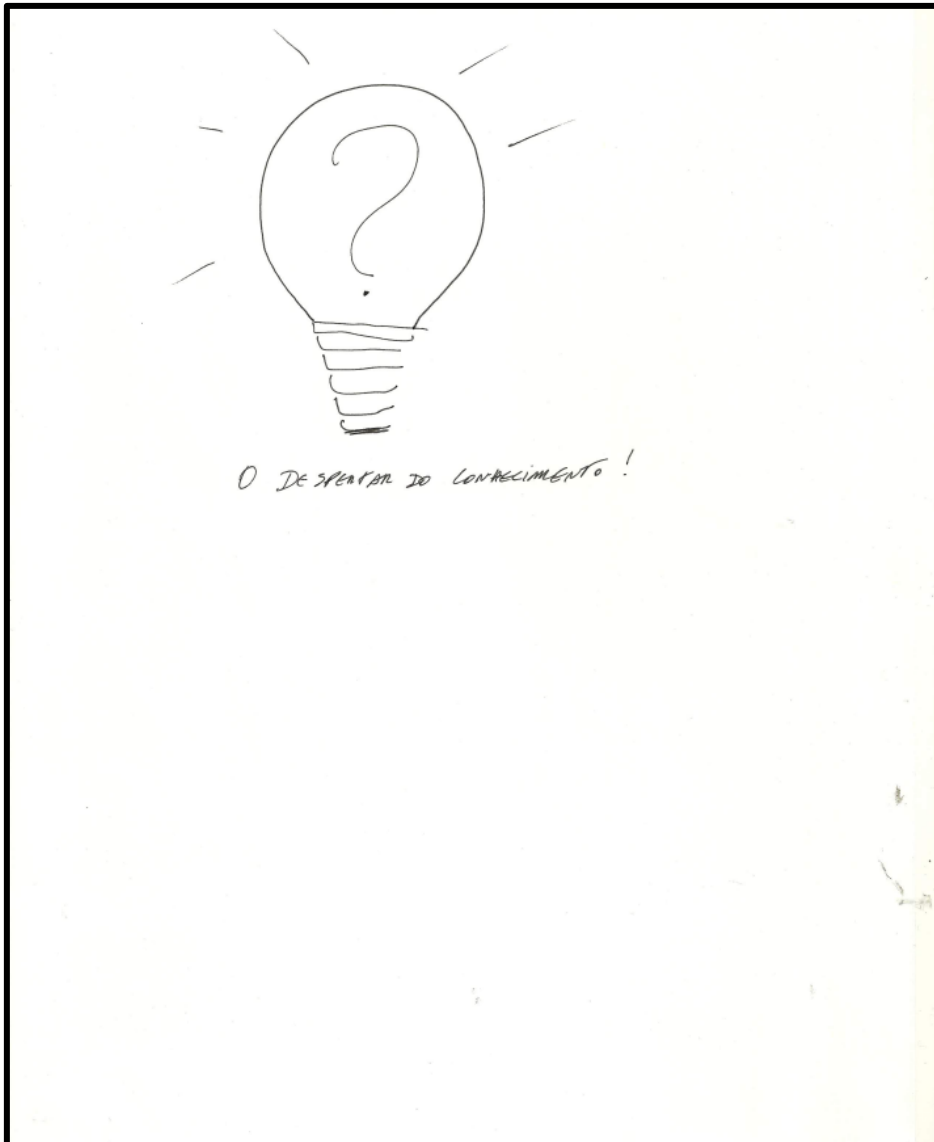


FIGURA 38 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 3

Participante nº 4

Bancário aposentado, com 64 anos de idade e que cursou até o ensino fundamental. Ele morava há 45 anos em Curitiba, no momento no bairro Boqueirão. Frequentava o Centro Histórico quase todo dia por lazer. Tinha conhecimento da história e cultura da área pois estudou à respeito e o tema desperta seu interesse.

Mais a frente segue o mapa mental elaborado por ele (FIGURA 39). No mapa mental vê-se a apresentação de dois ícones, dispostos horizontalmente. Um dos ícones é um elemento da paisagem construída, uma edificação, e o outro é um elemento da paisagem natural, uma árvore.

Na demarcação do Centro Histórico, o participante demarcou alguns locais isoladamente: Colégio Estadual do Paraná, Praça 19 de Dezembro, Passeio Público, Praça Tiradentes, Biblioteca Pública e Rua da Cidadania na Praça Rui Barbosa.

O participante foi abordado na Praça Tiradentes, sentado em um banco embaixo de uma árvore. No mapa mental, ele mostrou justamente a Praça Tiradentes. A edificação representa as construções ao redor da praça, e é na sombra da árvore que ele identifica o local de seu lazer, situação habitual que foi representada, pois frequenta o Centro Histórico diariamente.

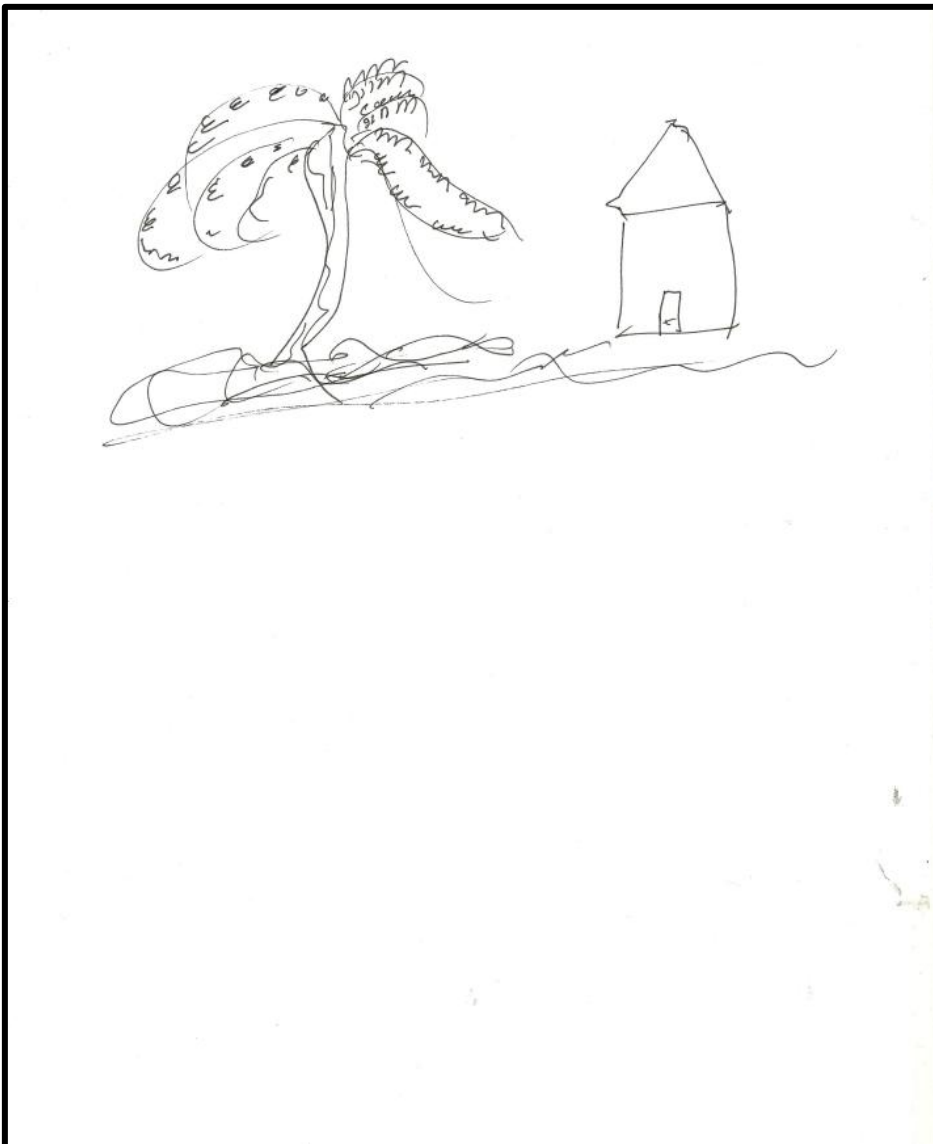


FIGURA 39 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 4

Participante nº 5

Do sexo masculino, com 35 anos e morador de Curitiba, naquele momento no bairro Abranches. Coursou ensino médio e trabalhava como guarda municipal no posto do Largo da Ordem, por isso frequentava o Centro Histórico todo dia. Porém além de frequentar a área a trabalho, frequentava também a passeio, por ser onde se iniciou a história de Curitiba. Ele afirmou ter conhecimento da área pois realizou uma visita guiada e se interessava pela história e cultura da área devido à distribuição dos povos (imigrantes) e por ser ponto de encontro desde a época dos tropeiros, bem como ser local de festividades.

No mapa mental (FIGURA 40), percebe-se a presença de diversos ícones formando um cenário, sendo uma bandeira, um bebedouro, um cavalo e uma carroça. Quando à distribuição das imagens, percebe-se que é feita horizontalmente. Entre os ícones, tem-se o bebedouro como paisagem construída, bem como a bandeira hasteada. Como elemento móvel, tem-se a carroça, que dá a ideia de movimento se associada ao elemento animal, o cavalo. Uma particularidade seria a presença da bandeira, que para o participante representa os diferentes países dos quais vieram os imigrantes para Curitiba.

No delineamento do Centro Histórico, circulou a área incluindo a Praça Tiradentes e seu entorno, o entorno do Paço da Liberdade, a BPP, o calçadão da Rua XV de Novembro, o entorno da Praça Santos Andrade e o Passeio Público. Instigante destacar que a área representada em seu mapa mental, o Largo da Ordem, não foi circulado.

O interesse do participante pela história da cidade, e o conhecimento que esse afirma ter da mesma, são visíveis no mapa mental elaborado por ele. O mapa retrata um outro tempo do Largo da Ordem, quando o Bebedouro, que ainda está lá, era mais do que um elemento decorativo e para lembrar um passado, quando ele realmente servia para que os animais dos colonos pudessem beber água. A própria bandeira enfatiza esse cenário, pois eram os colonos imigrantes que seguiam de suas terras mais afastadas para vender seus produtos no centro, tendo que dar de beber para seus animais, após esses puxarem as carroças para chegar até lá.

O participante sempre morou em Curitiba e, em suas colocações durante a aplicação da pesquisa, destacou sua descendência europeia, e retratou no mapa mental o contexto histórico da cidade.

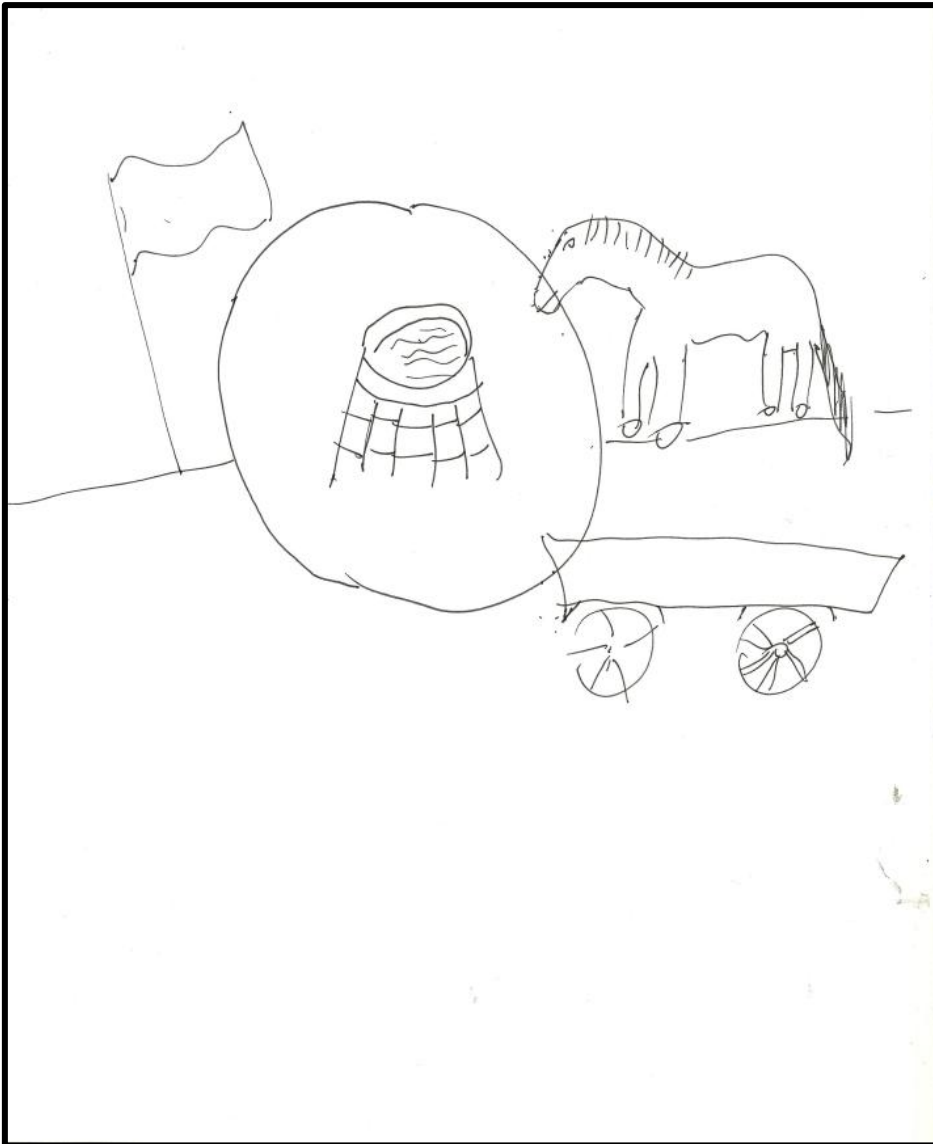


FIGURA 40 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 5

Participante nº 6

Recepcionista com 59 anos de idade, cursou até o ensino médio e residia em São José dos Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba (RMC) há 28 anos, porém sempre trabalhando em Curitiba. Frequentava o Centro Histórico uma vez por semana, por trabalho, compras/serviços e para visitar conhecidos. Ele não possuía muito conhecimento a respeito da área, mas se interessava pela história e cultura pelos novos conhecimentos.

A seguir é apresentado o mapa mental elaborado por ele (FIGURA 41):

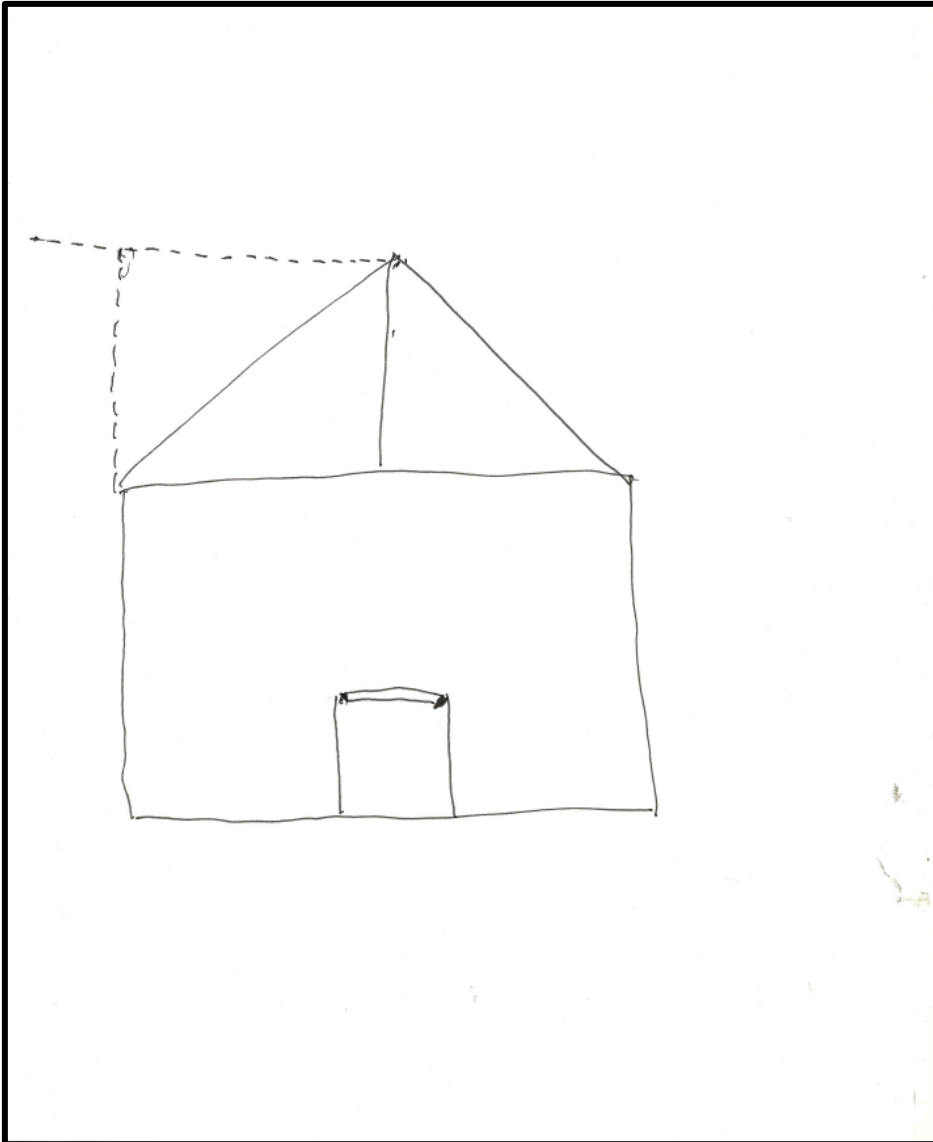


FIGURA 41 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 6

O mapa mental apresenta um ícone, um elemento de paisagem construída, no caso, a Igreja da Ordem, disposta pelo participante horizontalmente.

No mapeamento do Centro Histórico, destacou o eixo entre a Praça João Candido e a primeira quadra da Rua São Francisco, incluindo então a Praça Garibaldi, a Rua Claudino dos Santos e o Largo da Ordem.

O participante afirmou ter trabalhado no entorno na Praça Garibaldi e do Largo da Ordem, portanto é a área que ele melhor conhece do Centro Histórico. Em seu mapa mental, destacou um dos elementos da área que lhe é muito simbólico, a Igreja da Ordem.

Participante nº 8

Do sexo masculino com 49 anos, cursou 3º grau e atuava como contador. Morador de Curitiba, no momento da aplicação da pesquisa residindo no bairro Mercês. Frequentava o Centro Histórico semanalmente à passeio, pela diversidade presente na área. Tinha conhecimento da história e cultura da área por ter estudado na escola/faculdade, por ter realizado visita guiada, pela mídia, por painéis informativos e também por ter lido *folders* turísticos. Se interessava pelo tema por ser a cultura da cidade onde vive.

Abaixo está o mapa mental elaborado pelo participante (FIGURA 42):

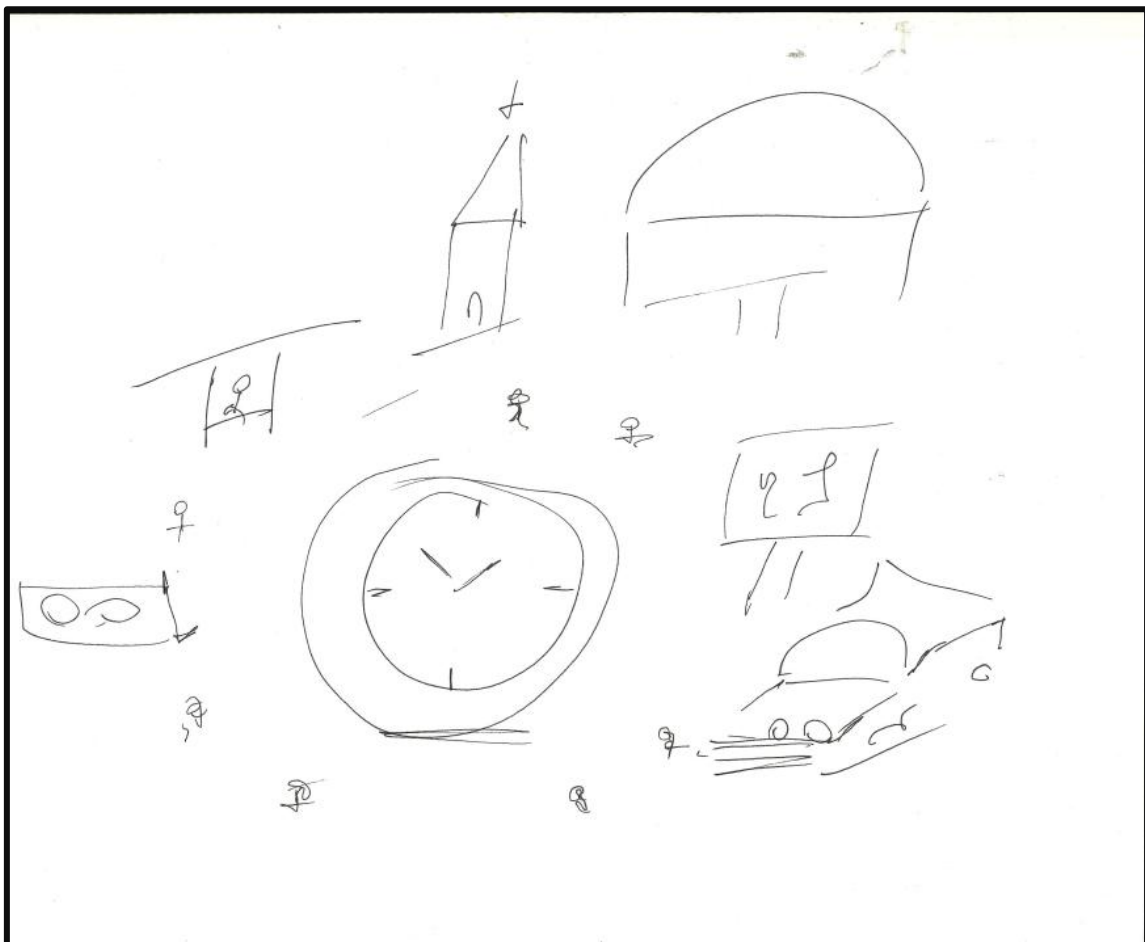


FIGURA 42 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 8

O mapa mental evidencia diversos ícones, distribuídos de maneira dispersa, porém com alguma unidade. Quanto à especificidade dos itens, são: elementos da paisagem construída, como um relógio, uma igreja, uma construção e uma barraquinha; elementos móveis, como o carro; e elementos humanos, as pessoas

circulando entre os ícones. O cenário mostrado é da Feira do Largo. Identificam-se alguns monumentos, como o Relógio das Flores, a igreja e a entrada do PIT onde o participante foi abordado. Além disso, identifica-se a presença de um carro antigo (na feira, aos domingos, há uma exposição de carros antigos), de barracas, onde são vendidos os artesanatos, e até de um quadro, material comum à venda na feira. Além disso, há diversas pessoas circulando pelo cenário.

Ao demarcar, na 3ª etapa da pesquisa, a área do Centro Histórico, circulou três áreas: a extensão entre a Praça Garibaldi e a Rua São Francisco e seu entorno; a Praça Tiradentes e seu entorno; o Paço da Liberdade e seu entorno; e o Passeio Público.

O interesse do participante em passear semanalmente pelo Centro Histórico, de acordo com ele, se deve à diversidade existente na área. Essa diversidade pode ser vista no mapa mental desenhado por ele. O mapa mostra alguns elementos dos arredores da feira, como o Relógio das Flores, a Igreja e o PIT, e diversas atrações da feira, como os artesanatos e os carros antigos. Conseguiu expressar o prazer que sente pela diversidade existente no Centro Histórico, especialmente nos domingos, que ele afirmou ser o dia preferido para os seus passeios. Ele claramente associa o Centro Histórico à essa manifestação cultural, que é a Feira do Largo.

Participante nº 9

Uma artesã (Feira do Largo) com 72 anos, que não concluiu o ensino fundamental. Ela sempre morou em Curitiba, no momento da abordagem no bairro Mercês. Ela frequentava o Centro Histórico várias vezes na semana, a trabalho, incluindo todos os domingos, quando vendia seus produtos na Feira do Largo. Ela afirmou ter conhecimento da área através da leitura de *folders* turísticos e por ser seu lugar de trabalho. Ela se interessava pela história e cultura da área por considerar interessante.

O mapa mental da participante apresenta alguns ícones, como a Fonte da Memória, duas barraquinhas e alguns objetos artesanais, sendo elementos de paisagem construída, a Fonte da Memória, e elementos móveis, como as barracas, que podem ser transportadas de um lugar a outro. O mapa mental pode ser visualizado a seguir (FIGURA 43):

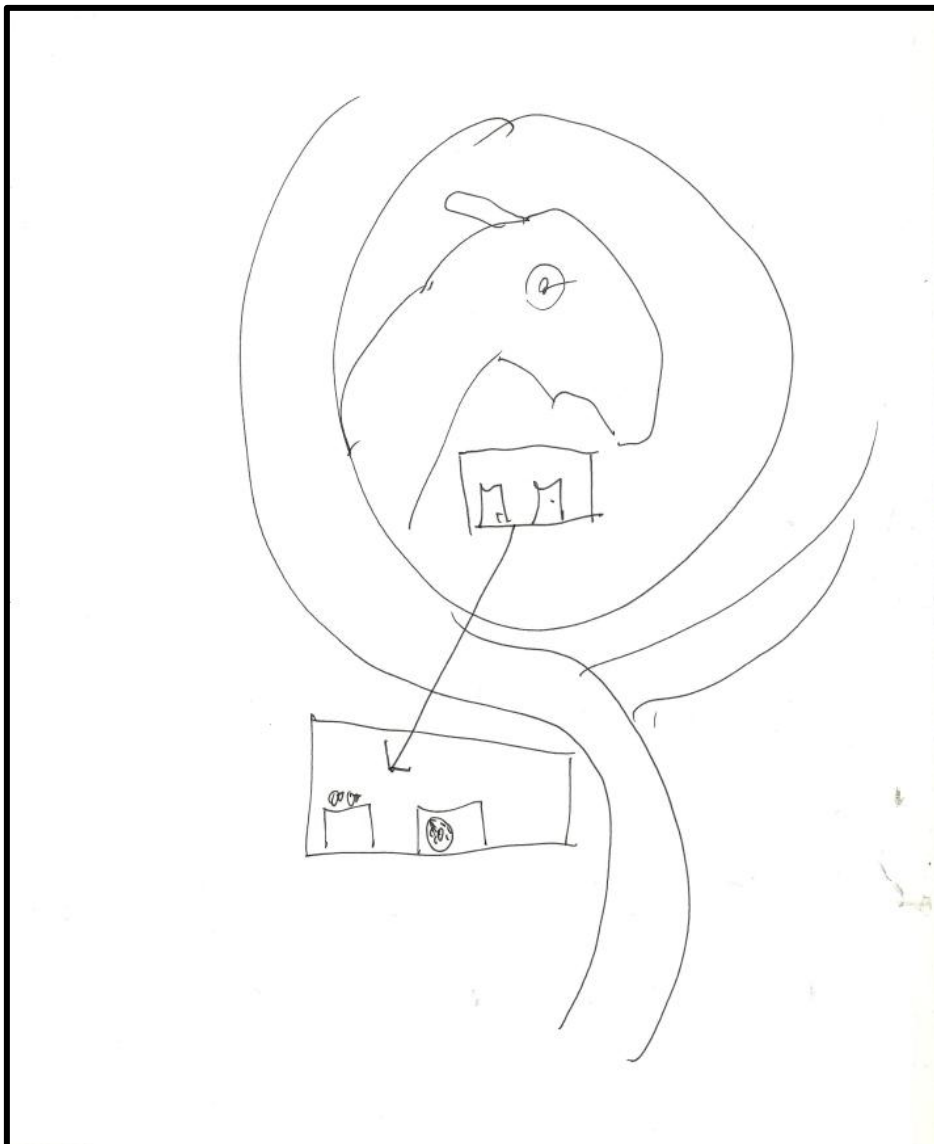


FIGURA 43 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 9

No mapeamento, ela demarcou com um X os locais que considerava como Centro Histórico: Museu Paranaense, Praça Garibaldi, Praça Tiradentes, BPP, Praça Zacarias, Travessa Oliveira Bello, Praça Rui Barbosa, Teatro Guaíra, Passeio Público e Shopping Muller.

Em seu mapa mental, projetou uma situação vivida no Centro Histórico. Ela é feirante na Feira do Largo, desde o seu início. No mapeamento destacou a Travessa Oliveira Bello, desconhecida para muitos, por ser justamente o lugar onde a feira se iniciou. Já no mapa mental ela expressou como uma das mudanças ocorridas na Praça Garibaldi, a inserção da Fonte da Memória, alterou sua barraca de lugar. Depois de anos trabalhando naquele ponto, ela foi deslocada alguns metros, e isso foi muito marcante para a mesma.

Como boa parte de sua vida ela dedicou trabalhando na Feira do Largo, o mais marcante do Centro Histórico para ela é justamente essa manifestação. Ela fez questão de situar onde é a barraca dela, e mostrar os produtos que vende, as louças pintadas.

Notou-se no mapeamento que ela não tem a percepção do Centro Histórico como um todo, mas como alguns elementos que se destacam, e estes refletem os locais de vivência dela.

Participante nº 10

Professora com 46 anos, morava em Joinville – SC e estava em Curitiba há um dia. Ela frequentava o Centro Histórico mensalmente a lazer e a passeio, pois gostava da “feirinha”. Afirmou ter conhecimento dos aspectos históricos e culturais da área por seus passeios. Se interessava pelo tema pois lazer e entretenimento causam interesse.

Seu mapa mental (FIGURA 44) foi uma particularidade. Existe o desenho de um ícone, uma mão, fazendo o sinal de positivo. Na ponta de cada dedo há o desenho de um rosto, sendo todos eles bem diferentes um do outro. A participante ainda enfocou nesse aspecto, escrevendo as palavras "diversidade cultural".

Na terceira etapa da pesquisa destacou o Centro Histórico na planta de maneira difusa, incluindo: o Shopping Muller, a Praça 19 de Dezembro, o eixo entre a Praça João Candido até a Rua São Francisco, a Praça Tiradentes, o Paço da Liberdade e as praças em seu entorno, a Praça Santos Andrade e o Prédio Histórico da UFPR, o Shopping Itália, a BPP e a Praça Zacarias.

É possível notar que, apesar de ser turista, a participante tem um certo conhecimento do Centro Histórico, e que seu interesse maior é em lazer e entretenimento, e isso ela encontra nesse local, em especial quando é realizada a Feira do Largo. Sua representação no mapa mental destaca o apreço que tem pelo Centro Histórico, evidente no uso da mão em sinal positivo e pela expressão "jóia". A diversidade cultural é também vista como algo positivo, capaz de despertar atração.

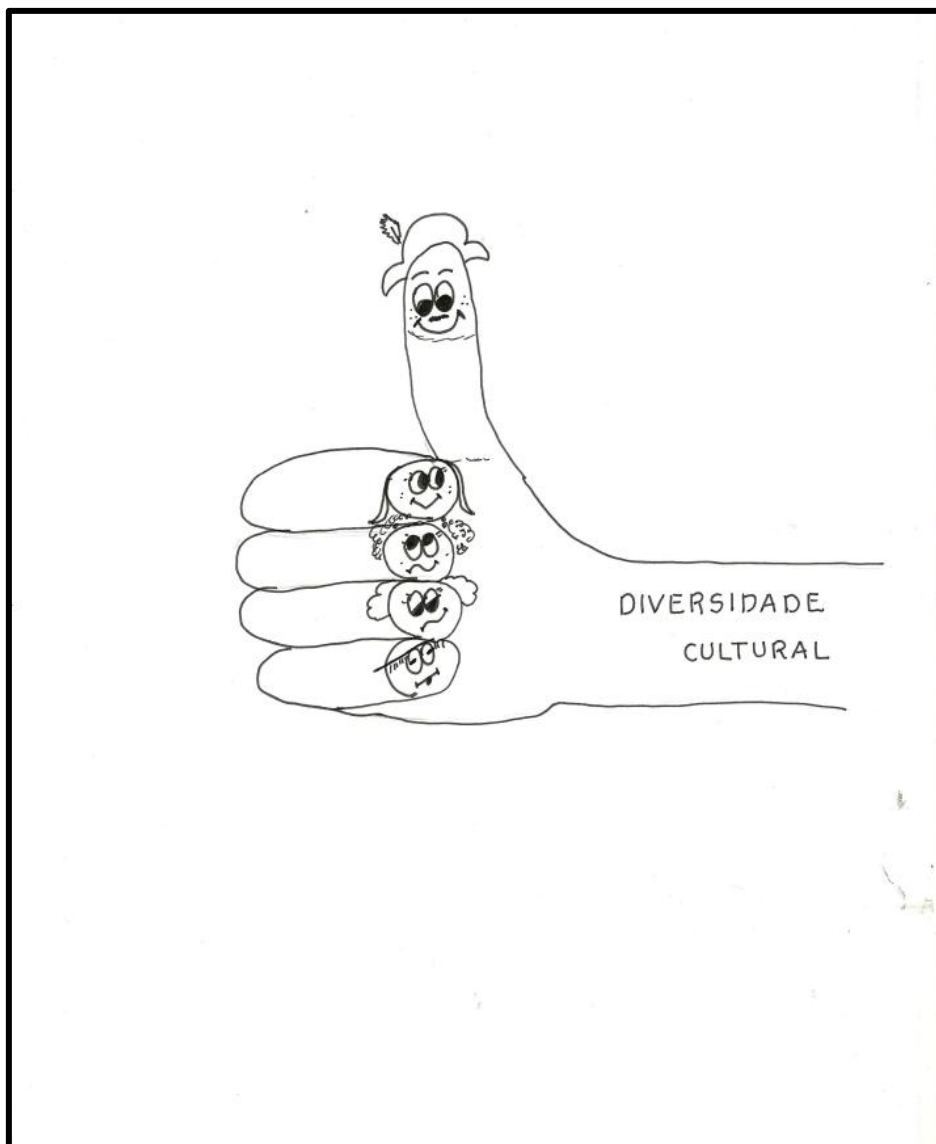


FIGURA 44 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 10

Participante nº 11

Engenheira com 68 anos de idade e que cursou doutorado. Era a primeira vez que frequentava o Centro Histórico de Curitiba, pois morava em Belo Horizonte - MG e estava em Curitiba há um dia. Frequentou a área a passeio, por curiosidade. Não tinha conhecimento da área, porém se interessava pela história e cultura do Centro Histórico pois tinha interesse em aprender o que é importante para a cidade, e considerava que no Centro Histórico é onde tudo começou, e deve ser valorizado e preservado.

Seu mapa mental (FIGURA 45) é composto por ícones diversos e letras, em grande quantidade. Os elementos estão dispostos de maneira dispersa, sendo

textos descritivos e indicações e elementos da paisagem construída, duas igrejas e a edificação do Museu de Arte Sacra (MAS).

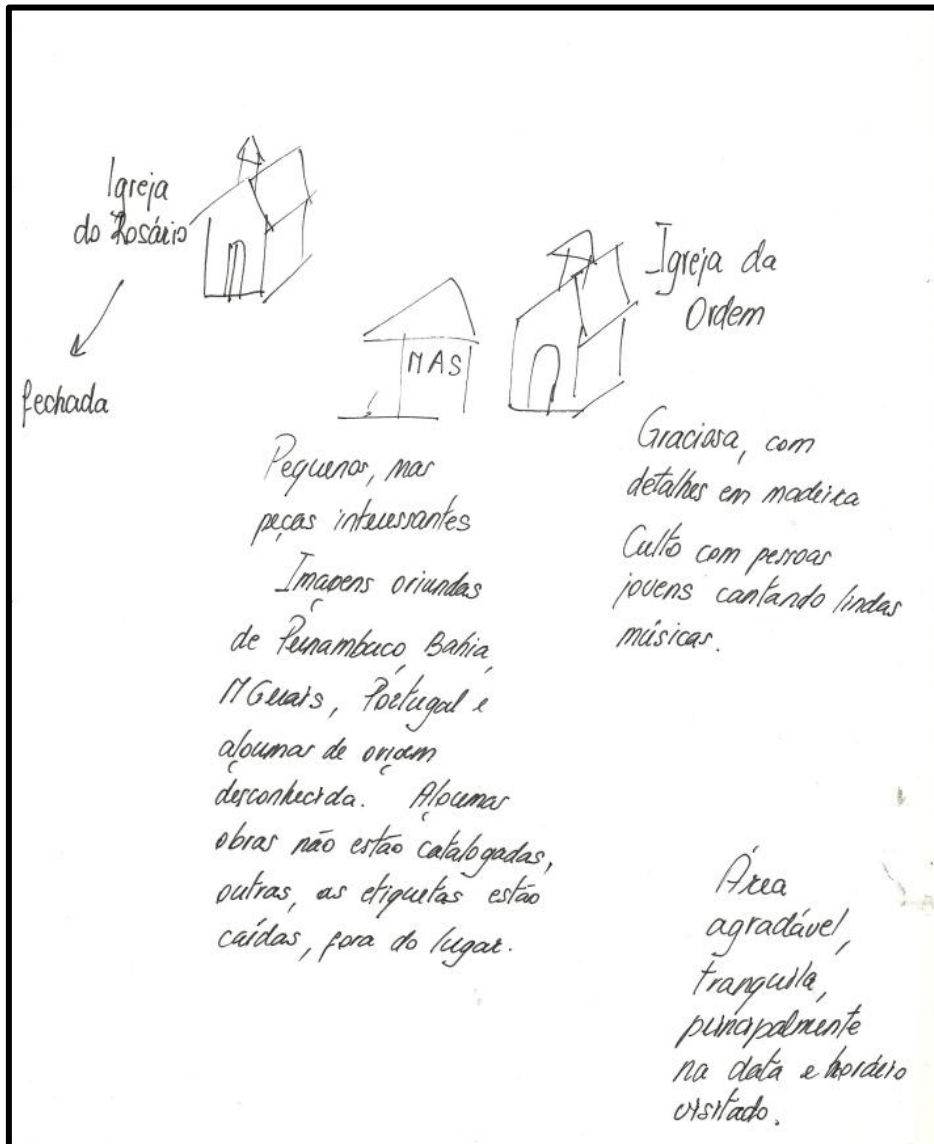


FIGURA 45 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 11

Na etapa seguinte, ao demarcar no mapa o que considera ser o Centro Histórico de Curitiba, demarcou toda a área do Setor Histórico, avançando até o Solar do Barão, as ruas Riachuelo e São Francisco, o calçadão da Rua XV de Novembro até a Praça General Osório e a BPP.

Percebeu-se que apesar do pouco conhecimento a respeito do Centro Histórico, a entrevistada não teve dificuldades de marcar no mapa o que considera ser o equivalente a essa área. Quanto ao mapa mental, a participante se ateu em mostrar os locais que realmente experienciou, a Igreja do Rosário, a Igreja da

Ordem, e o MAS. Porém, foi possível perceber uma dificuldade em expressar simbolicamente a experiência vivida. A entrevistada buscou descrever com palavras o que conheceu e como se sentiu em cada local, bem como uma descrição mais geral, colocando que a área é agradável e tranquila. Essa dificuldade de se expressar sem o uso da palavra pode advir de dois fatores: a experiência vivida não ter despertado esse lado mais simbólico na entrevistada, ou a formação dela, de caráter mais exato, que torna difícil para ela expressar-se de forma subjetiva.

Participante nº 12

Comerciante com 31 anos, com 3º grau completo, morador de Curitiba. Ele residia no bairro Cabral e frequentava o Centro Histórico diariamente à trabalho. Sua família possuía um restaurante na rua São Francisco, desde que ele era criança, e no período de realização da pesquisa ele auxiliava os pais com o restaurante. Ele tinha conhecimento da área pela vivência e se interessava pela história e cultura da mesma por ser a história da cidade.

Em seu mapa mental (FIGURA 46), ele apresentou ícones como uma igreja e a Fonte da Memória; utilizou-se de um tracejado geométrico para dispor uma calçada, na qual há pessoas caminhando. Quanto à distribuição dos elementos, estão dispostos horizontalmente. Os ícones desenhados remetem a elementos da paisagem construída: igreja, fonte e calçada, e elementos humanos caminhando na calçada.

Quanto ao mapeamento do que seria o Centro Histórico, demarcou algumas pequenas áreas, mas de maneira dispersa. Ele demarcou o eixo entre a Praça João Cândido até o final da Rua São Francisco, o Solar do Barão, o Passeio Público, o Prédio Histórico da UFPR, a Praça Tiradentes e a extensão do calçadão da Rua XV de Novembro.

Nota-se que, ao querer sintetizar em seu mapa mental o Centro Histórico, destacou a religiosidade da área, ao mostrar a presença da igreja, também representou a Fonte da Memória, elemento que chama bastante atenção no cenário, e o calçamento em paralelepípedos e *petit-pavé*. O elemento humano aparece para destacar a constante circulação de pessoas, com diferentes perfis: família, casais, pessoas sozinhas, amigos, entre outros. Quanto ao mapeamento, notou-se que não marcou o Centro Histórico de maneira conjunta, mas sim foi marcando os lugares

que experienciou com maior frequência e intensidade desde sua infância. A Rua São Francisco, não lembrada por vários participantes, foi demarcada por ele, justamente pela sua ligação com a mesma.

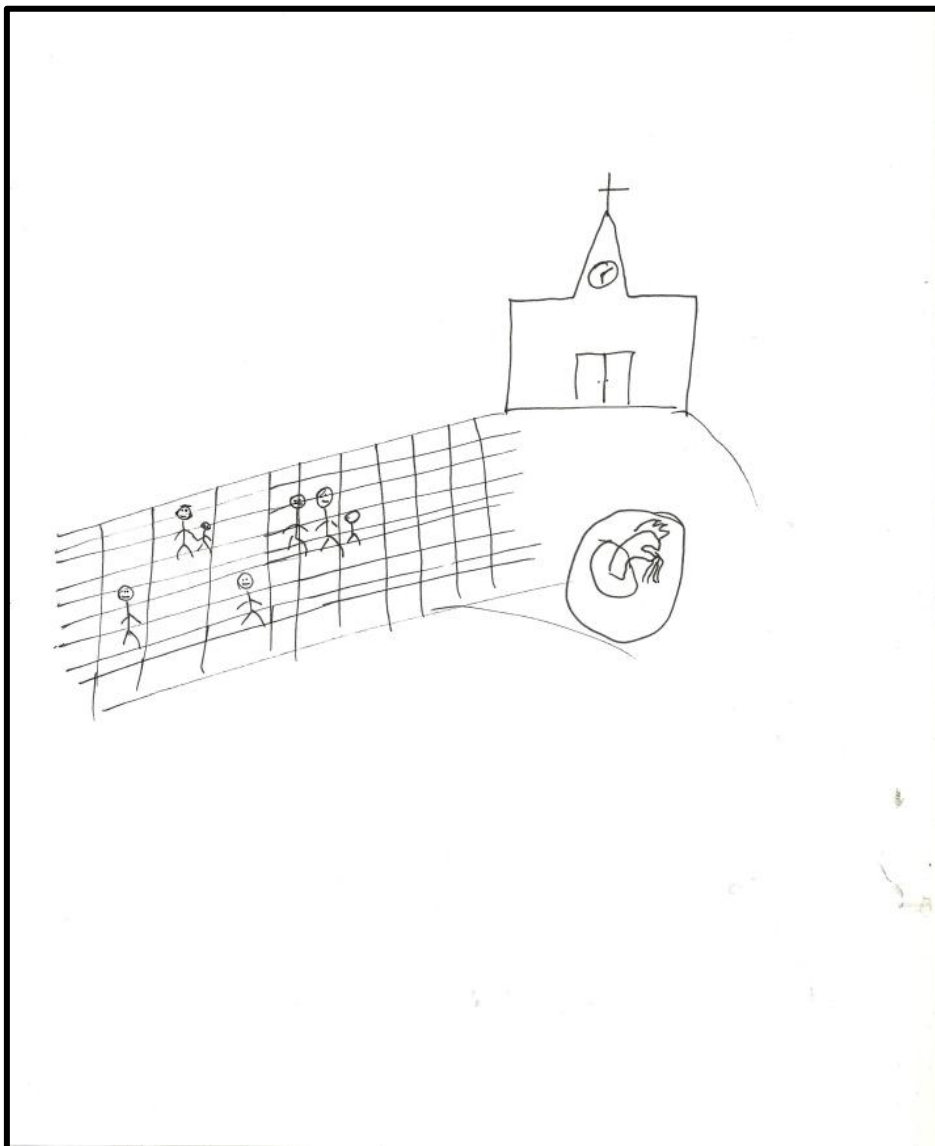


FIGURA 46 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 12

Participante nº 13

Do sexo masculino com 23 anos, analista de sistemas, cursando pós-graduação, morador de Curitiba, no bairro Abranches. Frequentava o Centro Histórico a cada 15 dias a passeio, por apreciar o ambiente “antigo”. Ele tinha conhecimento da área pela mídia e por amigos, mas não se interessava pela história

e cultura da área, pois apesar de gostar de ambientes “antigos”, a história em si para ele não faz tanta diferença.

Quanto ao seu mapa mental (FIGURA 47), trazia apenas um ícone, uma construção em estilo antigo. O mapa mental está disposto de forma horizontal, e representa um elemento da paisagem construída. A representação pode ser vista abaixo:



FIGURA 47 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 13

Quanto à demarcação do Centro Histórico no mapa, aparecem duas áreas separadamente: o eixo entre a Praça João Candido, Praça Garibaldi, Largo da Ordem, até a Rua Barão do Serro Azul, e o eixo entre a Praça Tiradentes e a Praça

Generoso Marques, abarcando então a Praça José Borges de Macedo e o Paço da Liberdade.

Apesar de ter conhecimento a respeito da área e conseguir delimitar o que considera como Centro Histórico com facilidade, seu mapa mental expressa o que ele já havia destacado: apesar de gostar da ambientação do Centro Histórico, não se identifica com a história. O desenho representa uma edificação dos séculos passados, com as pequenas varandas, janelas grandes, mas sem expressar uma forte ligação simbólica entre o participante e a área pesquisada.

Participante nº 14

Uma comerciante com 24 anos (proprietária de um sebo no Largo da Ordem), com graduação incompleta. Morava há 5 anos em Curitiba, no bairro Centro. Freqüentava o Centro Histórico diariamente, por trabalho. Afirmou não ter conhecimento da área, mas se interessar pela história e cultura da mesma pois história e cultura a interessam de modo geral.

Em seu mapa mental (FIGURA 48), evidenciou o que considera ser o Centro Histórico de Curitiba. Ela se utilizou de letras para escrever o nome dos logradouros e de algumas edificações.

Na terceira etapa da pesquisa, marcou de maneira unificada todo o Setor Histórico, o Solar do Barão, o Cemitério Municipal, o Shopping Muller, a Praça 19 de Dezembro, as ruas Riachuelo e São Francisco, o Passeio Público, o Colégio Estadual do Paraná, o entorno da Praça Santos Andrade, o calçadão da Rua XV de Novembro, a Praça General Osório e a BPP.

Percebe-se seu interesse pela história e cultura, pois ela considerou uma área bem abrangente como Centro Histórico, e teve dificuldades em selecionar o que não seria, todas as ruas e espaços pareciam importantes demais para serem deixados de lado.

No mapa mental, desenhou uma planta da área central da cidade, incluindo as ruas Presidente Carlos Cavalcanti, Treze de Maio, Barão do Cerro Azul, São Francisco, Saldanha Marinho e XV de Novembro, além das praças Garibaldi, Tiradentes, Largo da Ordem, General Osório e Santos Andrade. Ela ainda identificou alguns elementos, como o Passeio Público, a Catedral e o Prédio Histórico da UFPR. Ela afirmou não ter conhecimento sobre a história e cultura da área, porém

conhece bastante a localização das ruas e praças. O mapa mental desenhado por ela mostrou um ponto-de-vista prático do Centro Histórico, não evidenciando uma ligação simbólica com o mesmo.

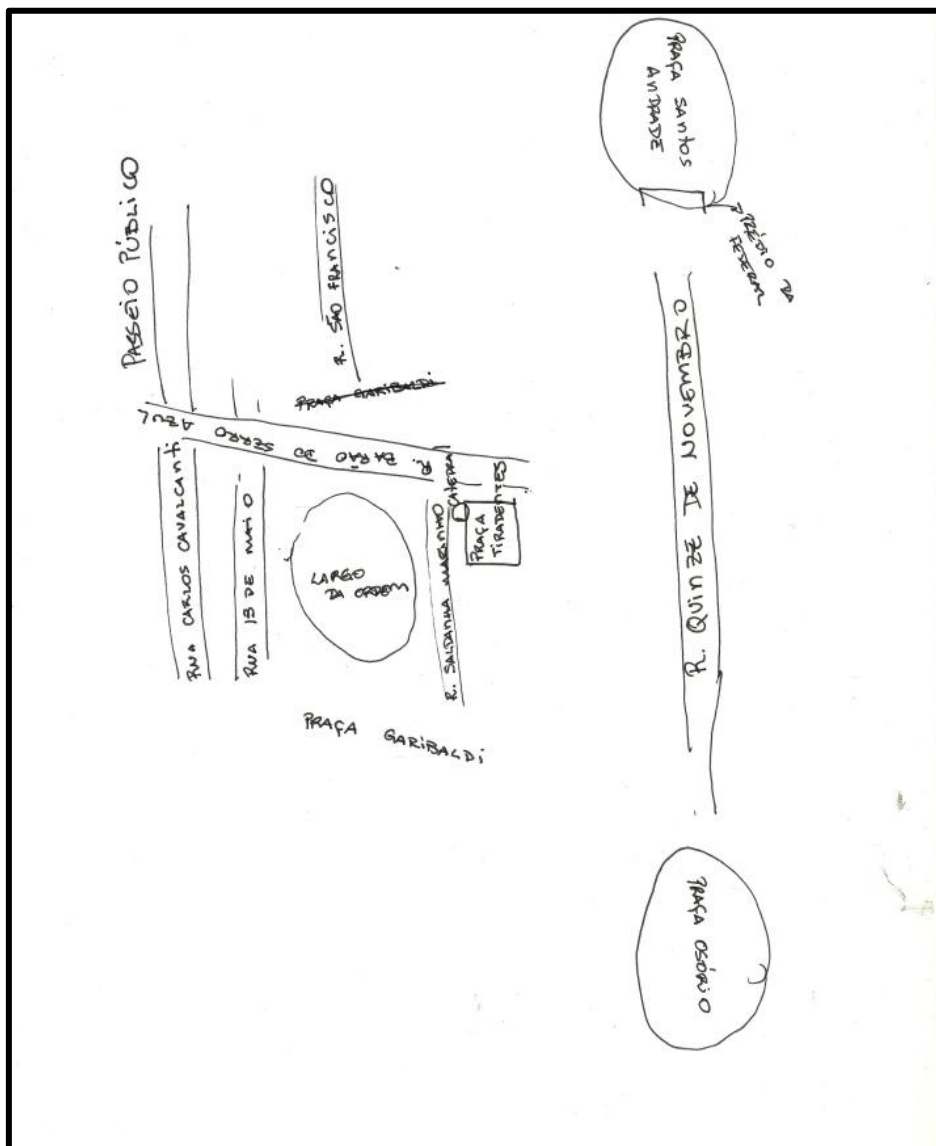


FIGURA 48 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 14

Participante nº 15

Do sexo feminino com 33 anos, cursou ensino médio e trabalhava como babá. Ela morava em São Paulo – SP e estava em Curitiba há duas semanas e frequentou o Centro Histórico pela primeira vez para visitar parentes e amigos. Não tinha conhecimento da área e não se interessava muito pela história e cultura da área pois não gostou muito, achou a área muito pacata.

Em seu mapa mental (FIGURA 49), disposto abaixo, a participante apresentou apenas um ícone e letras. O ícone, um elemento da paisagem construída, está disposto horizontalmente, e abaixo está uma frase e mais uma palavra solta, expressando o apreço que a entrevistada teve pelas Ruínas de São Francisco.

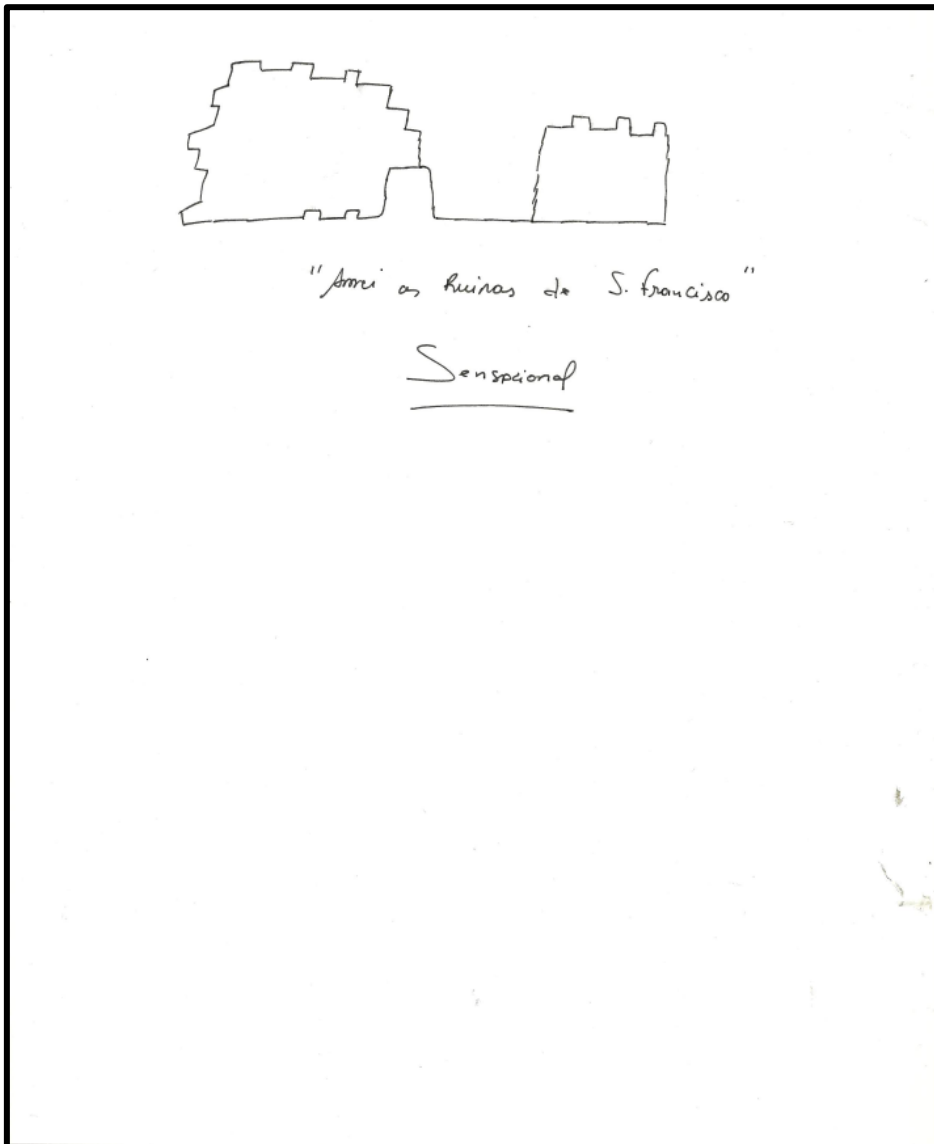


FIGURA 49 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 15

Na 3ª etapa da pesquisa, marcou dois itens, o Passeio Público e a BPP, porém depois afirmou não saber, e não concluiu a etapa.

Pode-se concluir que a experiência da participante no Centro Histórico não foi muito intensa, e que, comparado ao que está acostumada em São Paulo, achou a área muito calma. Apesar disso, demonstrou ter apreciado muito as Ruínas de São

Francisco, por não ser um elemento muito comum de se encontrar. Apesar de afirmar não ter interesse na história e cultura do Centro Histórico, fez diversas perguntas acerca das Ruínas, se mostrando bastante interessada.

Participante nº 16

Um homem de 48 anos que sempre morou em Curitiba, no momento da abordagem residindo no bairro Rebouças. Ele cursou ensino técnico, e atuava como professor e *designer* de moda, sendo a história e cultura paranaenses inspirações para suas coleções. Ele frequentava o Centro Histórico várias vezes na semana a passeio, pois tinha interesse na história. Tinha conhecimento da área pela mídia e por seus passeios e se interessava pela história e cultura da área por ser a identidade da cidade e por trabalhar com a temática.

Abaixo está o mapa mental elaborado pelo participante (FIGURA 50):

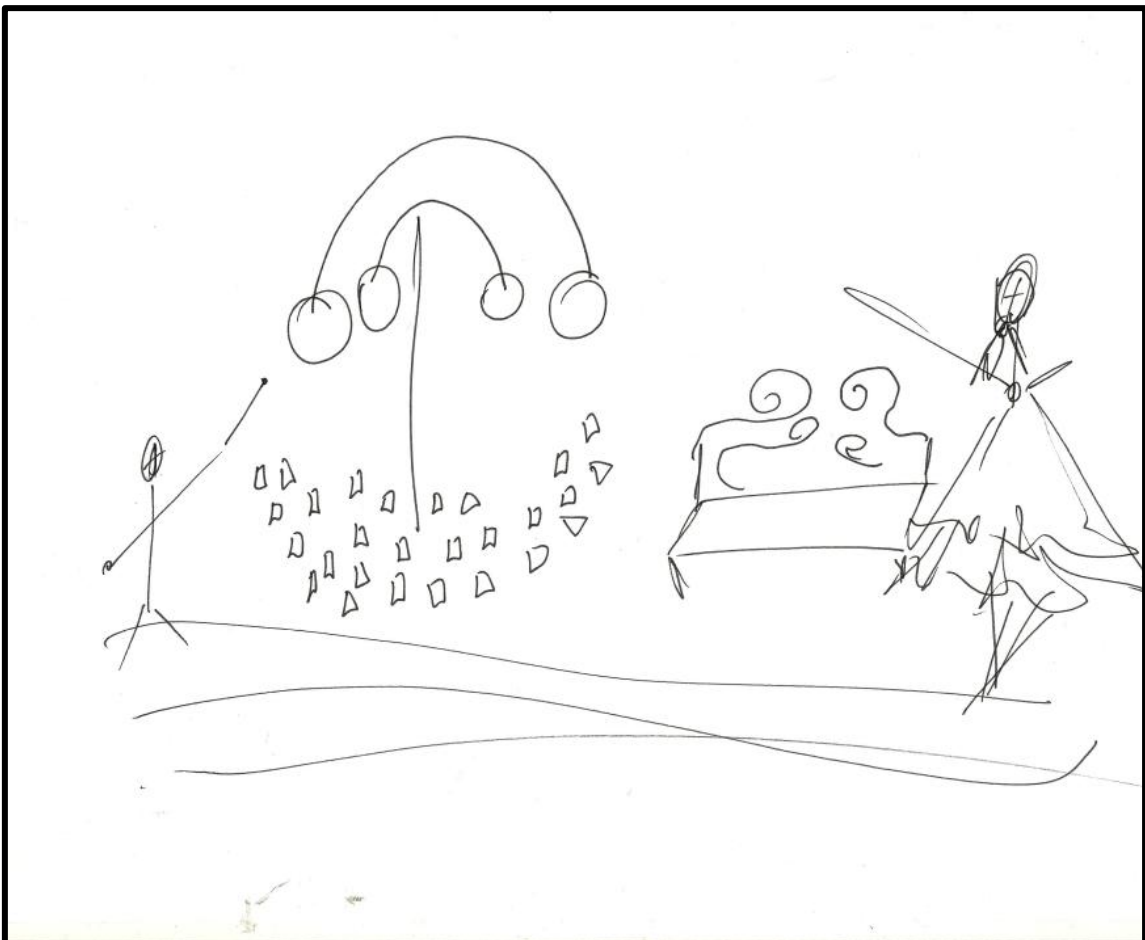


FIGURA 50 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 16

Observa-se nesse mapa mental a presença de ícones diversos, como uma luminária, duas pessoas, um banco de praça e pequenos quadrados e retângulos, simbolizando as calçadas de *petit-pavé*. Existem algumas linhas na base do desenho, sugerindo uma horizontalidade, porém os elementos parecem estar mais dispersos do que inseridos em um mesmo cenário. Entre a especificidade dos ícones, têm-se elementos da paisagem construída: a luminária, as calçadas e o banco, e elementos humanos: uma mulher que parece dançar, a qual parece vestir uma roupa folclórica, e um homem apontando para a luminária. Uma particularidade referente ao banco e à luminária é que são modelos que não existem mais no Centro Histórico, que seria um banco com mais detalhes e a luminária em forma de Pinheiro-do-Paraná.

No mapeamento do Centro Histórico ele marcou a Rua Barão do Cerro Azul, o Solar do Barão, a Rua Treze de Maio, o Passeio Público, o Prédio Histórico da UFPR e o Teatro Guaíra, todos de forma a completar uma flecha direcionada para o bairro Alto da XV. Na realidade, em suas considerações afirmou que fez essa marcação por considerar que essa área não recebe a devida atenção e valorização, mas não que considere que apenas essa seja o Centro Histórico de Curitiba.

É válido perceber que o interesse em história e cultura se destacam em suas colocações. No mapeamento, ele evidenciou a área onde há espaços culturais muito importantes para a cidade atualmente, espaços onde se produz a cultura, e onde ele atua. No mapa mental apresentou aspectos diversos, e muito instigantes. Na luminária e no banco, de modelos não mais encontrados em no Centro Histórico, percebe-se uma certa nostalgia por parte do participante, pelas mudanças ocorridas nesse espaço. O *petit-pavé* para ele é característico, e parece haver um apelo associado para que esse não seja mais um elemento extinto dessa área e que lhe gere esse sentimento nostálgico também. O homem do desenho aponta para a luminária e para o *petit-pavé* com orgulho, querendo exibir o que sua cidade tem. E a dançarina retrata a imigração e a multiculturalidade da cidade; ela agrega um certo dinamismo ao mapa mental e ao contexto.

Participante nº 17

Empresário com faixa etária de 45 anos, cursou ensino médio e reside há 5 anos em Curitiba, no momento no bairro Alto da Glória. Frequentava o Centro

Histórico diariamente a trabalho. O conhecimento que tinha sobre história e cultura da área ele procurou na mídia, e se interessava no tema para poder dar informações corretas a seus hóspedes.

Seu mapa mental (FIGURA 51) é uma particularidade. Há apenas um ícone, um coração, e uma frase no seu interior: “Centro Histórico de Curitiba onde tudo começou”, explicando o porquê da escolha do coração como representação do Centro Histórico.

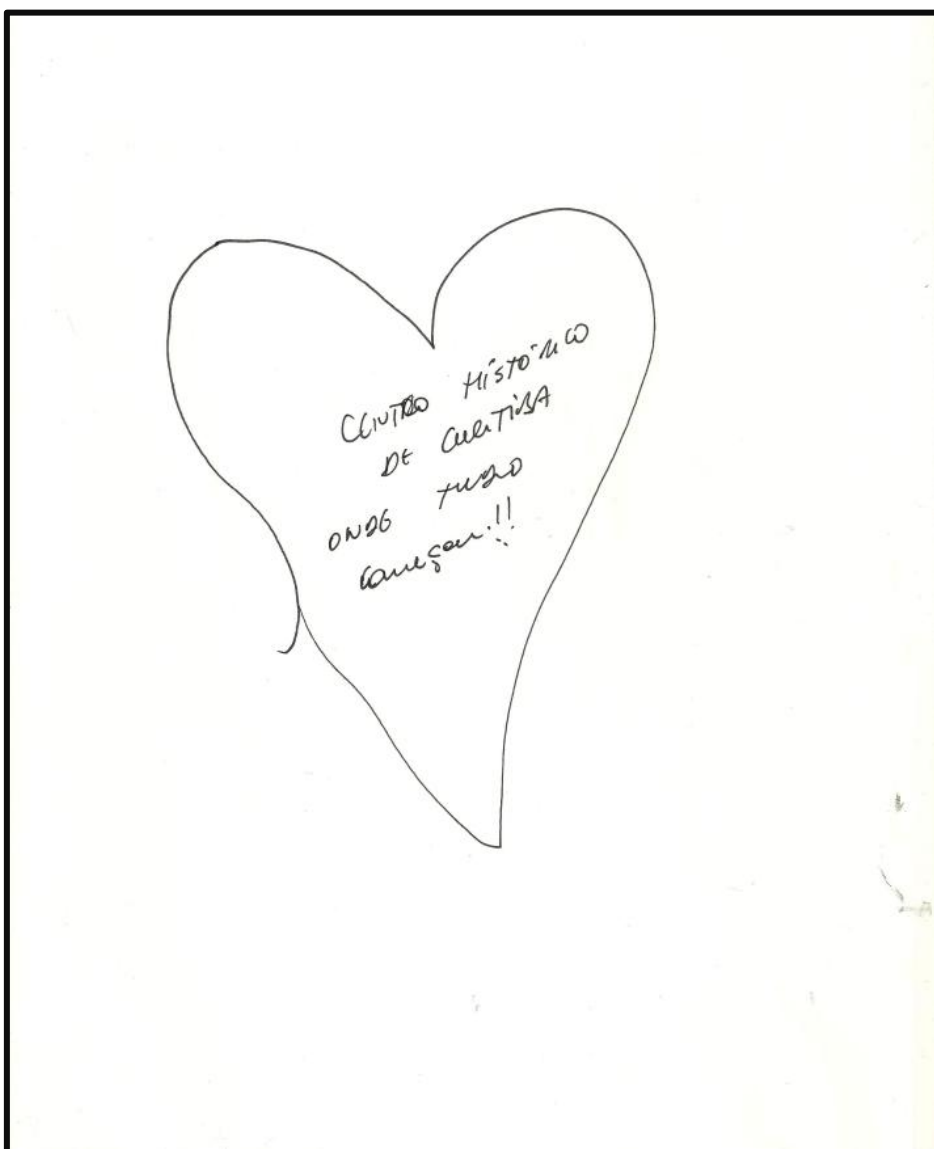


FIGURA 51 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 17

Em relação à demarcação do Centro Histórico no mapa, demarcou o trecho entre a Praça Garibaldi e a Rua São Francisco, e a Praça Tiradentes e seu entorno, de maneira integrada.

Percebe-se que apesar de não morar a tanto tempo em Curitiba, tem uma forte ligação com o Centro Histórico. Para ele, essa área é onde a cidade começou, e por isso é o coração da mesma, a alma da cidade. Isso despertou seu interesse comercial em atuar com o turismo nesse espaço, e por isso tem interesse em conhecer sempre mais, para valorizar a experiência de seus clientes na cidade, e em especial nessa área.

Participante nº 18

Um taxista com 33 anos, que cursou ensino médio e sempre morou em Curitiba, residindo no bairro Pilarzinho. Frequentava o Centro Histórico mensalmente a trabalho. Não tinha conhecimento da área e não se interessava pela história e cultura da mesma, pois considerava o turismo em Curitiba muito fraco, e alegou que o taxi é pouco procurado pelos turistas como meio de conhecer as atrações da cidade.

Em seu mapa mental (FIGURA 52), ele representou apenas um ícone, que consiste em um elemento da paisagem construída: a Fonte da Memória.

No mapeamento do Centro Histórico, marcou: a Praça Garibaldi, o Largo da Ordem, a Travessa Nestor de Castro, a Praça Tiradentes, o Solar do Barão, o Passeio Público e a BPP, porém de maneira isolada, sem considerar o Centro Histórico como um todo.

A falta de conhecimento e de interesse pelo Centro Histórico parece refletir uma insatisfação com o fato de que os taxis não são muito procurados pelos turistas em Curitiba para percorrer os pontos turísticos. Para o participante, parece que o único incentivo em conhecer a área seria se houvesse retorno profissional. O mapa mental revela um monumento que o participante associa ao Centro Histórico: a Fonte da Memória.

No mapeamento, o participante marcou alguns pontos do mapa como Centro Histórico, porém isoladamente, marcando mais o que considera atrativo para ele e para seus clientes.



FIGURA 52 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 18

Participante nº 19

Publicitária com 26 anos, cursou graduação e residia há 7 anos em Curitiba, no bairro Centro. Frequentava o Centro Histórico diariamente por ser moradora. Não tinha conhecimento da história e cultura da área, mas se interessava pelo assunto, pois considerava que nunca é demais entender mais sobre as construções.

Em seu mapa mental (FIGURA 53), que pode ser visto a seguir, apresentou apenas um ícone de característica geométrica, desenhado de maneira aleatória no papel. O ícone é um elemento de paisagem construída, no caso as calçadas do Centro Histórico, de paralelepípedo.

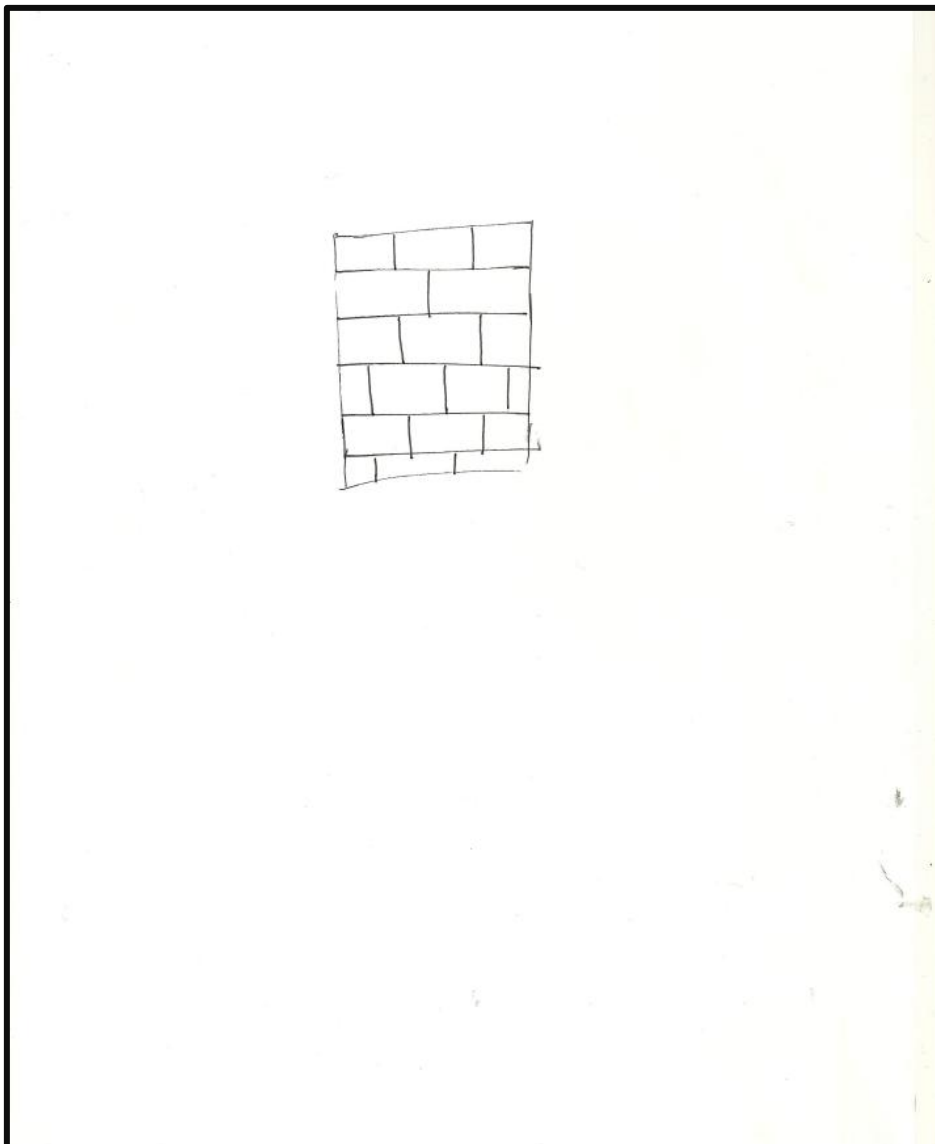


FIGURA 53 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 19

Demarcou alguns logradouros, porém separadamente: Praça do Redentor, Praça 19 de Dezembro, Rua Paula Gomes, Rua Presidente Carlos Cavalcanti, Rua Barão do Cerro Azul, Solar do Barão, Passeio Público, Rua Riachuelo, Rua São Francisco, Praça Garibaldi, Rua do Rosário, Praça Tiradentes, Paço da Liberdade, Praça Generoso Marques e Prédio Histórico da UFPR.

Apesar de morar no Centro Histórico, a participante não tem uma ligação muito forte com esse espaço. Ela destacou alguns locais isoladamente como Centro Histórico, incluindo a rua onde mora, a Rua Riachuelo. Por não conhecer muito sobre a história e cultura da área, o que mais chama a sua atenção são as calçadas antigas, de paralelepípedo e *petit-pavé*. Vale destacar que a rua onde mora é exatamente uma das ruas que recentemente foi revitalizada, e perdeu o calçamento

indicado no mapa mental, o que parece de certa forma justificar um pouco a relação pouco intensa da participante com esse espaço.

Participante nº 20

Bióloga com 23 anos, sempre morou em Curitiba, no bairro Boqueirão. Frequentava o Centro Histórico semanalmente para compras/serviços e para visitar o namorado, mas não tinha conhecimento da área. Se interessava pela história e cultura da área, pois muitas vezes passava pela mesma sem ter nada para fazer, seria interessante como distração.

Em seu mapa mental (FIGURA 54), ela apresentou alguns ícones, como a igreja, o bar e as pessoas, e utilizou-se de letras para identificar o bar. Os elementos estão dispostos de maneira horizontal, mas formam dois cenários diferentes. Quanto à especificidade dos ícones, são elementos da paisagem construída, sendo uma igreja e um bar, e elementos humanos, de características diferentes um do outro.

Na 3ª etapa da pesquisa circulou a área que considerou, incluindo o Setor Histórico, estendendo até o Solar do Barão, incluindo também as ruas São Francisco e Riachuelo, o calçadão da Rua XV de Novembro, a BPP e o Prédio Histórico da UFPR.

Destacou três características que considerou marcantes do Centro Histórico: a religiosidade, através da igreja desenhada, a diversidade, entendida pelos elementos humanos de características diferentes, e a presença dos bares, que aparecem como uma atração para esses elementos humanos. O mapa mental não parece inserir a participante nesse contexto do Centro Histórico. Apesar da frequência com que visita a área, não tem muito conhecimento a respeito da mesma, e seu interesse em conhecer melhor aparece mais como uma distração do que como uma curiosidade.

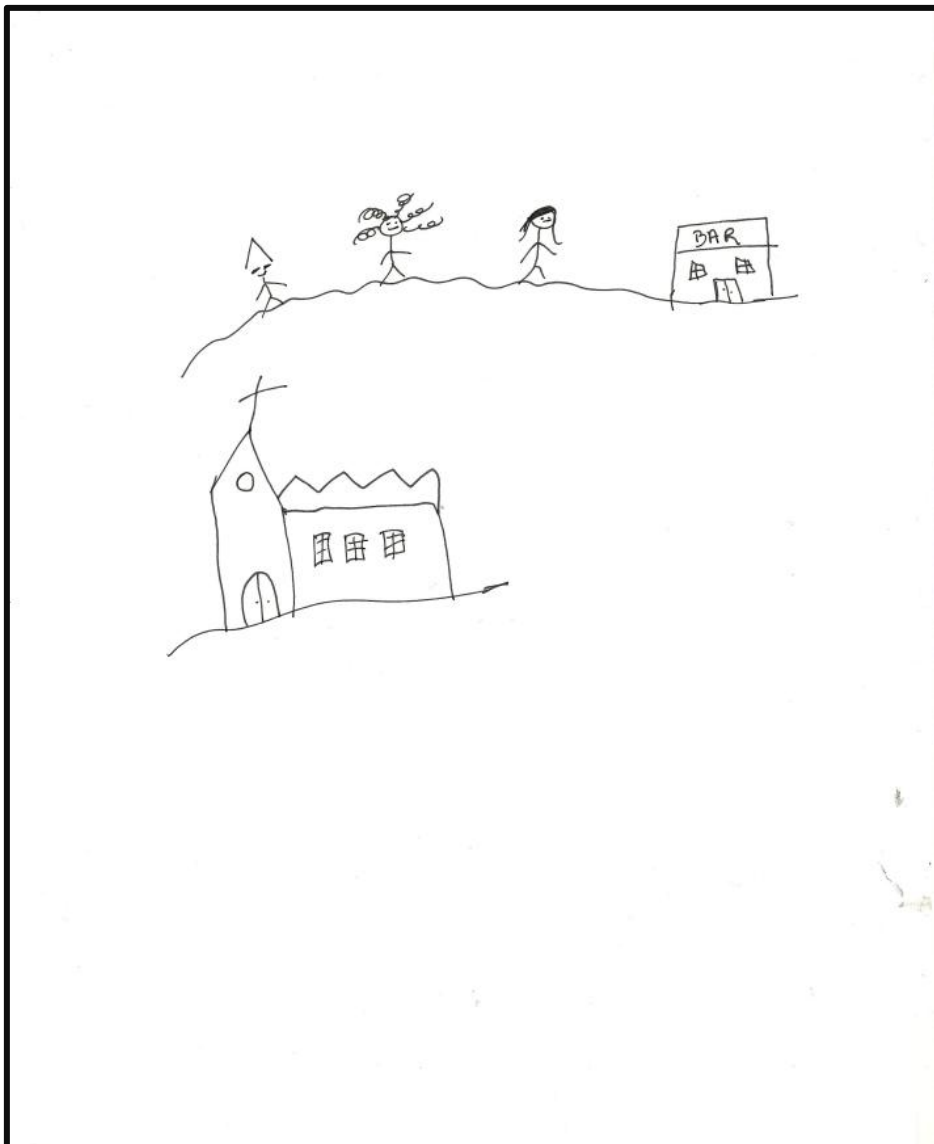


FIGURA 54 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 20

Participante nº 21

Uma jovem com 18 anos, estudante de graduação. Moradora de Curitiba, residindo no bairro Pinheirinho. Ela frequentava o Centro Histórico três vezes por semana, por motivos de estudo, conhecia pouco sobre os aspectos históricos e culturais do Centro Histórico, mas tinha interesse por achar interessante saber a respeito.

Seu mapa mental (FIGURA 55) pode ser visualizado a seguir, e apresenta um único ícone, que se trata de um elemento da paisagem construída, o Prédio Histórico da UFPR.

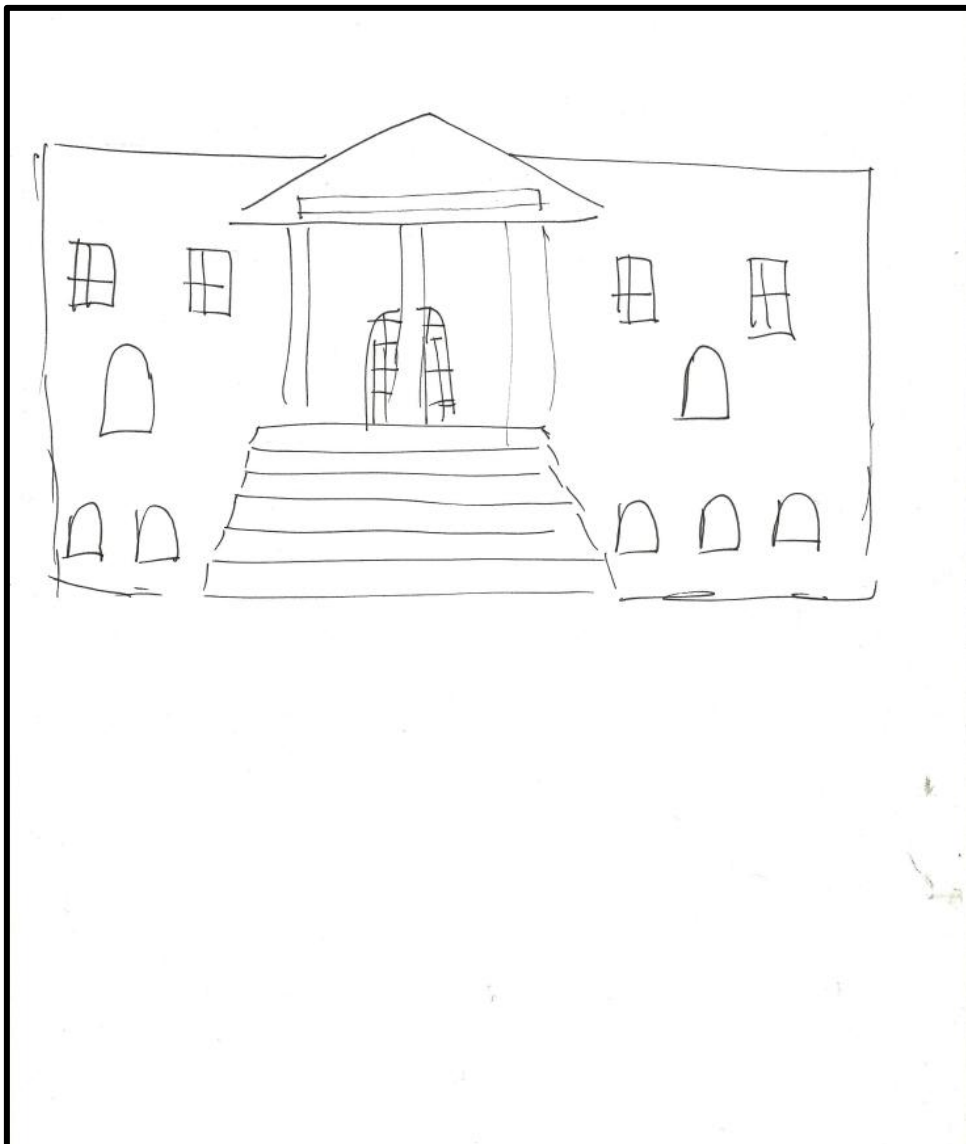


FIGURA 55 – MAPA MENTAL PARTICIPANTE Nº 21

Na 3ª etapa da pesquisa, marcou alguns elementos isoladamente como Centro Histórico: o Museu Paranaense e seu entorno, a Praça Tiradentes, o Passeio Público, a BPP, o Prédio Histórico da UFPR e a Praça Santos Andrade.

Não apresentou ter uma relação muito forte com o Centro Histórico, o qual frequenta por ter aula na UFPR. O elemento que representou em seu mapa mental foi justamente o Prédio Histórico da instituição, demonstrando o orgulho sentido por estudar na mesma, e a beleza histórica do edifício. Na demarcação do Centro Histórico demonstrou uma certa apreensão, por não conseguir dimensionar a área, então buscou marcar os lugares que conhecia que lhe pareciam mais antigos.

3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Em relação à primeira etapa da pesquisa, na qual foi traçado um perfil básico de cada participante, percebeu-se uma diversidade entre tais perfis. Uma análise quantitativa dos perfis não tem relevância para pesquisa, então serão apenas citados alguns dados referentes a essa etapa.

Os participantes tinham idade entre 18 e 72 anos, eram tanto do sexo feminino quanto masculino e tinham grau de instrução que ia desde ensino fundamental incompleto até doutorado. As profissões também divergiram, e incluíram: estudante, biólogo, contador, empresário, comerciante, guarda municipal, artesão, entre outros.

Com relação ao local de moradia, entre os participantes houveram quatro turistas, de Ponta Grossa (PR), Joinville (SC), São Paulo (SP) e Belo Horizonte (MG), dentre os quais dois visitavam pela primeira vez o Centro Histórico de Curitiba, e dois eram frequentadores mensais da área. Em relação aos participantes residentes, esses eram distribuídos entre municípios da RMC e os bairros da própria cidade. A maioria dos participantes residentes sempre morou em Curitiba, mas alguns se mudaram há menos tempo para a cidade.

Em relação à razão pela qual os participantes frequentavam o Centro Histórico, houveram variações: moradores, frequentadores a estudo ou trabalho, frequentadores por lazer ou à passeio, frequentadores para realização de compras e busca de serviços, ou para visitar parentes e/ou amigos. A maioria dos participantes apresentou, entre outras razões, justamente o fato de trabalhar ou estudar na área.

A maioria dos entrevistados frequentava a área diariamente, mas muitos frequentavam menos vezes, sendo a menor frequência relatada a de uma vez por mês, exceto pelos turistas que estavam pela primeira vez no Centro Histórico.

Analisando o conhecimento em relação aos aspectos históricos e culturais do Centro Histórico, notou-se que a maior parte dos participantes afirmou ter algum conhecimento, mesmo que pouco, vindo de diferentes fontes, dentre as quais a principal foi a mídia. A grande maioria ainda demonstrou interesse em saber mais a respeito desses aspectos, justificando principalmente por achar importante conhecer mais sobre a cidade.

Esses últimos dados apontam para uma significativa relevância do Centro Histórico, visto que a maioria dos entrevistados tinha algum conhecimento da área. Mas mais relevante ainda é o interesse que os participantes demonstraram em conhecer a respeito dos aspectos culturais e históricos da área. Apesar das justificativas variarem bastante, pode-se destacar a importância atribuída ao Centro Histórico enquanto fonte de conhecimentos sobre a cidade de Curitiba. Dessa forma fica evidente a necessidade e validade da utilização de técnicas de interpretação do patrimônio nesse espaço, visando possibilitar essa experiência educativa, demandada pelos usuários do Centro Histórico.

Em relação aos mapas mentais, a segunda etapa da pesquisa, a maioria dos mapas apresentou elementos físicos presentes no Centro Histórico, enquanto apenas um mapa mental foi elaborado em forma de mapeamento das ruas, e cinco expressaram o que seria o Centro Histórico de forma mais simbólica.

Dos elementos físicos apresentados, a maioria deles consistiu em elementos da paisagem construída, com destaque para as igrejas e para a Fonte da Memória. A presença das igrejas nos mapas mentais mostra como esse ícone é importante esteticamente nesse cenário do Centro Histórico, principalmente pela área abrigar as três igrejas mais antigas de Curitiba, mas também evidencia a religiosidade da área, muito forte desde o período que Curitiba ainda era uma pequena vila. Em relação à Fonte da Memória, vale ressaltar o fato desse elemento ter aparecido tantas vezes nos mapas mentais, pois na realidade ele em si foi construído apenas em 1995. Apesar de ser recente, percebe-se que já se trata de um elemento enraizado nesse cenário. Convém destacar que essa fonte rememora a época em que os colonos vinham para a região central da cidade para vender seus produtos, e seus cavalos bebiam água no bebedouro, que ainda existe no Largo da Ordem.

Os calçamentos também foram destacados em diversos mapas, evidenciando o quanto as calçadas de *petit-pavé* e de paralelepípedos são características da área, mesmo que nem sempre elas agradem a todas as pessoas. Outro elemento muito presente, de natureza imaterial, foi a questão da diversidade, principalmente entre as pessoas. E isso foi expresso como algo bom, uma atração dessa área.

Dentre os turistas, dois deles eram frequentadores do Centro Histórico, e seus mapas mentais foram muito simbólicos, um deles associando uma imagem positiva à área e destacando sua diversidade (participante nº 10), e o outro colocando que é uma área que desperta o conhecimento nas pessoas (participante nº 3), inserindo

ainda a figura da lâmpada, que remete à questão da ideia, como se o Centro Histórico fosse uma. Os outros turistas visitavam pela primeira vez o Centro Histórico, e os mapas revelam o que chamou mais atenção dos mesmos, as igrejas (participante nº 11) e as Ruínas de São Francisco (participante nº 15). Os mapas dos turistas evidenciam uma imagem bastante positiva do Centro Histórico de Curitiba, e como esses se sentiram bem em visitar essa área da cidade.

Em relação aos residentes mais recentes, que foram quatro, um deles apresentou o mapa que mais valoriza o Centro Histórico, apresentando-o como o coração da cidade (participante nº 17), outro morador demonstrou sentimentos mais negativos, mostrando achar que o Centro Histórico estava sufocado pelos altos prédios ao seu redor (participante nº 2). Outro mapa mental foi o do mapeamento das ruas (participante nº 14), que evidencia que, apesar de ter conhecimento da área, o participante não atribui uma carga simbólica tão forte ao espaço, e por fim, o outro mapa foi bem simples, no qual foi desenhado apenas um pedaço de calçada em paralelepípedo (participante nº 19). Enquanto um desses mapas agregou uma carga simbólica muito grande ao Centro Histórico, os demais mostraram um certo distanciamento dos participantes em relação à esse espaço.

Os mapas mentais dos moradores mais antigos de Curitiba mostraram mais os elementos construídos do Centro Histórico, tendo cada participante evidenciado os elementos de maior destaque em sua opinião (como os participantes nº 16 e nº 18). Alguns dos residentes demonstraram ainda em seus mapas elementos de sua experiência e hábitos com relação ao Centro Histórico (como os participantes nº 1 e nº 4). Um dos mapas mentais ainda evidenciou aspectos históricos particulares desse espaço (participante nº 5).

Comparando então os mapas mentais de residentes e turistas, pode-se dizer que os moradores mais recentes e os turistas, apesar de terem uma ligação mais recente com a área, parecem evidenciar mais seus sentimentos em relação ao Centro Histórico, demonstrando nos mapas mentais como se sentem nesse espaço. Enquanto isso, os moradores mais antigos de Curitiba procuraram destacar os elementos da paisagem construída que lhes são mais significativos e que marcavam mais o que seria esse Centro Histórico. A maioria dos mapas mentais desses moradores expressa o que atrai esses moradores à essa área da cidade, que pelos mapas, parece ser valorizada pela sua importância histórica.

Considerando as idéias de Tuan (1980; 1983), os mapas mentais evidenciam uma experiência mais intensa dos moradores com o Centro Histórico, mostrando que eles se identificam com os elementos desse espaço, e tem um maior conhecimento dos mesmos. Enquanto isso, os turistas costumam ter uma apreciação mais estética, evidente nos mapas mentais dos que estavam pela primeira vez no Centro Histórico; quanto aos turistas que frequentam o espaço com maior frequência, observa-se que há uma admiração pelo espaço, mas não focada em algum elemento específico, mas sim em todo cenário formado pelo mesmo.

Fazendo uma análise em relação à motivação em frequentar o Centro Histórico, notou-se que o mapa mental de um dos moradores expressou um descontentamento com a área (participante nº 2), enquanto outro exibiu apenas um trecho de calçadas (participante nº 19). Em relação às pessoas que afirmam frequentar o Centro Histórico unicamente por motivo de trabalho e estudo, não há um padrão para a análise dos mapas, a maioria representa os elementos mais marcantes para os moradores (como os participantes nº 12 e nº 21), mas há também o mapeamento (participante nº 14) e a valorização da área como o coração da cidade (participante nº 17). Em relação às pessoas que visitam o Centro Histórico a lazer, a passeio e para visitar amigos e parentes, a maioria de seus mapas destacou os elementos mais marcantes para os participantes, e de uma maneira positiva, demonstrando apreço pelo espaço (como os participantes nº 8, nº 13, nº 15 e nº 16).

A análise dos mapas mentais revelou as representações que os usuários fazem do Centro Histórico de Curitiba (BAILLY, 1985), que foram bem variadas, evocando elementos simbólicos e geográficos distintos. Analisando esses mapas de forma comparativa, é possível notar algumas semelhanças na maneira de os participantes com determinada característica elaborarem seus ícones, porém nem todas as características permitem que se façam esses agrupamentos, pois as experiências vividas por cada um são peculiares.

Percebeu-se, na análise dos mapas, que o Centro Histórico é tido como um lugar para seus usuários. Tuan (1983) e Rodrigues (2001) abordam a diferenciação entre espaço e lugar, afirmando que a experiência é que dá sentido ao lugar. Em alguns dos mapas mentais é possível captar justamente essa experiência, expressa nos elementos que evidenciam a ligação simbólica dos participantes com o espaço, o que transmite então sua percepção como lugar.

Em relação à terceira etapa da pesquisa, notou-se uma grande dificuldade na leitura do mapa, o que influenciou os resultados. A maioria dos participantes teve dificuldades em se situar no mapa e demarcar os logradouros que queria, portanto os resultados acabaram não tendo uma precisão tão grande. Mas é pertinente notar as diferentes formas como os participantes realizaram a marcação: enquanto alguns circulavam ou contornavam de forma abrangente o que consideravam como Centro Histórico, outros marcaram separadamente apenas alguns elementos. Isso mostra que enquanto algumas pessoas veem o Centro Histórico como uma área composta por diversos elementos, que em conjunto consistem no Centro Histórico, formando uma unidade, outros já determinavam que apenas alguns elementos são relevantes e podem ser associados à esse conceito.

Nas próximas páginas é apresentado um quadro (FIGURA 56), o qual mostra mais detalhadamente quais elementos foram destacados por cada participante, e se isso foi feito isoladamente ou de maneira integrada. É apresentado também um mapeamento desses resultados (FIGURA 57).

Apesar das divergências apresentadas por alguns dos participantes em suas colocações, que foram descritas na análise individual do material preenchido por cada um, vale destacar quais foram os elementos mais marcados pelos participantes no mapa. Os dois elementos mais destacados, por 14 participantes, foram a Praça Garibaldi e a Rua São Francisco (em especial a primeira quadra da rua, que começa a partir do Largo da Ordem). Além desses locais, outros que merecem destaque, por terem sido demarcados por metade dos participantes ou mais, são: Praça Tiradentes, Rua Claudino dos Santos, Largo da Ordem, Passeio Público, BPP e Praça João Candido. A maioria dos elementos mais destacados faz parte do Setor Histórico, área institucionalizada por sua relevância histórica e turística.

É importante destacar as diferenças de percepção que as pessoas têm do Centro Histórico de Curitiba, embora existam algumas coincidentes. Conforme exposto por Del Rio (1996) e Rodrigues (2001), isso ocorre porque cada um capta e interpreta de maneira distinta o espaço e os acontecimentos a sua volta. Sendo assim, mesmo quando há algumas semelhanças no perfil de uma pessoa para outra, a forma de pensar e as experiências vividas por cada uma são determinantes na influência da forma como vêem e se relacionam com o mundo.

Elemento / Participante	1	2	3	4	5	6	7	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Praça João Candido/Museu Paranaense	O					O	X	X	X	O	O	O	O						O	X
Praça Garibaldi	O	O				O		X	X	O	O	O	O			O	X	X	O	
Rua Claudino dos Santos	O	O	O			O			X	O	O	O	O			O	X		O	
Largo da Ordem	O	O	O						X	O	O	O	O			O	X		O	
Rua Mateus Leme	O									O			O			O	X		O	
Travessa Nestor de Castro	O				O					O			O			O	X		O	
Praça Tiradentes	O			X	O		X	X	X	O	O	O	O			O	X	X	O	X
Praça José Borges de Macedo	O				O				X	O		O	O						O	
Praça Generoso Marques	O				O		X		X	O		O	O					X	O	
Solar do Barão	O						X			O	O		O		O		X	X	O	
Praça do Redentor																		X		
Cemitério Municipal													O							
Shopping Muller	O							X	X				O							
Praça 19 de dezembro	O			X					X				O					X		
Rua Riachuelo	O				O					O			O					X	O	
Rua São Francisco	O	O	O		O	O			X	O	O	O	O			O		X	O	
Passeio Público				X	O			X	X		O		O	X	O		X	X		X
Colégio Estadual do Paraná				X									O							
Teatro Guaíra					O			X					O		O					
Praça Santos Andrade	O				O				X		O		O		O					X
Universidade Federal do Paraná	O				O		X		X		O		O		O			X	O	X
Rua XV de Novembro	O				O		X			O	O		O						O	
Rua Barão do Rio Branco																				
Praça Zacarias								X	X											
Praça General Osório										O			O							
Praça Rui Barbosa				X				X												
Biblioteca Pública do Paraná	O			X	O		X	X	X	O			O	X			X		O	X

Legenda: O - Elementos marcados de maneira conjunta X - Elementos marcados isoladamente

FIGURA 56 – QUADRO SOBRE O MAPEAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO

FONTE: MÄNNICH (2013)

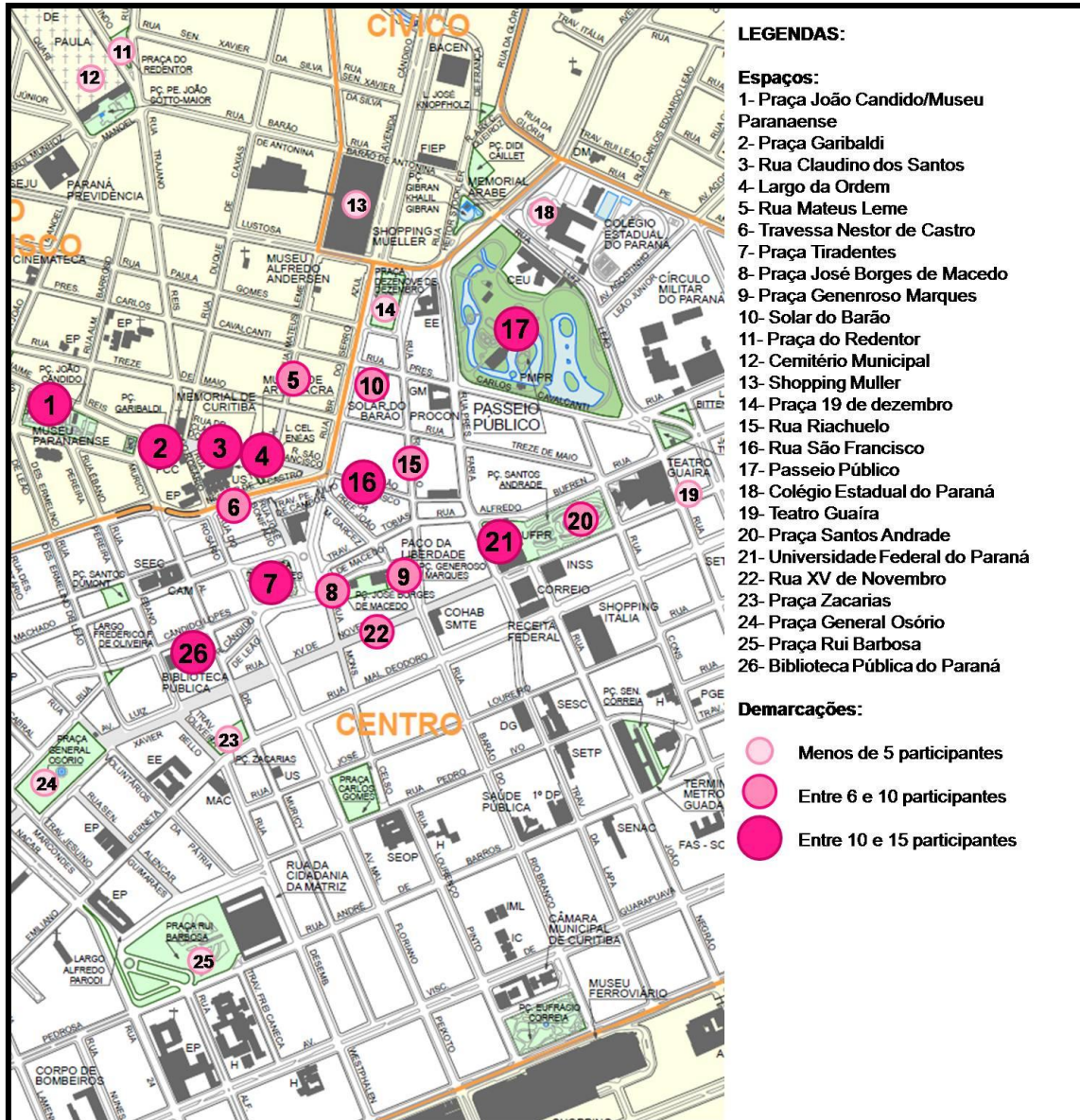


FIGURA 57 – MAPEAMENTO DO CENTRO HISTÓRICO

FONTE: IPPUC (2013), adaptado pela autora

O Centro Histórico de Curitiba pode ser abrangente ou bem restrito, pode ser um conjunto urbano integrado ou alguns elementos específicos na área central da cidade. Ele pode ser espaço de religiosidade, de confraternização em bares, de diversidade e de conhecimento. Ele pode ser uma área engolida pelos prédios, como pode ser um cenário antigo convidativo, coração da cidade de Curitiba. Pode ser local de contemplação e tranquilidade, como pode ser espaço de acontecimentos e festividades. Pode ainda ser local de valor histórico, de cavalos e carroças, de venda de produtos coloniais, como o local de comércio de artesanatos e trabalhos manuais. Pode ser local das antigas calçadas de *petit-pavé*, nas quais todo tipo de pessoas circula diariamente. Seja como for, é um lugar de experiências,

de vida de várias gerações de curitibanos, que deixam suas marcas, ou passam despercebidos, absorvendo o que já foi experienciado e tudo que esse lugar ainda oferece de história e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver essa pesquisa no âmbito da geografia humanista foi muito válido, pois tornou possível investigar como o Centro Histórico de Curitiba é percebido pelos seus usuários, e entender os significados atribuídos pelas pessoas ao mesmo, conforme a problemática e o objetivo geral adotados no trabalho.

Por meio das pesquisas documentais e bibliográficas realizadas, foi possível traçar um panorama sobre os estudos de percepção do espaço, bem como conhecer mais a respeito do espaço abordado no estudo, o Centro Histórico de Curitiba. Dessa forma, foram atingidos dois dos objetivos específicos propostos, e os demais foram alcançados por meio da pesquisa de campo.

De forma geral, percebeu-se que o Centro Histórico é valorizado por seus aspectos históricos e culturais, um diferencial evidente desse espaço. O poder público tem se preocupado com a preservação e revitalização dessa área, visando melhorá-la e minimizar problemas sociais existentes. Os incentivos têm sido voltados principalmente para a área cultural e turística, tendo em vista a maior valorização e movimentação deste espaço. Da mesma forma, a iniciativa privada está se mobilizando para gerar movimentação na área e conseqüentemente otimizar seus comércios e prestação de serviços. A mídia recentemente tem evidenciado essas iniciativas com o intuito de divulgação dos projetos e atividades desenvolvidos no Centro Histórico.

A pesquisa empírica propiciou conhecer pessoas com experiências variadas em relação ao Centro Histórico e detectar que embora o recorte espacial seja o mesmo, pode ser percebido de maneiras diversificadas. E essas diferentes percepções existentes exprimem o que a teoria já indicava, de que cada pessoa percebe o espaço ao seu redor de acordo com as relações e vínculos que estabelece com o mesmo.

O uso dos mapas mentais foi muito oportuno ao revelar as percepções dos participantes da pesquisa, e se mostrou um método muito válido e de grande contribuição, apesar da dificuldade em encontrar pessoas dispostas a participarem da pesquisa. Foi através da utilização dessa metodologia que se atingiu o objetivo proposto, de identificar como o Centro Histórico é percebido pelas pessoas que transitam nele.

A maioria dos mapas mentais evidenciou a paisagem construída do Centro Histórico, destacando as igrejas, a Fonte da Memória, e os calçamentos, elementos que parecem se sobressair no cenário. Alguns elementos remetem ao passado, mostrando que o aspecto histórico deste espaço é percebido pelas pessoas.

Foi possível detectar também alguns elementos voltados ao lazer presentes no Centro Histórico, como a Feira do Largo, e os bares. Em relação à imaterialidade, destaca-se o elemento diversidade, associado por alguns participantes em relação a esse espaço. O Centro Histórico se configura como um local onde pessoas com as mais diversas características e interesses circulam e interagem, um diferencial para alguns entrevistados.

Não foi possível estabelecer um padrão que diferencie as categorias entre os resultados da pesquisa realizada por moradores e turistas, visto que a frequência de circulação no Centro Histórico, a intensidade e apreciação das experiências dos participantes em relação a esse espaço se mostraram mais fortes do que o fato de morar ou não na cidade. Um dos mapas que mais evidenciou apreço a este espaço e a valorização de sua história foi elaborado por um turista, que visita o Centro Histórico com regularidade.

A maioria dos participantes apresentou um sentimento de apreço em relação ao Centro Histórico, e se identificou com esse espaço, considerando-o como o coração da cidade de Curitiba. Tal identificação ocorreu tanto pelo seu passado, no qual iniciou-se o desenvolvimento da Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, quanto pelo seu presente, no qual o cenário mescla os diversos momentos da cidade e as manifestações culturais.

Quanto a delimitação do que seria o Centro Histórico, não houve um padrão que permita dizer exatamente que área da cidade é considerada Centro Histórico e que elementos a compõem. Os elementos da paisagem construída determinam os limites desse espaço embora também apresentem grande variação. Mas vale ressaltar que a área abrangida pelo Setor Histórico (determinado pelo zoneamento da cidade) foi a área mais lembrada, associada ao Passeio Público (parque mais antigo da cidade), e a Biblioteca Pública, que apesar de não se situar em um edifício tão antigo, parece ter sido evidenciada por sua importância histórica e cultural para a cidade.

De forma geral, foi muito válida a realização da pesquisa, tanto pelos conhecimentos teóricos e metodológicos, como pelo próprio conhecimento do

Centro Histórico de Curitiba e das diferentes formas que ele é percebido pelas pessoas. Foi possível perceber como as experiências vividas por uma pessoa podem impactar na forma que elas percebem os lugares, e que um espaço não é nada por si mesmo, ele é aquilo que as pessoas percebem.

Os resultados encontrados com a pesquisa foram condizentes com o esperado, justamente por esses apontarem percepções diversificadas do Centro Histórico de Curitiba. A metodologia foi pertinente e satisfatória, apesar das dificuldades no processo, já apontadas anteriormente.

Partindo então dos resultados encontrados, diagnostica-se uma necessidade de abordar de maneira mais enfática o Centro Histórico no planejamento urbano e turístico da cidade, pensando não apenas sob o objetivo de melhoria estética. Notou-se que, apesar dos investimentos recentes voltados à revitalização do espaço, que não há uma preocupação com a apropriação simbólica do mesmo. Tanto moradores quanto turistas se mostraram interessados em conhecer mais a respeito dos aspectos culturais e históricos desse espaço, e isso deve ser explorado melhor, de forma a fortalecer a relação das pessoas com o Centro Histórico, e otimizar as experiências vividas nele.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. *In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (org.). Percepção ambiental: a experiência brasileira.* São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996. p. 139-152.
- AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J. F. Imagem, representação e geopolítica. *In: Elementos de epistemologia da geografia contemporânea.* MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.) Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 233-251.
- ANDRE, Y. Cartes mentales pour un territoire: à propôs du bassin de Genève. **Mappemonde**, n. 89/1, p. 12-15, 1989.
- ANDRE, Y.; BAILLY, A. La géographie a l'école: représentation et imaginaire. *In: ANDRE, Y.; BAILLY, A.; CLARY, M.; FERRAS, R.; GUÉRIN, J-P. Modèles géographiques et représentations spatiales.* Paris: Anthropos/Reclus, 1990. p. 9-23.
- APRESENTAÇÕES de Natal. Disponível em: <<http://www.curitibacapitaldonatal.com.br/apresentacoes.html>>. Acesso em: 10/12/2012.
- ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROTSDORF, M. A. S. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Geografia**, Londrina, v. 13, n. 1, p.127-141, jan./jun. 2004. Disponível em: <www.uel.br/revistas/geografia/v13n1eletronica/7.pdf> Acesso em: 10 maio 2012.
- BAILLY, A. Distances et espaces: vingts ans de Géographie des representations. *In: L'espace Géographique.* v.3. Paris, 1985. p. 197-205.
- _____. Géographie humaine: introduction. *In: BAILLY, A. (org.). Les concepts de la géographie humaine.* Paris: Armand Colin, 1998. p. 19-24.
- _____. L'humanisme en géographie: réflexion et principes. *In: BAILLY, A.; SCARIATI, R. L'humanism en géographie.* Paris: Anthropos, 1990. p. 9-11.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BEM Paraná. **Caminhada passa por pontos históricos na capital.** Curitiba, 23 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/noticia/224028/caminhada-passa-por-pontos-historicos-da-capital>>. Acesso em: 23/07/2012.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo.** 12. ed. São Paulo: Senac, 2007.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: um século (3).* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.

BORTOLIN, R. Confira um guia de atrações de Natal em Curitiba. **Gazeta do Povo**, 13 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/m/conteudo.phtml?tl=1&id=1327638&tit=Confira-um-guia-de-atracoes-de-Natal-em-Curitiba>>. Acesso em: 18/12/2012.

BORGES, J. N. O Centro Histórico de Curitiba: Da vila à cidade. *In*: OLIVEIRA, C. E. F. de; BORGES, J. N.; SILVA, R. da. **Memória da cidade: história e patrimônio urbano no Brasil**. Curitiba: Caixa Cultural, 2011. n. p.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CIFFONI, A. L.; SUTIL, M. S.; BARACHO, M. L. G. Espaços do passado e do presente FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA (FCC). **Boletim Casa Romário Martins**, Curitiba, v. 30, n.130, mar. 2006.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

_____. O Papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. *In*: **Matrizes da Geografia Cultural**. ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

_____. Uma, ou algumas, abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana? *In*: **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. SERPA, A. (org.). Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-32.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORREIA, M. A. **Representação e ensino: a música nas aulas de Geografia: emoção e razão nas representações geográficas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/21190>>. Acesso em: 15/10/2012.

CURITIBA. Decreto nº 1160, de 5 de agosto de 1971.

_____. Decreto nº 1547 de 14 de dezembro de 1979. **Diário Oficial do Município**, Curitiba, PR, 20 dez. 1979.

_____. Lei nº 9800/2000, de 3 de janeiro de 2000. **Diário Oficial do Município**, Curitiba, PR, n. 21, 2000. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-de-curitiba/906873/lei-consolidada-9800-2000-curitiba-pr.html>>. Acesso em: 15/08/2012.

DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real: Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do RJ. *In*: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (org.). **Percepção**

ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996. p. 3-22.

DESTEFANI, C. **E tudo nasceu à margem de um riacho.** O Estado do Paraná, Curitiba, 29 mar. 1979.

DRECHSEL, D. A. UFPR se veste de branco novamente. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 3 out. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?ema=1&id=1303470>>. Acesso em: 10/04/2012.

FAVRETTO, A. Rede quer incrementar o turismo no Largo da Ordem. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 set. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1301128&tit=Rede-quer-incrementar-o-turismo-no-Largo-da-Ordem>>. Acesso em: 29/12/2012.

FENIANOS, E. E. **Almanaque Kur'yt'uba.** Curitiba: UniverCidade, 2002.

_____. **Centro:** aqui nasceu Kúr'yt'ýba. Curitiba: UniverCidade, 1996.

_____. **Linha Pinhão:** pegadas da memória. Curitiba: Prefeitura Municipal, 1993.

_____. **São Francisco:** uma história de monumentos. Curitiba: UniverCidade, 1998.

FORONE, P. **Zombie Walk.** 2011. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1103444&tit=Zumbis-monstros-e-mumias-a-solta-em-Curitiba>>. Acesso em: 10/01/2013.

FRAGA, F. Procissão reúne 1.500 pessoas na Festa da Luz. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 08 set. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1295348&tit=Procissao-reune-1500-pessoas-na-Festa-da-Luz>>. Acesso em: 29/12/2012.

FRANCO, A. P. Roteiro a pé leva turistas a viagem histórica e gastronômica pelo Centro de Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/turismo/conteudo.phtml?id=1238407&tit=Roteiro-a-pe-leva-turistas-a-viagem-historica-e-gastronomica-pelo-Centro-de-Curitiba>>. Acesso em: 04/04/2013.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA (FCC). **Casa da Memória.** Curitiba, 2013a. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/casa-da-memoria/>>. Acesso em: 09/04/2013.

_____. **Corrente Cultural.** Curitiba, 2013b. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/grandes-eventos/corrente-cultural/>>. Acesso em: 12/01/2013.

_____. **Curitiba Apresenta,** Curitiba, jan. 2013c, n. 67. Disponível em: <www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br>. Acesso em: 09/11/2013.

_____. **Festival de Curitiba.** Curitiba, 2013d. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/grandes-eventos/festival-de-teatro/>>. Acesso em: 12/01/2013.

_____. **Trilhas da cidade da gente: Roteiro 1.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba / Secretaria Municipal da Educação, 2007a.

_____. **Trilhas da cidade da gente: Roteiro 2.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba / Secretaria Municipal da Educação, 2007b.

_____. **Trilhas da cidade da gente: Roteiro 2.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba / Secretaria Municipal da Educação, 2007c.

_____. **Trilhas da cidade da gente: Roteiro 4.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba / Secretaria Municipal da Educação, 2007d.

_____. **Trilhas da cidade da gente: Roteiro 6.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba / Secretaria Municipal da Educação, 2007e.

_____. **Trilhas da cidade da gente: Roteiro 7.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba / Secretaria Municipal da Educação, 2007f.

GALVÃO, W. **Que geografia se ensina?** Um estudo sobre representações de geografia segundo alunos da 6ª série do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/13631>>. Acesso em: 15/10/2012.

GARIBALDIS e Sacis vem aí: Lançamento do Pré Carnaval de Curitiba no próximo sábado. Disponível em: <<http://blogdotarso.com/2013/01/10/garibaldis-e-sacis-vem-ai-lancamento-do-pre-carnaval-de-curitiba-no-proximo-sabado/>>. Acesso em: 12/01/2013.

GOMES, P. C. **Geografia e Modernidade.** 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HLADCZUK, A. M.; BARZ, E. L.; SUTIL, M. S.; BOSCHILIA, R. **História de Curitiba.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000.

HOLZER, W. A Geografia Humanista anglo-saxônica – de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-146, jan./dez. 1993. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/RBG/RBG%201993%20v55_n1_4.pdf>. Acesso em: 16/08/2012.

_____. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista norte americana. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16. 2010, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4466>. Acesso em: 15/08/2012.

_____. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/130/127>>. Acesso em: 15/08/2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Paraná: Curitiba. Disponível em <www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410690> Acesso em 5 maio. 2012.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Editora Thomson, 2003.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **Bairro Centro**. 1 mapa. Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 07/04/2013.

_____. **Contrato de Gestão 2009**. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.contratodegestao.curitiba.pr.gov.br/Multimedia/pdf/Contratos/2009/Instituto%20de%20Pesquisa%20e%20Planejamento%20Urbano%20de%20Curitiba%20%20IPPUC.pdf>>. Acesso em: 1/08/2012.

_____. **Contrato de Gestão 2010**. Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.contratodegestao.curitiba.pr.gov.br/Multimedia/pdf/Contratos/2010/IPPU C.pdf>>. Acesso em: 1/08/2012.

_____. **Contrato de Gestão 2011**. Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.contratodegestao.curitiba.pr.gov.br/Multimedia/pdf/Contratos/2011/IPPU C.pdf>>. Acesso em: 1/08/2012.

_____. **Contrato de Gestão 2012**. Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.contratodegestao.curitiba.pr.gov.br/Multimedia/pdf/Contratos/2012/IPPU C.pdf>>. Acesso em: 1/08/2012.

_____. **Informações sobre a revitalização das ruas Riachuelo e São Francisco**. Curitiba, [2011?]. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 23/07/2012.

_____. **Zoneamento 2000 com sistema viário básico**. 1 mapa. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 10/01/2013.

_____. **Marco Zero**. Curitiba, [200-]. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/>>. Acesso em 15/08/2012.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO – CURITIBA TURISMO (CTUR). **Curta Curitiba a pé**. Curitiba, 2012. Apresentação de Power Point.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO – CURITIBA TURISMO (CTUR); FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA (FCC); PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (PMC). **Curta Curitiba a pé**. Curitiba, 2012. 1 fôlder.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO – CURITIBA TURISMO (CTUR);
PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (PMC). **Mapa Turístico**. Curitiba, [2012?].
1 fôlder.

KASHIWAGI, H. M. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela Parolin em Curitiba**.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade
Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/1287>>.
Acesso em: 15/10/2012.

_____. **Representações da paisagem no parque nacional de Superagui: a homonímia sígnica da paisagem em áreas preservadas**. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/26153>>. Acesso em: 15/10/2012.

KOZEL, S. As representações no geográfico. *In*: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 215-232.

_____. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “Capital Ecológica”**. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. *In*: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.) **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2006. p.114-138.

LEAHY, A. **Curitiba: nas curvas do tempo**. Curitiba: Instituto Memória, 2008.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENESES, J. N. C. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. Interpretação, preservação e turismo: uma introdução. *In*: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 9-12.

MURTA, S. M.; GOODEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. *In*: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Org.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 13-46.

MUSEU Paranaense. Disponível em: <<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/>>. Acesso em: 14/01/2013.

NAVOLAR, J. D. **A arquitetura resultante da preservação do patrimônio edificado em Curitiba**. Curitiba: Factum Pesquisas Históricas, 2011.

NITSCHKE, L. B. **O significado do turismo no roteiro “Caminhos de Guajuvira”**, Araucária/PR. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/10830>>. Acesso em: 15/10/2012.

NUNES, S. Psycho Carnaval traz rock, carros e zumbis para o Carnaval de Curitiba. **G1**, 16 fev. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/parana/noticia/2012/02/psycho-carnival-traz-rock-carros-e-zumbis-para-o-carnaval-de-curitiba.html>>. Acesso em: 19/12/2012.

O ESTADO do Paraná. **Praça Tiradentes vira sítio arqueológico**. Curitiba, 03 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/canal/opiniaio/news/280762/>>. Acesso em: 10/04/2013.

OLIVEIRA, L. de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. *In*: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 189-196.

PANORAMA do Turismo. **Centro histórico de Curitiba quer ser mais conhecido**. Curitiba, 2012a. Disponível em: <http://panoramadoturismo.com.br/centro-historico-de-curitiba-que-ser-mais-conhecido/>. Acesso em: 03/10/2012.

_____. **Centro histórico divertido faz homenagem à criança**. Curitiba, 3 out. 2012b. Disponível em: <<http://panoramadoturismo.com.br/centro-historico-divertido-faz-homenagem-a-crianca/>>. Acesso em: 03/10/2012.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I S.; OLIVEIRA, A. P. de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 35, p.173-178, set./2010. Disponível em: <www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html> Acesso em: 10 abr. 2012.

PIRES, M. J. **Lazer e turismo cultural**. Barueri: Manole, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (PMC). **Luciano Ducci resgata a memória de Curitiba com a renovação da São Francisco**. Curitiba, 20 dez. 2012a. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/luciano-ducci-resgata-a-memoria-de-curitiba-com-a-renovacao-da-sao-francisco/28206>>. Acesso em: 09/04/2013.

_____. **Mercado Municipal tem novo posto de serviços a turistas**. Curitiba, 28 dez. 2012b. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/mercado-municipal-tem-novo-posto-de-servicos-a-turistas/28194>>. Acesso em: 08/01/2013.

_____. **Prefeitura e Iphan vão revitalizar setor histórico.** Curitiba, 24 out. 2011. Disponível em: <www.curitiba.pr.gov.br/noticias/noticiainpressao.aspx?codigo=24702>. Acesso em 23/07/2012.

_____. **Setor histórico é destaque entre as atrações turísticas.** Curitiba, 8 jan. 2012c. Disponível em: <www.curitiba.pr.gov.br/noticias/noticia.aspx?codigo=25511>. Acesso em: 23/07/2012.

REDE Empresarial do Centro Histórico de Curitiba. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CentroHistoricoCuritiba>>. Acesso em 07/01/2013.

ROCHA, L. B. Fenomenologia, Semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 67-79, 2002/2003. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2796363> Acesso em: 3 maio. 2012.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Espaço: Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SARMENTO, J. C. V. **Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores.** Coimbra: Fundação Calouste Gulbekian, 2004.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (SEEC). **Bens tombados em Curitiba.** Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/municipio.php>>. Acesso em: 23/07/2012.

SEEMANN, J. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **Olam Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 03, n.1, p. 200-223, set./2003. Disponível em: <www.olam.com.br/abstracts/abstract5/seemann.htm> Acesso em: 25 abr. 2012.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO PARANÁ (SEBRAE-PR). **Rede Empresarial Centro Histórico de Curitiba.** Curitiba, 2012. Apresentação de Power Point.

SIMÕES, A. Centro Histórico ganha novos ares. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 set. 2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1299181&tit=Centro-Historico-ganha-novos-ares>>. Acesso em: 10/01/2013.

SOUSA, L. F. **Espaços dialógicos dos barqueiros na Amazônia: uma relação humanista com o rio.** Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/28426>>. Acesso em: 15/10/2012.

SOUZA, M. E. A. de. Sinalização Turística e percepção do espaço geográfico. **Turismo – Visão e Ação**, v. 8, n.1, jan.-abr./2006. p. 165-176.

TAVARES, O. O fim das pedrinhas petit-pavé. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 dez. 2012. Disponível em:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1329160&tit=O-fim-das-pedrinhas-petit-pave>>. Acesso em: 19/12/2012.

TORRES, M. A. **A paisagem sonora na Ilha dos Valadares**: percepção e memória na construção do espaço. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/1884/19665>>. Acesso em: 15/10/2012.

TREVISAN, E. **O Centro Histórico de Curitiba**: sua formação – tentativa de localização de seus moradores. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1996.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UEMURA, M. H.; OLIVEIRA, M. F. de. Projeto de Pesquisa Feira do Largo da Ordem. Curitiba: Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo, 2011a. Arquivo em PDF. *No prelo*.

_____. Projeto de Pesquisa Linha Turismo – 2011. Instituto Municipal de Turismo – Curitiba Turismo, Curitiba, 2011b. Arquivo em PDF. *No prelo*.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 1996.


URBANIZAÇÃO DE CURITIBA S. A. (URBS). **Richa propõe ao orçamento da União R\$ 148 milhões em novas obras para a cidade**. Curitiba, 23 jan. 2007. Disponível em:
<<http://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/PORTAL/noticias/index.php?cod=22>>. Acesso em: 15 out 2012.

VIDAL, L. **Virada Cultural**. 2012. 1 fotografia, color. Disponível em:
<<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/galeria/main/album?id=72157631982099811>>. Acesso em: 15/01/2013.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 27-62.

APÊNDICE

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

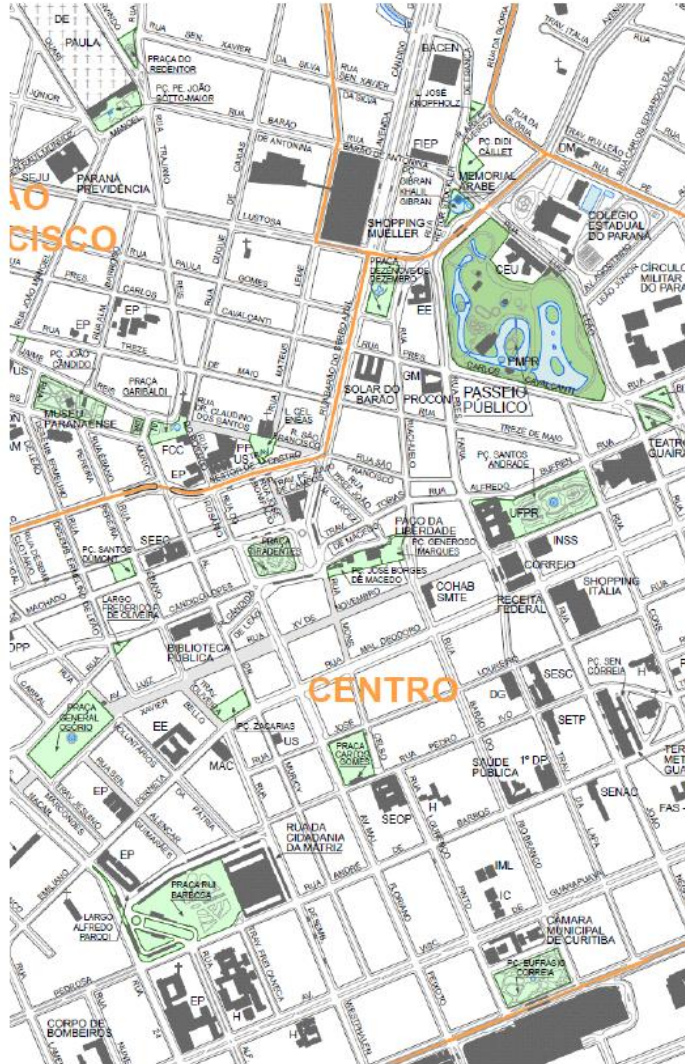
<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA</p>	
<p>PESQUISA: “Centro Histórico de Curitiba: Múltiplas Percepções”</p>	
<p>Pesquisadora: Carla Männich</p>	<p>Data: ____/____/2012</p>
<p>Orientadora: Salete Kozel</p>	
<p>Identificação do participante:</p>	
<p>Sexo: _____</p>	<p>Idade: _____</p>
<p>Profissão: _____</p>	<p>Escolaridade: _____</p>
<p>ETAPA 1 – Questionário</p>	
<p>1. Qual seu local de residência?</p> <p>() Curitiba. Bairro: _____</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; margin-left: 20px;"> <p>Há quanto tempo mora em Curitiba?</p> <p>_____</p> </div> <p>() Outro: _____</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; margin-left: 20px;"> <p>Há quanto tempo está em Curitiba?</p> <p>_____</p> </div>	<p>() Outro: _____</p>
<p>2. É a primeira vez que você frequenta o Centro Histórico de Curitiba?</p> <p>() Sim</p> <p>() Não</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; margin-left: 20px;"> <p>Com que frequência o frequenta?</p> <p>_____</p> </div>	<p>4. Você tem conhecimento a respeito dos aspectos históricos e culturais do Centro Histórico de Curitiba?</p> <p>() Não</p> <p>() Sim</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; margin-left: 20px;"> <p>Qual a fonte das informações obtidas?</p> <p>() Estudou na Escola/Faculdade</p> <p>() Realizou visita guiada</p> <p>() Mídia (TV, revistas, internet,...)</p> <p>() Painéis informativos</p> <p>() Folders turísticos</p> <p>() Outra: _____</p> </div>
<p>3. Por que razões você frequenta o Centro Histórico de Curitiba?</p> <p>() Sou morador</p> <p>() Trabalho ou estudo</p> <p>() Compras e serviços</p> <p>() Lazer</p> <p>() Passeio</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; margin-left: 20px;"> <p>Qual motivo pelo qual quis conhecer o Centro Histórico de Curitiba?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> </div>	<p>5. A cultura e história do Centro Histórico de Curitiba despertam seu interesse?</p> <p>() Sim</p> <p>() Não</p> <p>Por quê? _____</p> <p>_____</p>
<p>6. Comentários:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	

ETAPA 2 – Mapa Mental

1. Por meio de um desenho, expresse nessa folha o que é o Centro Histórico de Curitiba para você.

ETAPA 3 – Demarcação do Centro Histórico de Curitiba

1. Destaque no mapa abaixo a área que você considera ser o Centro Histórico de Curitiba.



2. Comentários:
